Universidade Estadual Paulista – UNESP
"Júlio de Mesquita Filho"
Instituto de Artes

AMÉLIA NATALINA CONSTANTE GARCIA

EXPERIÊNCIAS DE VIDA E FORMAÇÃO CONTINUADA DE ARTE-EDUCADORES

São Paulo
2008

AMÉLIA NATALINA CONSTANTE GARCIA

EXPERIÊNCIAS DE VIDA E FORMAÇÃO CONTINUADA DE ARTE-EDUCADORES

Dissertação para a obtenção do Título de Mestre em Artes Visuais, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto de Artes – IA, da Universidade Estadual Paulista – UNESP, campus Ipiranga, São Paulo. Área de Concentração: Artes Visuais. Sob a orientação da Profª. Drª. Luiza Helena da Silva Christov

São Paulo

2008

Ficha catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da UNESP

Garcia, Amélia Natalina Constante

G165e Experiências de vida e formação continuada de arte-educadores / Amélia Natalina Constante Garcia. - São Paulo : [s.n.], 2008.
220 f.

Bibliografia
Orientador: Profa. Dra. Luiza Helena da Silva Christov.
Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes.

1. Arte - Educação. 2. Experiência de vida. 3. Formação continuada-Prática pedagógica. I. Christov, Luiza Helena da Silva. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD - 707
CDU – 7.07

AMÉLIA NATALINA CONSTANTE GARCIA

EXPERIÊNCIAS DE VIDA E FORMAÇÃO CONTINUADA DE ARTE-EDUCADORES

Dissertação para a obtenção do Título de Mestre em Artes Visuais no Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto de Artes – IA, da Universidade Estadual paulista – UNESP, campus Ipiranga, São Paulo.
Área de Concentração: Artes Visuais.
Sob a orientação da Profª. Drª. Luiza Helena da Silva Christov.

Aprovada em:___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

_____
Profª. Drª. Luiza Helena da Silva Christov
Instituto de Artes-IA, Universidade Estadual Paulista-UNESP.

_____
1ºExaminador

_____
2ºExaminador

São Paulo,.... de .....de 2008.

DEDICATÓRIA

Vou levar sempre em minh’alma
O cheiro da infância e o gosto

da felicidade de ser mãe.

Para meus filhos,

Diego, Lara e Junior, com carinho.

AGRADECIMENTOS

Agradecer a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para que esse trabalho tomasse corpo e alma. Deixo aqui meus agradecimentos sinceros

À Deus que me deu forças para buscar e acreditar ser possível.

Minha orientadora Professora Drª Luiza Helena da Silva Christov, que me ajudou, ouviu e tocou profundamente, não só pela sua sabedoria sem par, mas acima de tudo por ser um ser humano admirável.

Meus professores da UNESP: José Leonardo, Eunice, Palma e Pelópidas, por terem partilhado comigo a força da arte no estudo da história da humanidade.

Aos Professores Dr. João Palma Cardoso Filho e Drª Lóris Rampazzo, pelas valiosas orientações na qualificação.

À Diretoria de Educação Básica do SESI-SP, professora Amélia Ignácio Pereira Magalhães, pela oportunidade de realizar esse sonho.

À Gerência de Educação Básica, Maria José Zanardi Dias Castaldi, não só pela sua postura e profissionalismo inigualáveis, mas acima de tudo por ter um coração que acolhe e partilha comigo um pouco de si mesma.

Aos professores que participaram deste trabalho, pelo carinho, dedicação, confiança e respeito com que narraram suas histórias e criaram suas imagens, possibilitando sua realização.

Aos meus amigos e companheiros de trabalho, com quem compartilhei momentos de alegria e esperança, sempre com gestos e palavras de carinho: Maria Cristina, Mario, Bruno, Cíntia, Eliane, Adriana, Viviane e especialmente à Cidamara.

Em especial à minha amiga e revisora Jaqueline Oliveira Ribeiro.

Aos meus filhos, meus pais, meus irmãos e ao Luiz pelo grande apoio, pelo carinho, paciência e pela simples presença ao meu lado, com todo amor, durante estes anos de estudos e ausência nas reuniões familiares.

Minha força vem da lembrança da infância na fazenda, de correr e subir em árvores. E das histórias fantásticas que as empregadas negras me contavam.

Tarsila do Amaral

RESUMO

Este trabalho propõe estudar **“Experiências de vida e Formação Continuada de Arte-Educadores.”**

O contexto da pesquisa é a Rede Particular de Ensino - SESI-Serviço Social da Indústria – SP, que conta com 210 escolas, distribuídas entre Centros Educacionais de Ensino Fundamental e Médio e Centros de Educação Infantil, onde trabalham 250 professores de Arte.

A pesquisa contou com a análise e interpretação de 10 narrativas dos arte-educadores sobre suas histórias de vida em arte-educação.

A abordagem qualitativa da pesquisa perpassou por 3 vertentes: o movimento das narrativas de vida em arte-educação e sua relação com a Arte; por meio de duas questões, em relação a formação continuada na rede escolar SESI-SP: o que provoca? o que me faz pensar? e imagens associadas à essa formação.

A partir das histórias de vida de arte-educadores e seus processos de formação, buscou-se compreender as relações desse professor com a Arte e suas experiências formadoras.

Percebe-se nestas narrativas, a aproximação das histórias de vida em arte-educação e sua relação com a Arte, suas experiências formadoras e o que os encontros de formação continuada na rede escolar SESI-SP provoca e faz pensar.

As considerações finais apontam para uma trajetória de formação, além das universidades e para um processo de experiências estéticas vivenciadas, desde a infância, junto à família, o que revela a intensidade da pesquisa como lugar de busca do conhecimento.

Apesar de terem se revelados educadores com posturas contemporâneas, esses professores não fogem à regra em relação ao conhecimento: são arte-educadores que trazem com eles vivências de uma formação escolar tradicional. Porém, ao longo de sua formação continuada e experiências de vida, vão acoplando conhecimentos e transformando o cenário posto pela formação inicial. Em outras palavras, esses professores em suas narrativas, revelam a constante transformação da teoria e da prática na ação-reflexão-ação, enquanto modo próprio de fazer-investigar-dizer.

Entendo esta pesquisa como um processo contínuo de construção e organização possibilitados pela experiência de vida e formação na linguagem da narrativa biográfica.

Palavras-chave: arte-educação, histórias de vida, formação continuada, narrativa, ensino e aprendizagem e práticas pedagógicas,experiências formadoras.

ABSTRACT

The central point of this work is to study “Continual Formation and Life Experiences of Art Educators”.

The context of the research is the Private Educational Web SESI – *Serviço Social da Indústria – SP*, which has 210 units among Educationals Centers of High Schools and Basic Formations with 250 art teachers working.

The research counts with the analysis and interpretation of 10 art teachers narratives about their life histories in education.

The research qualitative interpretation had over 3 different ways of analysis: the narrative movement of life in education and its relationship with art by 2 mainly questions in its relations with continual formation at *rede escolar SESI-SP*: What may it comes up? What makes me think? And images associated to this formation.

From life educators histories and his formation process on, tried to understand the relationships of these professors with Art and his teaching experiences.

In this narratives could be notice the life histories approach at education and its relations with Art; his teach experiences and the seminaries of continual formation at the *rede escolar SESI-SP* comes up and makes wonder.

The final considerations points to a formation career, beyond the universities and to esthetic living experiences process; since childhood with the family, this reveal the research intensity as a knowledge safety place.

Was beholden many professors with contemporary behavior, however they don’t turn aside the rule: they’re art educators who carry with them traditional scholar life formations. But, in their continual formation they’ll obtain knowledge and transforming the initial formation scenario. In other words, these professors, in his narratives, reveal the all time transformation of the practical and theory in the action-reflection-action while his own way-method of doing-investigating-saying.

This research has a continual process of construction and organization, possibilities by the life experiences and narrative language formation.

Key-words: *art education, life histories, continual formation, narrative,teach and knowledge and pedagogic practices,* teaching experiences.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....10

2 CAPÍTULO I - REFERENCIAL TEÓRICO 16

***3 CAPÍTULO II – LUGARES DA PESQUISA.....* 34**
3.1 História de Arte-Educação no Brasil e da Disciplina -Arte..... 34
3.2 A Rede Escolar SESI/SP – Serviço Social da Indústria..... 50
3.3 Perfil da Rede Escolar Sesi-Sp e dos Professores de Arte..... 59

4 CAPÍTULO III - HISTÓRIAS DE ARTE-EDUCADORES E PERCURSOS DE EDUCAÇÃO CONTINUADA..... 67
4.1 Narrativas e Proposta de Abordagem para o Diálogo..... 67
4.2 Diálogo com as Narrativas dos Professores..... 77
4.3 Idéias e Ações..... 157

***5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... .....* 169**

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 178

***7 ANEXOS.....* 183**
I – Narrativas - Histórias de vida dos professores de Arte..... 184
II – Questionamentos – Formação Continuada no SESI-SP..... 197
III - Imagens associadas à formação..... 208
IV - Organograma estrutural da Diretoria da Educação Básica – SESI-SP..... 219

INTRODUÇÃO

> **Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa, e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer.**
>
> ***Graciliano Ramos (1948, contra-capa)***

Inicio narrando minha experiência enquanto arte-educadora.

O desejo de ser educadora nasceu na infância, quando, ao iniciar cada ano, fazíamos grandes penitências de orações para que minha tia “Cidinha”, irmã de meu pai, tivesse as suas aulas asseguradas. Anos depois, tal história se repetiu comigo e percebo que ainda hoje, ao olhar para meu filho Diego, professor de Filosofia, que parte bem cedo para as atribuições de aula, pouco mudou.

Professores de todas as áreas do conhecimento, de todas as idades e tempos de profissão ainda se aglomeram em grandes eventos de atribuições de aulas. Passados trinta e cinco anos percebo as mesmas dificuldades vividas pelos professores recém-formados.

Durante toda minha vida, venho me aproximando de arte, como mencionado em outra oportunidade no livro “Arte Educação: experiências, questões e possibilidades” (GARCIA, 2006, p. 45). Na infância e juventude, essa aproximação aconteceu por iniciativa de meu pai. Por muitos anos, era ele o responsável pelos arranjos

ornamentais que enfeitavam as imagens sagradas que seguiam carregadas por homens e mulheres nas procissões da cidade onde nasci: Potirendaba, interior do Estado de São Paulo. Na adolescência, eu o ajudava. Além das imagens sagradas, as carretas, puxadas por muitos homens, levavam o padre e a hóstia, dentro de um objeto dourado, que eu nunca soube bem o nome, mas era lindo. A procissão de Corpus Christi passava em frente à minha casa e a rua se transformava em um tapete de cores. Tudo era lindo, desde os materiais usados aos desenhos criados para enfeitar a rua. Era a arte se espalhando em nossas vidas. Enfeitávamos à noite, na madrugada que precedia a procissão. Os motivos eram: rosas, anjos, rosários, girassóis, imagens de santos... Era tanta criatividade que as cores explodiam com o raiar do dia... Até hoje esta tradição existe.

Junto ao meu pai, eu vivenciei um mundo de cores, formas, natureza, fé e sorrisos.

Assim, proponho-me a tentar refletir sobre algo que experimento, vivencio e estudo desde minha formação como arte-educadora em 1986, no curso de Educação Artística, com habilitação em Desenho, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jales, Estado de São Paulo.

No ano de 1984, ainda cursando Licenciatura em Educação Artística e posteriormente a Habilitação em Desenho, iniciei minha carreira no magistério oficial do Estado no curso Técnico em Contabilidade, na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus “Achilles Malvezzi”, na cidade de Potirendaba (SP). O que me possibilitou ministrar essas aulas na disciplina de Mecanografia e Processamento de Dados foi o diploma de Licenciatura Curta em Artes Práticas, que obtive na Faculdade Dom Bosco, de Monte Aprazível (SP), em 1981.

Esse diploma, mesmo sendo de Licenciatura Curta, dispensou-me de cursar algumas disciplinas da área pedagógica da Licenciatura de Educação Artística, e eu pude então iniciar minha carreira no magistério.

No ano seguinte, mesmo antes de terminar a Faculdade de Educação Artística, iniciei minha trajetória como arte-educadora. Passei a ministrar aulas de Educação Artística em regime de substituição, em caráter eventual, isto é, com autorização da então Delegacia de Ensino do Interior, Região de São José do Rio Preto, Estado de São Paulo. Nos anos seguintes, além de Educação Artística, também ministrava aulas de Educação para o Trabalho, disciplina que proporcionava um conhecimento abrangente dos setores Primário (voltado ao campo), Secundário (voltado à indústria) e Terciário (voltado ao comércio) e, assim, preparava os alunos para as escolhas profissionais.

Nesse período, já ministrava aulas em várias escolas e em diferentes cidades do interior do Estado de São Paulo, devido à pouca quantidade de aulas de Educação Artística nos currículos das escolas.

Em 1988, iniciei o Curso de Pedagogia, concluindo em 1989. Nessa época e nos anos posteriores, além das aulas nas escolas do Estado, ministrava aulas no Colégio Objetivo e no Colégio Coração Imaculado de Maria – Sistema Anglo de Ensino. Nesse último, me tornei tempos mais tarde coordenadora pedagógica do Ensino Fundamental e Médio; concomitantemente, também fui Coordenadora Pedagógica do Curso Noturno da Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus “Pedro Brandão dos Reis”, com o cargo de professora efetiva, ou seja, professora-coordenadora concursada.

Minha trajetória na rede escolar SESI-SP teve início no ano de 1991, quando fui convidada pela coordenadora do Centro Educacional 381, da cidade de José Bonifácio

(SP), a ministrar aulas de Educação Artística no então ensino de Primeiro Grau, de 5ª à 8ª série.

Já trabalhando no SESI, na cidade de José Bonifácio (SP), fiz minha primeira especialização em 1998, em Didática Construtivista, na Faculdade de Educação, Ciências e Artes Dom Bosco, de Monte Aprazível. Permaneci na escola do SESI, Centro Educacional 381 em José Bonifácio (SP), até o ano 2000, quando surgiu a oportunidade de prestar o concurso para Analista Pedagógico na área do conhecimento de Arte. Uma função nova, um desafio que previa a formação dos professores e a construção dos Referenciais Curriculares da Rede. O concurso foi feito em três etapas: 1- Prova de Conhecimentos Gerais e Prova de Conhecimento específico na área de Educação Artística, 2- Avaliação Psicotécnica e 3- Entrevista Coletiva.

Em 2001, tornei-me Analista Pedagógico em Arte da rede escolar SESI-SP.

O analista pedagógico faz parte de uma equipe de educadores que respondem pela formação dos professores em cada disciplina. Com base de trabalho na capital de São Paulo, esta equipe desloca-se pelo estado promovendo a formação continuada dos professores da rede escolar SESI-SP de educação básica.

Deixei, então, a cidade de José Bonifácio (SP), em busca de novas realizações e de tantos outros sonhos, e inicio meu trabalho no SESI-SP na cidade de São Paulo.

Em 2006, concluí minha segunda especialização em Educação a Distância em EJA (Educação de Jovens e Adultos) pela Universidade de Brasília (DF).

Nesse mesmo ano, realizo um sonho há muito tempo esperado: ingresso no curso de Mestrado da UNESP em Artes Visuais.

Minha trajetória de vida na Educação e como arte-educadora está permeada por muitos lugares e pessoas com as quais o meu conhecimento foi sendo construído em

tempo e espaço de lutas e conquistas, iniciadas na cidade em que nasci, Potirendaba (SP), depois em cidades vizinhas a ela, como Mendonça e José Bonifácio, ambas no interior do Estado de São Paulo, e hoje na cidade de São Paulo.

Assim, hoje, como analista pedagógico da área de Arte, intervenho enquanto sujeito que auxilia nos percursos de formação continuada em serviço dos professores da rede escolar SESI-SP.

Esse trabalho permite o contato com professores, refletindo a respeito de suas necessidades, suas conquistas, seus sonhos. A partir desse lugar privilegiado, sinto a necessidade de conhecer os significados e os sentidos elaborados sobre o processo de formação em arte-educação por mim coordenado.

Inicialmente, considerei a possibilidade de estudar o que pensam, como avaliam, como criticam ou como valorizam o referido processo. Porém, minha condição de profissional hierarquicamente superior aos professores traria um viés capaz de prejudicar tal avaliação, ou seja, eles poderiam sentir inibição para criticar e expor limites de ações por mim propostas. Minha curiosidade por conhecer os reflexos da formação vivenciada na rede escolar SESI-SP deveria assumir outros caminhos ou outras formas de aproximação que não a avaliativa.

Além disso, considerei também que os professores contam com mecanismos de avaliação do processo de formação continuada, podendo comunicar qualquer necessidade ou problema diretamente para mim ou para a equipe supervisora, e também os dados de avaliação constituem conhecimento já bastante divulgado e analisado pela rede como um todo. Para a pesquisa do mestrado, eu senti necessidade de evidenciar algo ainda não explorado, algo novo.

Essa novidade estava justamente na história de vida, nas experiências diversas de formação, inicial ou continuada, formal e informal dos professores. Constatei que nunca havíamos nos aproximado dessas histórias com o olhar especial de quem reflete sobre as histórias de vida como universo privilegiado de elaboração de sentidos, de questões e de aprendizados.

Frente ao percurso relatado, tenho como pesquisa a seguinte questão: “A partir das narrativas **Histórias de vida de arte-educadores e seus processos de formação**, tentar compreender as relações desse professor com a arte e suas experiências formadoras”.

Para realizar tal proposta de trabalho, utilizo como abordagem básica a formação inicial e a formação continuada centrada no professor, por meio de uma metodologia que consiste em registros narrativos elaborados pelos professores presentes nas formações continuadas da rede escolar SESI-SP, em que atuo como analista pedagógico.

Para tentar desempenhar tal exercício de reflexão, sugiro um roteiro de trabalho dividido da seguinte forma: a Introdução seria o momento em que recupero a minha relação com o conhecimento, o problema de pesquisa e as partes do relatório. No Capítulo I, apresento o referencial teórico, estabelecendo relações com o meu problema de pesquisa. No Capítulo II, abordo o lugar da pesquisa: a história de arte-educação no Brasil e da disciplina, perfil da rede escolar SESI-SP e dos professores de Arte. No Capítulo III, as narrativas e destaques / o que me fazem pensar e me provocam, e Considerações Finais.

REFERENCIAL TEÓRICO

> ***"A experiência é o que nos passa, ou o que nos acontece, ou o que nos toca. Não o que passa ou o que acontece, ou o que toca, mas o que nos passa, o que nos acontece ou nos toca".***
>
> **Jorge Larrosa (2004, p. 154)**

Registro a intenção de despertar no leitor um pouco das mesmas emoções e reflexões que vivenciei no processo de elaboração de minha pesquisa. Um pouco, pois ler e viver são experiências distintas.

Falar da trajetória e experiências de professores arte-educadores em formação continuada, assim como escrever, experimentar e vivenciar esse processo, para mim, é prazeroso e necessário.

A arte tem promovido desassossegos capazes de me transformar.

Proponho-me a apresentar a contribuição de alguns autores que, ao longo desse trabalho de pesquisa, me auxiliaram em momentos de grandes embates e cruéis dúvidas.

Não tenho a pretensão de resolver a complexidade que envolve a discussão do sentido educativo atribuído ao mundo contemporâneo e às vivências estéticas. Porém, tenho, sim, a intenção de despertar "olhares pensantes", para reflexões sobre a arte-educação. Para isso, estarei acompanhada dos pensamentos de: Barbosa (1999), Dewey (1980), Josso (2004), Nóvoa (1997) e Vigotski (2001).

Ao dialogar com todos os autores anteriormente citados, surgiu em mim o desejo de entender e pesquisar esse universo das histórias de vida e formação em Arte-

Educação, o que também inspirou o desejo de compreender como o professor pensa a sua prática na sua experiência de formação continuada, como representa o seu cotidiano e como interage com seus saberes para utilizá-los na relação experiência/ensino/aprendizagem de sua própria formação.

Os preceitos teóricos me ajudaram a entender esse professor por meio de suas narrativas biográficas e dos questionamentos: “O que a formação continuada provoca nos professores?” e “O que a formação continuada faz pensar?”, ou ainda quais suas “Histórias de Vida com Arte-Educação?”. Pude identificar as representações do imaginário, do real, dos mitos e estereótipos, compreendendo também a possível inferência dos encontros de formação continuada no universo cultural de cada um.

A pesquisa propiciou reflexões teóricas e empíricas que se constituem na produção de conhecimentos sobre a relação do professor com a sua experiência de formação. Assim, surge a minha produção, desejando e tentando esclarecer e compreender, a partir das narrativas **Histórias de vida com Arte-Educação**, quais as relações desse professor com a arte, suas experiências formadoras e o que os encontros de formação continuada na rede escolar SESI-SP provocam e fazem pensar?

Com seus efeitos catárticos ou paralisantes, tentarei ainda responder a perguntas ainda não suficientemente exploradas, como: As narrativas auto-biográficas elaboradas pelos professores em situações de formação revelam seus percursos e suas experiências formadoras? A formação continuada é capaz de desencadear emoções a partir das experiências por eles vivenciadas?

Assim, nesta trajetória, construo-me em parceria com os professores e com as teorias dos autores que nos acompanham na prática do espaço de formação

continuada, para compreender os fenômenos catárticos, rompantes ou de singela sutileza estética.

O fazer/passivo e o sentir/ativo, que segundo Vigotski é o que gera o pensamento, é o que vai estabelecer as relações entre o referencial histórico do professor e sua contemporaneidade com o movimento estético gerado pelos estímulos externos, no caso, suas experiências e vivências nos Encontros de Formação Continuada.

Buscaremos não a fórmula, mas a forma de experimentarmos essas experiências estéticas, que se acoplará a nós e modificará a nossa forma, nosso repertório de formação, como J. Dewey também nos coloca a respeito de uma experiência:

> A idéia de que a percepção estética é questão de momentos singulares é uma das razões para o atraso das artes entre nós. Os olhos e o aparelho visual podem estar inatos; o objeto pode estar fisicamente aqui, a catedral de Notre-Dame, ou o retrato de Hendrik Stoeffel por Rembrandt . Em certo sentido superficial, podem ser vistos". Podem ser olhados, possivelmente reconhecidos, e ter seu nomes corretamente apostos. Mas, por falta de interação continua entre o organismo total e os objetos, não são percebidos, certamente não esteticamente. Porque, para perceber, um espectador precisa criar sua própria experiência. E sua criação tem de incluir conexões comparáveis àquelas que o produtor original sentiu. (Dewey, 1980, p. 103).

A arte aqui é vista como percepção. Podemos olhar o objeto de arte, porém, ao mantermos uma relação com ele, interagimos com o objeto, reconhecendo-o como criação estética, numa relação de espectador X obra X criador. Assim, esse interagir, esse olhar com os olhos, com o corpo, com a alma, para Dewey, caracteriza-se em ver com o organismo, num todo. Essa forma constrói no espectador sua própria experiência

estética, que inclui o que ele chama de "*conexões comparáveis àquelas que o produtor original sentiu".*

Larrosa também nos fala dessa experiência:

> De uma experiência em que alguém, a principio, era de uma maneira, ou não era nada, pura indeterminação, e, ao final, converteu-se em outra coisa. Trata-se de uma relação interior com a matéria de estudo, de uma experiência com a matéria de estudo, na qual o aprender forma ou transforma o sujeito. Na formação humanística, como na experiência estética, a relação com a matéria de estudo é de tal natureza que, nela, alguém se volta para si mesmo, alguém é levado para si mesmo. (...) Porque se alguém lê ou escuta ou olha com o coração aberto, aquilo que lê, escuta ou olha ressoa nele; ressoa no silencio que é ele, e assim o silencio penetrado pela forma se faz fecundo. E assim, alguém vai sendo levado à sua própria forma". (Larrosa, 2004, p.52).

Posso então fazer uma relação dessa experiência estética de Dewey e Larrosa, envolvendo o organismo, àquela experimentação que Vigotski nos coloca em que "*uma obra de arte não é percebida estando o organismo em completa passividade e não só pelos ouvidos e os olhos".* Ou ainda quando ele nos fala que o efeito estético do quadro situa-se nas pontas dos dedos tanto quanto no olho, uma vez que fala à nossa imaginação tátil e motora, não menos do que à imaginação visual.

Ora, nesse contexto, tanto Vigotski quanto Dewey falam da possibilidade da transformação do sujeito pelas experiências. A experiência estética possibilita mudanças e superações, propiciando a interpretação do mundo, no pensar e entender de forma diferente que antes.

As idéias de Dewey e Vigotski favorecem olhar os professores como seres de experiência, e só eles podem dar sentidos à sua trajetória e experiência - tanto de formação de vida em arte-educação como de formação continuada -, quando são suas as referências para a sua própria transformação.

Josso também fala das experiências como possibilidade de transformação:

> Se a aprendizagem experencial é um meio poderoso de elaboração e de integração do saber-fazer e dos acontecimentos, o seu domínio pode tornar-se um suporte eficaz de transformações."(...)*, "aprender pela experiência é ser capaz de resolver problemas dos quais se pode ignorar que tenham formulação e soluções teóricas." (Josso, 2004,* pp. 39-41).

Ao afirmar que são as experiências que podemos utilizar como ilustração numa história para descrever uma transformação, um estado de coisas, um complexo afetivo, uma idéia, como também uma situação, um acontecimento, uma atividade ou um encontro, Josso nos proporciona pensar que são as experiências dos professores - tanto na formação de vida em arte-educação quanto na formação continuada -, enquanto participantes ativos dessas, que proporcionam aos mesmos a leitura dos sentidos que eles dão, quando as experenciam e as relatam.

Segundo Vigotski,

> Só nos pontos críticos da nossa caminhada nós nos voltamos para a arte, e isto nos permite entender por que a fórmula que propomos desvela a arte exatamente como ato criador. Compreendemos perfeitamente que, se consideramos a arte como catarse, é porque a arte não pode surgir onde existe simplesmente o sentimento vivo e intenso. (Vigotski, 2001, p. 314).

Não basta ter sentimentos em relação a alguma coisa. Mesmo que sejam sentimentos denominados verdadeiros. É preciso mais que sentimentos e percepções para que a arte se manifeste. Faz-se necessária a superação desses sentimentos, faz-se necessária a catarse como forma de purificar e transcender no ato criador.

A formação continuada, quando vista como espaço de experimentação, pode provocar sentimentos pessoais que venham a interferir no social, na prática pedagógica, na construção de si mesmo e do mundo em que está inserido, uma vez que os sentimentos são levados para fora de nós. Vale lembrar aqui o significado do "social" para Vigotski (2001, p. 315): "*É muito ingênuo interpretar o social apenas como coletivo, como existência de uma multiplicidade de pessoas. O social existe até onde há apenas um homem e as suas emoções pessoais."*

Como o professor se posiciona em relação a essas experiências?

Larrosa (2004, p. 53) nos fala que "*a idéia de experiência formativa, essa idéia que implica um se voltar para si mesmo, uma relação interior com a matéria de estudo, contém, em alemão, a idéia de viagem. Experiência (Erfahrung) é, justamente, o que se passa numa viagem (Fahren)".*

Estamos falando da experiência formativa, ou seja, a experiência como uma viagem interior, um encontro com si mesmo, que pode ter suficiente força de "eventual transformação", segundo Larrosa. Assim, questiono: a formação e suas experiências de formação podem influenciar a personalidade desse professor, ao vivenciar uma emoção estética? Não falo da emoção comum, que determina em uma ação ou pensamento, mas de uma emoção estética, que excita e transforma. Podemos partir da crença que a experiência realiza-se sempre no corpo e através do corpo do homem, transformando esse homem? O homem, ao viver uma emoção estética, não permanece mais o mesmo, pois permanecerá "plasmado" com essa vivência, com as emoções e os sentimentos acumulados da experiência. Nesse caso, pode redundar em um estado único, de sublimação, ao experimentar uma experiência estética que poderá

gerar a purificação de suas emoções transformando suas ações-condultas em atividades artísticas ou sociais.

O mesmo processo se pode atribuir ao artista e à obra no momento da criação: ao criar, o artista e a obra se fundem em uma única existência de sentimentos e emoções. Uma vez unificados, conseguem em uníssono existir, seja para cantar, pintar, esculpir, dramatizar, sorrir, gritar, poetizar em uma mesma linguagem, num mesmo estado d'alma, só experimentado no momento do ato criador. Assim, mesmo que individualmente sentido passa a incidir sobre o social, porque pode transformar aquele que passou pela experiência da emoção estética, e suas ações posteriores podem sofrer transformações ao incidirem na realidade social.

> A formação é uma viagem aberta, uma viagem que não pode estar antecipada, e uma viagem interior, uma viagem na qual alguém se deixa influenciar a si próprio, se deixa seduzir e solicitar por quem vai ao seu encontro, e na qual a questão é esse próprio alguém, a constituição desse próprio alguém, e a prova e desestabilização e eventual transformação desse próprio alguém. Por isso, a experiência formativa, da mesma maneira que a experiência estética, é uma chamada que não é transitiva. (LARROSA, 2004, p. 53).

O professor de arte se encontra nesse fazer/sentir, para isso se faz necessária a confiança, o envolvimento não determinado, mas permitido, do humano, enfim, o que não pode ser previsto: "a chama". Dewey (1979, p. 155) descreve a respeito do conhecimento do indivíduo: "(...) *necessita-se usar os lábios, os órgãos vocais, e as mãos, para reproduzir, falando ou escrevendo, o que foi armazenado no espírito."*

As narrativas biográficas são formas que, se não garantem, ajudam-me a compreender *“o que foi armazenado no espírito”* no processo de história de vida dos professores em arte-educação.

Escrever sobre si mesmo e sua trajetória exigem do professor de arte um olhar sistematizado e reflexivo das suas qualidades pessoais, das escolhas feitas tanto profissionais quanto pessoais, dos conhecimentos adquiridos, das atividades vividas, decisões tomadas, fragilidades percebidas, desafios enfrentados e de tudo que “foi armazenado no espírito” ao longo de sua vida para a construção do relato.

O professor, ao narrar suas experiências de vida em arte-educação, fará isso segundo seu próprio ponto de vista, numa ação solitária de repensar e dar sentido à história narrada, compreendendo-se como pertencente a um período, a uma comunidade, inserido em um meio sócio cultural, possibilitando, assim, revelar-se. Trará a sua identidade, percebendo a trajetória da sua existencialidade como autor e ator de sua própria história que determina seu aqui e agora.

Para a pesquisa esse “revelar-se” traduz a possibilidade de análise da relação de suas experiências formadoras com a formação continuada que a rede escolar SESI-SP propicia. Posso entender que, quando os professores trabalham com a intenção de narrar a formação de vida em arte-educação e as suas representações, eles usam de todo seu referencial teórico mais seu referencial pessoal, dando, assim, sentido a conceituação e experiências dos saberes adquiridos e sentidos por eles.

Larrosa (2004, p. 53), novamente nos coloca a experiência formativa e sua viagem enquanto formação, “*pensada a partir das formas da sensibilidade e construída como uma experiência estética”.*

> A idéia humanista de formação, articulada conceitualmente como compreensão romântica da experiencia estética, desenvolve justamente esse processo aberto em que através da relação com as formas mais nobres, fecundas e belas da tradição cultural alguém é levado ate si mesmo. A novela de formação, que é a sua articulação narrativa, conta a própria constituição do herói através das experiências de uma viagem que, ao se voltar sobre si mesmo, conforma sua sensibilidade e seu caráter, sua maneira de ser e de interpretar o mundo. Assim, a viagem exterior se enlaça com a viagem interior, com a própria formação da consciência, da sensibilidade e do caráter do viajante". (Larrosa, 2004, p. 53).

Se o movimento estético é gerado pelos estímulos externos, segundo Vigotski, é correto pensar que o encontro de formação continuada pode e deve contribuir para o surgimento desses estímulos, na medida em que propicia ao professor o ato de vivenciar e experimentar a Arte enquanto sensibilidade, cognição, afetividade, comunicação e expressão dos sentimentos, capazes de gerar excitações que desencadeiem o ato criador?

Segundo Vigotski, a "*principio a arte surge por uma necessidade da vida*". Assim,

> É precisamente na arte que se realiza para nós aquela parte da nossa vida que surge realmente em forma de excitações do sistema nervoso mas permanece irrealizada na atividade, graças ao que o nosso sistema nervoso recebe em volume de excitações superior àquele a que pode reagir. (...) Se esse excedente não encontra a devida vazão ele costuma entrar em conflito com o psiquismo do homem (...) O que fica sem realização em nossa vida deve ser sublimado.(...) Assim... a arte constitui um mecanismo biológico permanente e necessário de superação de excitações não realizadas na vida e é um acompanhante absolutamente inevitável da existência humana nessa ou naquela forma.(Vigotski, 2001, p. 338).
> A arte não é tão somente um complemento da vida mas decorre daquilo que no homem é superior á vida".(...) toda obra de arte sempre implica algum tema real concreto ou uma emoção absolutamente comum ligada ao mundo. (Vigotski, 2001, p. 340).

Josso também aborda as aquisições das experiências como contexto do processo de aprendizagem, entendendo que as experiências de vida de um indivíduo

são formadoras na medida em que ele consegue explicitar o que foi aprendido (iniciar, integrar, subordinar), em termos de capacidade, de saber fazer, de saber pensar e de saber situar-se.

> Assim, o reconhecimento dos saberes adquiridos pelas pessoas em formação e pelos formadores não facilita o processo educativo e torna-o mais complexo. Mas, ao fazer-se este reconhecimento, o aprendente e o formador defrontam-se com a necessidade de ter em conta a complexidade do ato de aprender e dos processos que o caracterizam. (Josso, 2004, p. 237).

Nesse contexto, Josso desconstrói as formas tradicionais de ensinar e aprender. Coloca em discussão os processos que caracterizam o processo ensino/aprendizagem, proporcionando a reflexão de como deve ser pensada a construção dos encontros de formação continuada com os professores na busca de uma dinâmica capaz de construir as aprendizagens significativas durante e após essa formação. Assim, Josso subsidia-me, com sua pesquisa, no entendimento de como o outro aprende e como constrói o pensamento, auxiliando meu entendimento para pensar minha prática junto aos professores de Arte.

Josso questiona: *"Qual formador, hoje em dia, duvidaria de que o ato de aprendizagem é acompanhado de desaprendizagens?"*

> (...) muito poucas pessoas em formação que partilham a idéia de que são o ator principal de uma aprendizagem a negociar, em que estarão em jogo as suas capacidades de responsabilização, de implicação, de distanciamento e de autonomização.(Josso, 2004, p. 239).

Embasada na teoria de Josso, caminho nos questionamentos que ela mesma proporciona sobre os motivos iniciais que levam os professores a se empenharem na formação continuada que a rede SESI/SP oferece em caráter de convite. Esses motivos são a busca de crescimento pessoal ou profissional de uma formação? Podemos reduzir esses motivos às motivações convencionais: certificados emitidos ao final de cada ano? Ou pelo simples fato de estarem informados? Ou ainda para serem aceitos e apreciado no seu meio? São questionamentos que me inquietam.

Josso diz que o formador corre o risco de nunca chegar verdadeiramente a conhecer as intenções que estão em jogo no ato de aprender. A autora acrescenta ainda:

> O acto de aprender encontra-se assim sucessivamente contextualizado nas lógicas de partida e de chegada, dependendo, ao mesmo tempo, do passado, do presente e do futuro, das características bio-psico-socioculturais de determinado aprendente na sua singularidade e finalmente da capacidade de objetivar os diferentes aspectos em jogo nas situações educativas. (Josso, 2004, p. 240).

As "*partidas e chegadas*" a que Josso se refere poderiam ser interpretadas como sendo o referencial teórico que o professor acumula durante sua vida, seja pelas experiências de vida e formação, experiências da formação continuada ou ainda pelas suas experiências enquanto vivenciador das poéticas e das formas artísticas que estão no mundo em que está inserido?

Sobre vivência poética, Vigotski (2001, p. 343), diz: "*De forma idêntica, toda vivência poética parece acumular energia para futuras ações, dá a essas ações um novo sentido e leva a ver o mundo com novos olhares".*

A *“vivência poética”* de que o autor nos fala seria as partidas e chegadas a que Josso se refere, criando uma atitude para atos posteriores? Ou seja, criando um novo sentido e levando a contemplar com “novos olhos” Dewey vai à raiz do conhecer, e fala que conhecimento não é algo pronto e acabado. Conhecimento, para ele, é algo que envolve *experiência e pensamento*.

> A experiência educativa é, pois, essa experiência inteligente, em que participa o pensamento, através do qual se vêm a perceber relações e continuidades antes não percebidas. (...) A experiência alarga, deste modo, os conhecimentos, enriquece o nosso espírito e dá, dia a dia, significação mais profunda à vida. (Dewey, 1975. p. 17).
> A contínua reorganização e reconstrução da experiência pela reflexão, constitui o característico mais particular da vida humana, desde que emergiu do nível puramente animal para o nível mental ou espiritual.
> Essa contínua reconstrução – em que consiste a educação – tem por fim imediato melhorar pela inteligência a qualidade da experiência. Analisando-a mentalmente, percebendo as relações que ela nos desvenda (...) (Dewey, 1975, p. 17).

A experiência vira pensamento, palavra e linguagem quando há reflexão, associação e vivência na ação. A tomada de conhecimento que vem do fazer, do sentir e do perceber, envolve o corpo, a mente e o espírito e transforma a realidade do objeto experimentado em um novo objeto e numa nova realidade, que eu poderia pensar serem os “novos olhares” de que Vigotski fala da vivência estética.

Para Vigotski (2001), uma atividade torna-se experiência quando mediada pelo pensamento. O professor vai ou não passar pela experiência, em menor ou em maior grau de profundidade, se tiver alguém para pegar na sua mão e conduzi-lo.

Os encontros de formação podem garantir que essa experiência aconteça com o professor?

Para Dewey, o professor é orientador da tarefa. Para que o professor consiga se aproximar do objeto vai depender da trajetória e da experiência do professor.

> O único caminho direto para o aperfeiçoamento duradouro dos métodos de ensinar e aprender consiste em centralizá-los nas condições que estimulam, promovem e põem em prova a reflexão e o pensamento. Pensar é o método de se aprender inteligentemente, de aprender aquilo que utiliza e recompensa o espírito.(Dewey, 1980, p. 167).

Dewey discute a respeito do ato de pensar *como método de se aprender inteligentemente, de aprender aquilo que utiliza e recompensa o espírito*. Vigotski (2001, p.343), afirma que "*a vivência estética organiza nosso comportamento*". A partir daí podemos entender que a experiência será acompanhada, inevitavelmente, do corpo e do espírito? Costumamos separar o espírito do corpo físico, deixando assim só um órgão mecânico a experenciar esteticamente? Seria possível?

Seria correto pensar então que essa vivência estética, que Vigotski traz, organiza além do nosso comportamento, também o nosso pensamento? Seria esse sentimento de percepção que Dewey propõe na experiência estética ou a vivência poética, estética que Vigotski propõe?

Temos essa reação diante da nossa experiência de formação continuada?

Ora, se o professor na sua formação puder problematizar a realidade e a contemporaneidade em que vive, acontecerá uma mobilização para os seus saberes e sua aprendizagem enquanto indivíduo inserido no mundo e, por conseguinte, entenderá ele sua contemporaneidade e a refletirá.

São questões a serem refletidas com a coragem das incertezas. Situações que podem ou não chamar à reflexão, dependendo sempre da trajetória do professor que ousar pensar sobre elas. Nessa seqüência, encontra-se a formação continuada do professor/educador de Arte, que hoje passa por uma reflexão profunda em busca da essência criativa dos sujeitos. Para isso, há que se ter um aprofundamento teórico, não tão somente em Arte, mas em Educação, metodologias, vivências estéticas, desenvolvimento de habilidades para perceber e vivenciar atividades de formação, que proponham um jeito diferente de olhar, conceber o mundo e vivenciá-lo de forma a experimentá-lo em suas diversas possibilidades.

Como explorar junto aos professores de arte, na formação continuada, atos criadores, que proporcionem experiências?

Segundo Vigotski (2001, p. 345), a arte possibilita a profusão de sentimentos que se traduzem num "*sentimento dialético que reconstrói o comportamento*" humano. Ele afirma que por isso ela sempre "*significa uma atividade sumamente complexa de luta interna que se conclui na catarse".* Assim, fica nítida a possibilidade de o talento ser uma tarefa da educação: "A possibilidade criadora para que cada um de nós se torne um co-participante de Shakespeare em suas tragédias e de Beethoven em suas sinfonias é o indicador mais nítido de que em cada um de nós existem um Shakespeare e um Beethoven (idem)."

Como as complexas questões sobre experiências estéticas se resolvem ou se refletem nas formações continuadas dos professores de Arte, em geral, e na formação dos professores de Arte da rede escolar SESI/SP, em particular?

No trabalho da formação continuada dos professores de arte da rede escolar SESI/SP uma das metas é a de criar/organizar ações que auxiliem os professores a se

aproximarem e vivenciarem experiências estéticas, propiciando assim, uma fonte permanente e constante de oportunidades de significações, que possibilitará esse professor a ver o mundo com novos olhares. Com a formação continuada desse professor, espera-se que a experiência alargue os seus conhecimentos, enriqueça o seu espírito e possa transformar os que a experimentarem. Espera-se também, que esse professor construa seus caminhos de experimentações, promovendo suas próprias transformações quando e se assim o desejar.

Na busca de tentar compreender, a partir das narrativas **Histórias de vida com Arte-Educação**, as relações desse professor com a arte, suas experiências formadoras e o que os encontros de formação continuada na rede escolar SESI-SP provocam e fazem pensar, valho-me das narrativas biográficas dos professores de Arte, sobre as quais apresento algumas elaborações teóricas, como perspectiva de formação de professores e como método de pesquisa.

Apresento os professores como agenciadores e autores de suas próprias histórias de vida e formação em arte-educação, que se valem da narrativa como gênero discursivo para revelar suas experiências de vida e de formação, bem como as relações e desdobramentos com as experiências de formação continuada.

As elaborações aqui apresentadas resultam de reflexões produzidas de diferentes pesquisas que tematizam o campo da pesquisa biográfica na formação de professores. Um exemplo seria a pesquisa de Josso (2004), que aponta:

> (...) no Brasil, Cecília Waeschauer, em sua tese de doutorado, publicada sob o título *Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela* (2001), utilizou, corajosamente, uma abordagem autobiográfica que lhe permitiu estabelecer relações entre certas experiências de sua vida e as experiências profissionais, tanto como professora de crianças quanto como coordenadora pedagógica numa escola.(Josso, 2004, p. 28).

As novas tendências de formação continuada de professores que vêm privilegiando a troca de experiências em grupos de formação, no caso o que acontece com os professores da rede SESI-SP, colaboram e muito para que essas experiências sejam compreendidas e analisadas, seja por meio da narrativa como gênero discursivo e enquanto registro, seja pela escrita ou pelo desenho.

Variados são os modos de apropriação das narrativas ao se produzir conhecimento sobre as experiências de vida e formação. Josso (2004), em Experiências de Vida e Formação traz à luz da discussão a história de vida "*como projeto de conhecimento e como projeto de formação e se apropria da narrativa como centro de contribuição para uma teoria da formação na perspectiva do sujeito aprendente."*

> Se a abordagem biográfica da formação, uma vez que ela se centra no aprendente, permite compreender o que é uma experiência formadora, os trabalhos efetuados com esta metodologia continuarão a precisar e a afinar a dinâmica da formação e, por conseguinte, o próprio processo experencial. (Josso, 2004, p. 56).

Na pesquisa procuro identificar as categorias que aproximam cada um desses professores de sua experiência de vida e formação com a formação continuada. Como eles sentem-se provocados e o que pensam da formação continuada quando olham para sua prática pedagógica em sala de aula. Para isso, tomo como referência de pesquisa os registros que fizeram do seu percurso e das perguntas respondidas. São 70 professores, de um universo de 250, que participam deste trabalho de pesquisa, vou apresentar 10 professores para análise que estão distribuídos entre capital e interior do Estado. Em última instância, a pergunta que move este estudo é: "a partir das narrativas

História de vida com Arte-Educação, tentar compreender as relações desse professor com a arte, suas experiências formadoras e o que os encontros de formação podem estar aprimorando a prática pedagógica do professor em sala de aula, além de aliar a teoria e a prática ampliando estudos e reflexões sobre procedimentos metodológicos".

O que se pretende é provocar uma reflexão sobre os diferentes aprendizados que eles guardam, ainda que sob uma mesma denominação: pesquisa narrativa, seu alcance como ferramenta de pesquisa e de formação de professores.

A narrativa como gênero de discurso traz para a função pedagógica a possibilidade, com certa margem de segurança, de se revelarem, no caso, os professores e o conhecimento pessoal. Por meio da narrativa de experiências, nós nos entendemos, nos damos a entender e podemos entender o que se passa com os outros. Esse deve ser um dos motivos pelos quais esse método, nesta pesquisa, é utilizado como argumento de formação.

> A situação de construção da narrativa exige uma atividade psicossomática em vários níveis, pois pressupõe a narração de si mesmo, sob o ângulo de sua formação, por meio do recurso a recordações-referênciais, que balizam a duração de uma vida. No plano da interioridade, implica deixar-se levar pelas associações livres para evocar as suas recordações-referênciais e organiza-las numa coerência narrativa(...). (JOSSO, 2004, p.39).

Josso nos chama a atenção para algumas dificuldades encontradas por parte dos professores ao narrar suas histórias de vida e formação.

> Estas disposições de partida estão intimamente ligadas às pré-concepções de cada pessoa e, em particular, por exemplo, às tomadas de consciência anteriores associadas a experiências analíticas ou interculturais. A estas dificuldades teóricas é preciso igualmente acrescentar o fato de muito poucas pessoas terem

> desenvolvido uma capacidade de análise das suas práticas e experiências tanto profissionais como pessoais. (Josso, 2004, p. 62).

As reflexões, que neste capítulo nos foram ajudadas a fazer por teóricos como Dewey, Vigotski, Josso, Larrosa, entre outros, nos propiciam pensar as experiências formadoras e estéticas para além da realidade exposta, apontando para a conversão do nosso olhar, que deverá ter a capacidade de ensinar a ver as coisas de muitas outras maneiras (nossos desejos, nossos saberes, nossas interpretações pessoais), que não somente das formas convencionais estruturadas social e culturalmente. Concluo com as palavras de Larrosa (2004, p. 41): “O homem se faz ao se desfazer (...) O homem se diz ao se desdizer (...) Conta-te a ti mesmo a tua própria história (...) não pergunte quem és àquele que sabe a resposta (...) Sê tu mesmo a pergunta”.

CAPÍTULO II

LUGARES DA PESQUISA: HISTÓRIA DE ARTE-EDUCAÇÃO NO BRASIL E DA DISCIPLINA ARTE, PERFIL DA REDE ESCOLAR SESI-SP E DOS PROFESSORES DE ARTE.

> ***Talvez os homens não sejamos outra coisa que um modo particular de contarmos o que somos. E, para isso, para contarmos o que somos, talvez não tenhamos outra possibilidade senão percorrermos de novo as ruínas de nossa biblioteca, para tentar aí recolher as palavras que falem por nós.***
>
> **Jorge Larrosa (1998, p. 22)**

Arte-educação no Brasil

Antes de iniciar o meu exercício de observação a respeito do caminho trilhado pelos professores em arte-educação, gostaria de apresentar um histórico da área de conhecimento da Arte, considerando como e quando houve sua institucionalização enquanto disciplina. Tal percurso foi uma luta de conquistas, sendo que hoje ela ainda sofre equívocos por parte dos arte-educadores.

A arte no Brasil tem no seu início a valorização do *fazer: aprendizagem meramente reprodutiva no fazer expressivo dos alunos.*

Ana Mãe (2002, p. 40), em seu livro ”John Dewey e o ensino da arte no Brasil”, traz uma cronologia do ensino de arte no Brasil. Uma análise, segundo ela, baseada na *“internalização do fenômeno de dependência e de invasão cultural”.* Usarei somente

fatos ocorridos em Arte-Educação (pp. 41-43), que pontuam seu desenvolvimento e sua história no Brasil, uma vez que, nesse momento, é a abordagem voltada para minha pesquisa.

.1549 – 1808	*Desenvolvimento de um modelo artístico nacional baseado na transformação do Barroco Jesuítico vindo de Portugal. Período caracterizado pelo ensino em oficinas de artesãos.*
1808 – 1870	*Influência francesa. Modelos impostos pela Missão francesa. (...) O "aprendizado através do trabalho". (...). Nas escolas secundárias dominavam o retrato e a cópia de estampas. (...) A atividade artística não era incluída nas escolas elementares públicas.*
1870 – 1901	*Período de intensa propaganda a respeito da importância do ensino do desenho na educação popular (...). A intenção era copiar os modelos americanos, ingleses ou belgas sem qualquer preocupação com a cultura nativa.*
1901 – 1914	*Princípios liberalistas são institucionalizados na escola secundária através do Código Fernando Lobo, a reforma educacional de 1901.* *Realização das idéias propostas no período anterior.*
1914 – 1927	*Influência da pedagogia experimental. Primeiras investigações sobre as características da expressão da criança através do desenho. Uso do desenho como teste mental. Valorização da livre expressão da criança como um*

	instrumento de investigação de seus processos mentais (inteligência, tipologia psicológica) não como uma atividade considerada em si mesma importante. (...) Primeiras condenações aos modelos impostos à observação, permitindo-se à criança procurar seus próprios modelos a partir de sua própria imaginação.
1927 - 1935	*Despertar da modernidade, repercussão da Semana de Arte Moderna na Educação Artística através de:* *1. artigos e atividades sob a direção de Mário de Andrade(...)* *2.cursos dirigidos por Anita Malfatti nos quais tenta desenvolver os métodos aprendidos com Hommer Boss. Influência de John Dewey. Equilíbrio de forças entre a abordagem nacionalista do ensino de arte centrado em conteúdos.*
1935 – 1948	*Primeira tentativa de se estudar a arte da criança na universidade: curso de Mario de Andrade na Universidade do Distrito Federal. Nas escolas, elementares e secundárias, diluição dos métodos propostos pelo Movimento da Escola Nova. Sensível redução do interesse pela arte-educação, comprovada pela diminuição de artigos e informações sobre o assunto (...).*
1948 – 1958	*Supervalorização da arte como livre-expressão e aceitação da arte na educação como atividade extracurricular e até*

	extraescolar. Criação das Escolinhas de Arte. Influência de Herbert Read e Viktor Lowenfeld. *Primeiras influências da Bauhaus na escola secundária (...).*
1958 – 1963	*A organização de classes experimentais é sancionada por lei federal, o que permite o desenvolvimento de uma atitude voltada para a experimentação em arte nas escolas comuns.* *Alguma influência das concepções sobre educação de Paulo Freire.* *Currículos descentralizados.*

Tomo por pressuposto minha própria história, quando, nos anos 70, meus professores tinham como prática nas salas de aula os trabalhos manuais. Tínhamos uma disciplina separada para desenho geométrico considerado pelo seu aspecto formal e outra para música com tendência tradicional, o que acabava transformando as aulas de música numa teoria musical e celebrações de datas cívicas.

Graças aos primeiros movimentos dos grandes festivais da canção, ao surgimento dos museus, teatros e à participação dos estudantes nas manifestações artísticas desse período, a arte ganha projeção social. Nesse período, surge, com a Lei Federal 5.692/71, a arte como “atividade” na nomenclatura de Educação Artística. Passa-se a considerar a arte na formação do indivíduo, agora não mais em trabalhos manuais, mas ainda com o foco inicial no desenho e na reprodução de modelos e padrões estéticos, tendo o professor como centro dos saberes em detrimento à vivência

de uma experiência em Arte. As aulas assumem concepções na espontaneidade centrada no progresso do aluno.

A Lei Federal N° 5.692, de 11 de agosto de 1971, fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1° e 2° graus, e dá outras providências. No seu CAPÍTULO I – DO ENSINO DE 1° E 2° GRAUS, rezam:

> Art. 7° Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos pleno dos estabelecimentos de 1° e 2° graus, observado quanto á primeira o disposto no Decreto-Lei n. 369, de 12 de setembro de 1.969.

Ana Mae Barbosa (1991), em “A Imagem no Ensino da Arte-Anos Oitenta e Novos Tempos”, esclarece:

> Nas artes visuais ainda domina na sala de aula o ensino de desenho geométrico, o *laissez-faire,* temas banais, as folhas para colorir, a variação de técnicas e o desenho de observação, os mesmos métodos, procedimentos e princípios ideológicos encontrados numa pesquisa feita em programas de ensino de artes de 1971 a 1973. Evolução da práxis não tem lugar na sala de aula das escolas publicas. (Barbosa, 1991, p. 12).

Com essa concepção e nova nomenclatura nos currículos escolares, em nome da obrigatoriedade e do cumprimento da lei, a Arte então passou a ser ministrada em caráter excepcional pelos antigos professores de trabalhos manuais, artistas, estudiosos de conservatórios, antigos professores afastados das unidades escolares, ou por professores das diferentes áreas do conhecimento. Não havia professores habilitados especificamente em Arte nem cursos universitários suficientes que

formassem esse ”novo professor”, tampouco professores preparados para o domínio das várias linguagens artísticas.

> No currículo estabelecido em 1971(...). Naquele período não tínhamos cursos de arte-educação nas universidades, apenas cursos para preparar professores de desenho, principalmente desenho geométrico” (Barbosa, 1991. p. 09).. A lei federal que tornou obrigatório artes nas escolas, entretanto, não pode assimilar como professores de arte os artistas que tinham sido preparados pelas “ Escolinha”, porque para lecionar a partir da quinta série exigia-se o grau universitário, que a maioria deles não tinha. (...) O governo federal decidiu criar um novo curso universitário para preparar professores para a disciplina educação artística criada pela nova lei. Os cursos de licenciatura em educação artística nas universidades foram criados em 1973 compreendendo um currículo básico a ser aplicado em todo o país. (Barbosa, 1991, p.10).

A título de conhecimento, vale ressaltar a semelhante expansão quantitativa, sem preparação prévia dos educadores e dos cursos de formação em arte-educação, do sistema educativo português, e a conquistada obrigatoriedade do ensino de arte nas escolas brasileiras, sem que tivessem professores habilitados, ou seja, com licenciatura em Educação Artística para ministrar as aulas. Segundo Nóvoa (1997), referindo-se ao sistema educacional português:

> (...) em 1960, havia pouco mais de 6000 professores (...) em 1990, este número ultrapassava os 70 000(...) Este facto obrigou a um recrutamento massivo de professores, num tempo extremamente curto, o que desencadeou fenômenos de desprofissionalização do professorado”. (Nóvoa, 1997, p. 20)
> A década de 80 ficou marcada pelo signo da profissionalização em serviço dos professores. A explosão escolar trouxe para o ensino uma massa de indivíduos sem as necessárias habilitações acadêmicas e pedagógicas, criando desequilíbrios estruturais extremamente graves. (idem, p. 21).

Contudo, diante desse novo contexto da arte e a preocupação dos professores da época, influenciados por novas teorias sobre o “Ensino da Arte”, divulgadas no Brasil e em outros países com John Dewey, Viktor Lowenfeld, Herbet Read, Augusto Rodrigues e Noemi Varela, entre outros, foi tomando contorno e modificando-se o panorama até então existente.

Azevedo (2002), no livro “Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte”, capítulo 8, organizado por Ana Mae Barbosa, discorre sobre o trabalho dos dois teóricos brasileiros:

> (...) Escolinha de Arte do Brasil. Essa escolinha foi criada 1948 pelo artista plástico e poeta pernambucano, Augusto Rodrigues em companhia da professora de Arte, gaúcha, Lúcia Valentim e da artista plástica norte-americana, Margaret Spencer (...) .(Azevedo, In. Barbosa, 2002, p 101)
>
> Noemi dedicou toda a sua vida á Arte/educação, desafiando seus aprendizes de arte/educadores a pensar dialogicamente quando afirma: “arte não se ensina”. Assim, posso dizer que a Arte para Noemi é advento no sentido de começo, iniciação, aparecimento – possibilidade primeira de transformação humana. (Azevedo, In. Barbosa, 2002, p. 102).

Essas influências promovem mudanças de concepção da arte. As universidades implantam cursos de curta duração - Licenciatura Curta (dois anos) em Educação Artística - e posteriormente cursos de Licenciatura Plena quando complementado o curso de Educação Artística com Habilitação em Desenho (três anos). A Lei Federal previa que Educação Artística trabalhasse três linguagens da arte e conteúdos polivalentes e concomitantes: Artes Plásticas, Educação Musical, Artes Cênicas.

Essas linguagens artísticas só eram reconhecidas quando faziam parte das festividades escolares quando da comemoração das datas festivas: Natal, Páscoa, Dia

dos Pais, Dia das Mães, Festas Cívicas e outras festas ao final do período escolar, geralmente com a participação da comunidade. Dessa forma, desconsidera-se o caráter pedagógico e a Arte passa a ser uma área sem especificidades, que nutre tão somente as tendências e os interesses sociais.

Assim, a Arte sofre outro equívoco: passa a ser ministrada em sala de aula como livre expressão, ou seja, a valorização do fazer. Coutinho (2002), no capítulo 13 do mesmo livro citado acima e organizado por Ana Mae Barbosa, discorre:

> Os conhecidos cursos de Educação Artística, que surgiram na década de 1970, foram conseqüência da primeira obrigatoriedade institucional de ensino de Arte na escola brasileira. A Lei 6592/71 incluiu a atividade de Educação Artística no currículo escolar e só depois providenciou a criação das licenciaturas curtas e plenas polivalentes para suprir a necessidade implantada. Na década de 1980, o fracasso dessas licenciaturas curtas e da própria polivalência foi amplamente discutido pelos professores(...)
> Os cursos de licenciatura em Arte no Brasil vêm, ao longo de sua curta história, caminhando a reboque das políticas educacionais implantadas, tentando conjugar estas exigências com as necessidades dos professores. (Coutinho, *In*. Barbosa, 2002, p.154).

Segundo Ana Mae Barbosa (1991, p. 130), *"os anos oitenta têm sido identificados como a década da crítica da educação que fora imposta pela ditadura militar."* Completa ainda que "a politização dos arte-educadores começou em 1980 na Semana de Arte e Ensino (setembro, 15 a 19) na Universidade de São Paulo, a qual reuniu 2.700 arte-educadores de todo o país".

Minha formação em arte-educação acontece nesse período dos anos 80, em meio aos movimentos de arte-educação. No ano de 1984, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jales, entrei em contato com as linguagens artísticas. No currículo,

essas linguagens estavam dispostas em semestres. Apesar das linguagens de música, dança e teatro serem disciplinas nos semestres, eram a linguagem plástica e o desenho que ocupavam a maior parte do currículo.

O movimento Arte-Educação, dos anos 80, contribui para um novo cenário: a valorização e o aprimoramento do professor. Além do plano artístico-pedagógico, esse novo movimento contribuiu para a integração do fazer artístico, a apreciação da obra de arte e sua contextualização histórica.

Tudo isso proporcionou pesquisas de Ana Mae Barbosa e trouxe para a Educação Brasileira a *"Proposta Triangular para o Ensino da Arte no Brasil[1]".* Em 1987 desenvolveu o primeiro programa educativo, ainda hoje referência para maioria dos programas em Arte-educação no Brasil. A "Proposta Triangular", consiste no ensino e aprendizagem de Arte em três abordagens para construir conhecimentos: 1- Contextualização histórica; 2- Fazer artístico; 3-Apreciação artística. (*teve seu desenvolvimento no MAC – Museu de Arte Contemporânea, da USP e foi* difundida no país com o apoio da Secretaria da Educação do Município de São Paulo, da Fundação Roberto Marinho, Iochpe, entre outros. Entre os diversos programas educativos: o Projeto Arte na Escola da Fundação Iochpe (RS), do qual participei, como convidada-expectadora, no aniversário de 15 anos da Pinacoteca do Estado de São Paulo).

A título de conhecimento, apresento uma pesquisa do ano de 1993, realizada pelo Censo Escolar no Brasil, apresentada pela SEEC/MEC. (BRASIL). Serviços de Estatística da Educação e Cultura. Sistema Estatístico da Educação, Cultura e Desporto.

Sob o título *"Dados sobre os Cursos de Licenciatura*", essa pesquisa, apresentada por Gatti, aponta para as matrículas e os concluintes em cursos de Licenciatura. *"Em 1993 em todo o país, concluíram os cursos analisados apenas 40.094 alunos (....).(Gatti, 2000, p 37).*

CONCLUINTES EM CURSOS DE LICENCIATURA – 1993

Cursos	*Concluintes*	*%*
Ciências Biológicas	*3.056*	*7,6%*
Ciências Sociais	*1.674*	*4,2%*
Educação Física	*5.210*	*13,0%*
Filosofia	*1.298*	*3,2%*
Física	*498*	*1,2%*
Química	*985*	*2,5%*
Matemática	*2.498*	*6,2%*
Geografia	*3.764*	*9,4%*
História	*5.697*	*14,2%*
Letras	*15.414*	*38,4%*

Fonte: SEEC/MEC

Os cursos específicos de Licenciatura nas áreas de Ciências, Pedagogia, Estudos Sociais e Educação Artística matricularam, em 1994, cerca de 189 mil alunos, mais da metade em pedagogia (114 mil), 46 mil em Ciências e o restante dividido nos outros dois cursos.

> Na região Norte, não se registram matrículas em cursos de Estudos Sociais, e os cursos de Educação Artística só são observados nos estados do Acre, Rondônia e Roraima. (Gatti, 2000, pp. 37-38)

Diante desse panorama, pode-se dizer que a formação dos professores encontra em seu bojo uma principal dificuldade, entre outras, que é a de o Estado gerar políticas educacionais que assegurem a essa formação a "dimensão do professor como um profissional autônomo e reflexivo" (Nóvoa, 1997, p.19). A esse propósito, uma citação de Nóvoa (1997, p. 18), parece-me particularmente pertinente*: "Mais do que um lugar de aquisição de técnicas e de conhecimentos, a formação de professores é o momento-chave da socialização e da configuração profissional".*

Anos depois, já com a LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 9.394/96, a Arte passa a ser considerada disciplina obrigatória do currículo das escolas da Educação Básica, tendo sua obrigatoriedade assegurada em todas as séries ou ciclos do Ensino Fundamental e em pelo menos uma das séries do Ensino Médio.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, N° 9.394, de 20 de dezembro de 1.996, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional no CAPÍTULO II, EDUCAÇÃO BÁSICA, na Seção I Das Disposições Gerais, em que indica:

> Art. 26. os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a se complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.
>
> § 2° O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

A LDB também determina as linguagens artísticas que a disciplina abrange: linguagem visual, teatro, música e dança, e não prevê mais a modalidade de Licenciatura Curta. E a maior de todas as mudanças: a nomenclatura faria jus ao que é trabalhado na disciplina, passando, a partir de então, a ser denominada Arte[1], como área de conhecimento e não mais como atividade.

Com esse percurso, o ensino de Arte fica assim estruturado nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), adotados pela maioria dos sistemas de ensino e também na rede escolar SESI-SP, nos seus Referenciais Curriculares: Arte como fazer/produzir, sentir/fruir e contextualizar/refletir. A arte passa a trabalhar o aluno como um ser completo, holístico: sua cognição, seus sentimentos e seu corpo expressivo, visando ao desenvolvimento do potencial criador.

Ana Mae (1991, p. 10): “O que a arte na escola principalmente pretende é formar o conhecedor, fruidor decodificador a obra de arte.”

É com esse cenário que chegamos ao final dos anos 90. Os processos de construção do ensino-aprendizagem da Arte e seu movimento no currículo dos estabelecimentos de ensino tiveram um percurso de muitas lutas e muitos equívocos, que até hoje estão alojados dentro das ações pedagógicas dos professores, justamente por serem esses mesmos professores os alunos daquele panorama de construção das concepções da Arte.

Após muitas tentativas de mudanças, teorias e práticas cada vez mais discutidas, chegamos ao que a Arte representa hoje: uma disciplina à margem da valori-

---

[1] Ver discussão apresentada em Oliveira, S.R.R. (1998, pp. 22-23) sobre a mudança do nome Educação Artística para Arte.

zação, em detrimento das outras disciplinas do currículo. Os professores encontram-se hoje em busca de conhecimentos e formas de análises da prática pedagógica à luz das diversas teorias, tentando mudar este panorama. Acredito que ele têm obtido algum sucesso, resultando em metodologias que desenvolvam práticas significativas na construção do conhecimento das linguagens da Arte.

Tourinho, ainda hoje, século XXI, em artigo publicado na Seção Nacional de Comunicação & Educação, 2002, sob o título "*Emoções e sentimentos: polêmicas sobre o ensino de arte",* discute a necessidade de "*avançar a concepção de ensino de arte, extrapolando a expressão de sentimentos e emoções".*

Para pensar sobre esse universo, ela diz ser *"necessário*" ainda distinguir a "*expressão*" como uma ação ou estado do artista e a "*expressão"* enquanto "*expressividade de uma obra".*

Ela nos aponta que a tarefa fundamental da arte, desde o Iluminismo, tem sido a de *"submeter todos os valores absolutos ao julgamento crítico*".

É necessário esclarecer que, quando falamos de Iluminismo, recorremos a Thomas S. Popkewitz em seu texto *"Profissionalização e Visões Pós-Modernas do Conhecimento", do livro "Os Professores e sua Formação", coordenado por Antônio Nóvoa, em que apresenta:*

> Quando digo Iluminismo, refiro-me a uma tradição que depositou fé na razão e na racionalidade enquanto factores de melhoria do mundo. O iluminismo representou uma filosofia política que concedia às pessoas responsabilidade pública na organização das suas próprias vidas. Neste contexto, as escolas tornaram-se uma instituição educativa fundamental para a realização de um dado projecto de sociedade. O objectivo era produzir um cidadão iluminado. Contudo, as tendências mais importantes da filosofia analítica do século XX, da sociologia do conhecimento, dos estudos culturais e do discurso analítico, deram uma nova

> tónica ao problema do iluminismo. Reconhece-se que: a verdade pode ser reivindicada por diferentes vias; essas reivindicações estão historicamente relacionadas e emergem de lutas e tensões sociais do mundo em que vivemos; a expansão das possibilidades humanas encerra sempre contradições. Este repensar da tradição do *Iluminismo* é normalmente designado por *pós-modernismo.(Popkewitz, In. Nóvoa, 1997, p. 46).*

Ao discutir a idéia de arte como “expressão de sentimentos e emoções” e apontar que ainda hoje é comum essa idéia de arte entre os professores e professoras, Tourinho, faz uma análise da história e retoma:

> (...) Mas é só no século XVIII, ainda atrelada à Filosofia, que a preocupação com a arte como morada privilegiada da beleza aparece e é apenas no seguinte, século XIX, que o artista ganha status de um indivíduo especial, dotado de grande personalidade, visto como se fosse um profeta ou um líder. É, portanto, no século XIX que as preocupações com a emoção e os sentimentos do artista predominam nas discussões sobre arte. (Tourinho, 2002, p. 36-44).

Tourinho busca, ainda em Hospers, a historicidade do conceito, as distinções e as especificidades da “expressão”.

> Segundo Hospers, a idéia de expressão como uma descrição geral da atividade artística é estreita e “reflete uma reminiscência do conceito místico de gênio, fomentado na era romântica” discute essas distinções. (Tourinho. In. Hospers, 2002, p. 36-44).

Ana Mae Barbosa, ao discorrer “acerca das influências estrangeiras na mudança do ensino modernista da arte para o ensino pós-moderno da arte no Brasil,

através da análise das dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas entre 1981 e 1993 nas universidades brasileiras, aponta":

> O ensino de arte no Brasil na escola primária e secundária se caracteriza pelo apego ao espontaneísmo (...). Este posicionamento caracteriza o que podemos chamar de ensino modernista da arte que concebe a arte como expressão e relação emocional (...). As metodologias que orientam o ensino da arte nos anos 80, denominadas ensino pós-moderno da arte nos Estados Unidos, ou ensino contemporâneo da arte na Inglaterra, consideram a arte não apenas como expressão, mas também como cultura, apontando para a necessidade da contextualização histórica e do aprendizado da gramática visual (...). A arte passou a ser concebida nos projetos de ensino da arte nos anos 80 como cognição, uma cognição que inclui a emoção, e não *unicamente como expressão emocional. (Barbosa, 1999, pp. 12-13).*

O que tem sido um avanço para novas discussões sobre arte e sua importância para a vida pessoal e social dos indivíduos, como expressão e comunicação dos sentimentos, experiências de vida e sentimentos, segundo Tourinho (2002, pp. 36-44), são "*as relações da arte com outras disciplinas, como a História, a Antropologia e a Psicanálise",* que acrescentaram novos tópicos à discussão sobre arte.

Percebemos que, desde o Iluminismo, passando pelo Romantismo, o Pós-Modernismo e ainda hoje, já no século XXI, no mundo virtual oferecido pela evolução do homem e suas tecnologias, a arte tende a supervalorizar o artista ou o objeto, correndo riscos de reduzir as possibilidades da arte a tão-somente sentimentos e emoções, minando os processos artísticos.

Desde minha formação, em 1986, até hoje, têm acontecido muitas transformações no ensino da arte nas salas de aula e fora dela. Algumas delas significativas, como a arte ser trabalhada nas escolas como uma disciplina que

desenvolve não somente a livre expressão, mas o aluno nas suas potencialidades criadoras, proporcionando seu fazer/produzir, seu sentir/fruir e seu contextualizar/refletir. Outras demandas ainda se arrastam nos poderes que determinam as leis no país, como o aprofundamento das linguagens artísticas em um espaço/tempo (número de aulas no currículo) não propiciador de interação entre o fazer-fruir-refletir. Ainda há que se caminhar muito em relação ao espaço e a função que a arte-educação deve ocupar dentro das escolas e no panorama educacional.

Diante desse panorama e das mudanças que a Educação vem sofrendo ao longo da história, o SESI-SP, por meio da Diretoria de Educação Básica (DEB), a partir de 2001, investe na formação continuada dos professores do Ensino Fundamental e da Educação Infantil, com a contratação de analistas pedagógicos nas diversas Áreas de Conhecimento.

> (...) iniciado em 2.001 e com a contratação de analistas pedagógicos que atuam diretamente como parceiros dos professores, em encontros durante o ano letivo, assistindo-os e promovendo reflexões da e sobre a prática em sala de aula, socializando experiências didático-metodológicas, avaliando o processo de formação de modo compartilhado, sistematizando as idéias, teorizando e produzindo saberes e fazeres pedagógicos (...) (Referenciais curriculares da rede escolar SESI-SP, 2003 – p. 14).

É nesse contexto de mudanças e de investimento educativo que envolve as instituições, no caso o SESI-SP e conseqüentemente os professores, que Nóvoa (1997) acredita ser possível acontecer a verdadeira transformação/formação do professor e da sua prática docente, ou seja, mudanças nos contextos que esse professor intervém,

possibilitando, assim, a formação continuada e suas articulações com o dia-a-dia, numa dinâmica possível de ser vivida na sua prática:

> As escolas não podem mudar sem o empenhamento dos professores; e estes não podem mudar sem uma transformação das instituições em que trabalham. O desenvolvimento profissional dos professores tem de estar articulado com as escolas e os seus projetos.
> A formação de professores deve ser concebida como uma das componentes da mudança, em conexão estreita com outros setores e áreas de intervenção . (Nóvoa, 1997, p. 28).
> A formação deve ser encarada como um processo permanente, integrado no dia-a-dia dos professores e das escolas (...) . (idem, p. 29).

Minha história de experiência na formação continuada de professores de Arte tem início aqui, nesse universo de mudanças.

A Rede Escolar SESI/SP – Serviço Social da Indústria

O programa de formação continuada dos professores da rede escolar SESI-SP acontece quatro vezes ao ano, durante 04horas (quatro horas) junto aos professores. Cada área de conhecimento tem um ou mais analistas pedagógico que atua junto aos seus professores.

As formações acontecem em cidades pré-determinadas que denominam-se “Pólos de Formação”. São locais onde todos os professores das cidades vizinhas a esta se reúnem em 04horas de formação continuada.

No dia do encontro de formação continuada, não há aulas nas escolas, pois esse dia não é letivo. A instituição já prevê em seu calendário escolar os cursos de formação continuada de professores. Os professores que não teriam aulas nesse dia marcado para o encontro de formação continuada são convidados, recebendo horas-extras para participarem. Ao final do ano, os professores recebem um certificado de participação em formação continuada.

A rede escolar SESI-SP é formada por 210 escolas, distribuídas entre Centros Educacionais de Ensino Fundamental e Médio e Centros de Educação Infantil, onde trabalham 250 professores de Arte.

O quadro abaixo traz alguns números da Educação Básica em 2007.

Modalidades	Unidades	Classes	Alunos	Professores
Educação Infantil	35 129	186 129	4.505 1.586	186 129
Ensino Fundamental	175 176	3.109 3.001	109.388 99.100	3.484 3.404
Ensino Médio	55 turmas 110 turmas	54 110	1.267 1.255	486 534

*dados atualizados em agosto/2007 * dados atualiazados em janeiro 2008

DIRETORIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA

A Diretoria conta com equipes de profissionais abaixo: (anexo quadro A).

O1- DIRETORA DE EDUCAÇÃO BÁSICA

- secretária
- Assessoria de Diretoria
- Gestão da Informática Educacional (GEID)
- Núcleo de Avaliação do Desempenho Operacional
- Supervisão de Ensino
- Núcleo de Avaliação da Dinâmica Escolar

04- GERENTES:

- Educação Básica (GEB)
- Planejamento Escolar (GEPE)
- Educação de Jovens e Adultos (GEJA)
- Planejamento Financeiro e Administração Educacional *(GEPLAF*).

05- SUPERVISORAS DE ÁREAS:

- Legislação de Ensino Procedimentos e Controle.
- Avaliação do Ensino
- Administração de Treinamento
- Metodologia de Ensino das Áreas de Conhecimento
- Atividades Extracurriculares.

74- SUPERVISORAS DE ESCOLAS, distribuídos em Pólos de Supervisão no Estado de São Paulo.

68- ANALISTAS que coordenam a formação continuada dos professores, sendo 36 analistas pedagógicos da Gerência de Educação Básica (GEB) e os demais distribuídos nas demais Gerências (GEPE, GEJA E GEPLAF).

A equipe de analistas que trabalha com a Formação Continuada de Professores na Educação Básica conta com 36 profissionais de educação, da gerência de Educação Básica, nas diversas Áreas de Conhecimento do Ensino Fundamental, Educação Infantil e Ensino Médio. Respondendo pela área de Arte, temos duas analistas pedagógicos.

> A partir de 1990, novos pensamentos inspiraram transformações além das questões programáticas, buscando-se mudanças paradigmáticas (...) Uma delas foi a reformulação do Regimento Comum do Sistema Escolar SESI-SP em 1998 (...) O compromisso político do departamento Regional do SESI-SP, perante essa mudança promovida pela Diretoria de Educação Básica, consolidou-se pelo apoio e investimento no projeto de formação continuada dos profissionais da educação, iniciando em 2001 e com a contratação de analistas pedagógicos[...]. (Referenciais curriculares da rede escolar SESI-SP, 2003, pp. 13-14).

Enquanto analista pedagógico de arte sou parte desse processo de formação continuada desde seu início na Gerência de Educação Básica (GEB). No primeiro ano, passei por vários momentos de estudos e reflexões sobre as idéias, os conceitos, os saberes e os fazeres pedagógicos, assim como todos os analistas das outras áreas do conhecimento.

Juntaram-se a nós, analistas, uma equipe de consultores que compartilham dos mesmos ideais, o que veio culminar na produção dos Referenciais Curriculares da Rede Escolar SESI/SP, em 2003, uma das metas da Diretoria de Educação Básica (DEB) da Rede Escolar SESI/SP. Durante a construção dos Referenciais Curriculares, os professores e os analistas da Rede, refletem sobre a relevância de sua área do conhecimento, fundamentam, teorizam a concepção de ensino, as abordagens, a metodologia, as unidades significativas e as expectativas de ensino/aprendizagem de cada área do conhecimento do currículo.

Os encontros de formação continuada dos professores da rede escolar SESI-SP acontecem há sete anos (2001), quatro vezes ao ano nas “cidades-pólos” (cidades estratégicas que facilitam o deslocamento e o agrupamento dos professores). O número de professores depende do número de Centros Educacionais que fazem parte daquele pólo, geralmente não mais de vinte e não menos do que cinco professores.

> *Formação continuada dos profissionais de educação* parte da compreensão oposta à racionalidade técnica e concentra-se na proposta de Shön: “refletir na ação, sobre a ação e sobre a reflexão na ação”.
> Valorizar-se-á, na formação continuada dos educadores:
> - *as experiências individuais e coletivas, a reflexão crítica sobre as mesmas, transformando-as em objetos de estudos;*
> - esforço para uma apropriação ativa de conhecimento teórico que subsidie, amplie, articule, traduzindo-se em novas competências para agir no fazer pedagógico. (Referencias curriculares da rede escolar SESI-SP, 2003, p. 21)

É necessário salientar que, quando falamos de formação continuada de professores, estamos nos referindo ao desenvolvimento do profissional de ensino o que é mais do que falar somente em “aperfeiçoamento”, “reciclagem”, “formação em

serviço", entre outros termos usados para a formação continuada. Essa formação a qual o SESI-SP possibilita e quer conquistar é uma formação que propicia a reflexão e a tomada de consciência para um desenvolvimento além do profissional, abrangendo também o pessoal desses professores.

Segundo Nóvoa:

> A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projectos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional. (...) Urge por isso (re)encontrar espaços de interacção entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriar-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro das suas histórias de vida.
> A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante *investir a pessoa* e dar um estatuto ao *saber da experiência*. (Nóvoa, 1997, p. 25).

Nos encontros de formação continuada de Arte, os analistas e os professores dessa área de conhecimento discutem e ampliam o fazer pedagógico nas quatro linguagens artísticas: dança, música, teatro e visual. Desde então, a formação continuada tem sido o espaço de diálogo, reflexão, fundamentação e avaliação do processo de ensino e aprendizagem dos alunos e da atuação enquanto arte-educadores.

Modelo Organizativo é um modelo de formação que pretende atender às necessidades do professor. Ele pode ajudar a romper com a prática meramente transmissora. O professor necessita buscar meios de mudar a sua prática pedagógica

e instituir nessa prática o trabalho com os pressupostos metodológicos da rede escolar SESI –SP, bem como sua concepção de ensino para a aprendizagem dos seus alunos.

Esses Modelos Organizativos (propostas e exemplos de atividades que contemplam e facilitam o estudo dos pressupostos metodológicos nas práticas pedagógicas) de Arte são preparados pelas analistas a fim de serem refletidos e muitas vezes vivenciados pelo grupo de professores durante os encontros, possibilitando a experimentação.

> Os procedimentos metodológicos têm como objetivo explicitar uma prática pedagógica direcionada a uma aprendizagem significativa a ser adotada pelos professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental no desenvolvimento das unidades significativas, tendo como ponto de partida as expectativas de ensino e aprendizagem expressas nos Referenciais Curriculares".
> Este trabalho está estruturado em situações fictícias inspiradas na prática de sala de aula, as quais possibilitam analisar e compreender os pressupostos que embasam esta obra, visando explicitar a ação docente a ser adotada na rede escolar SESI-SP.
> Os procedimentos metodológicos apresentados – mobilização, levantamento do conhecimento prévio, análise dos saberes dos alunos e tomada de decisão, problematização, sistematização e avaliação – não devem ser compreendidos de forma linear e seqüencial, mas de maneira integradora. (Introdução ao fazer pedagógico da rede escolar SESI-SP, 2003, p. 9).

Nas formações continuadas os analistas de todas as áreas do conhecimento investigam, junto aos professores, a contribuição do modelo organizativo enquanto instrumento formativo, visando a autonomia e mudança da prática docente, por meio de estratégias diversas. Dessa forma, os professores contam as suas experiências metodológicas de sala de aula, e o analista faz intervenções da prática pedagógica apresentada no modelo e relatada nas experiências, além de combinados para o

próximo encontro de formação continuada, criando assim, laços de afetividade e comprometimento.

Na maior parte das vezes, esses modelos são propostos para serem analisados pelo professor, modificados ou não, ampliados ou não, e trabalhados com os alunos em sala de aula, a fim de que, no próximo encontro de formação continuada, aconteça uma apresentação por parte de quem desenvolveu a experiência em sala de aula.

Em Arte, os modelos contam com sugestões de atividades para o trabalho com as quatro linguagens (dança, música, teatro e visual). Inicia-se com uma das linguagens como ponto de partida para que as outras linguagens da arte sejam envolvidas em maiores e/ou menores graus de profundidade dos conteúdos, de acordo com as necessidades e escolhas do professor.

Segundo Nóvoa:

> É preciso trabalhar no sentido da diversificação de modelos e das práticas de formação, instituindo novas relações dos professores com o saber pedagógico e científico. A formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico. E por uma reflexão crítica sobre a sua utilização. A formação passa por processos de investigação, directamente articulados com as práticas educativas. (Nóvoa, 1997, p. 28).

Essa prática de apresentar e discutir modelos organizativos como sugestões de atividades traz para os encontros de formação continuada a possibilidade de o professor refletir sobre sua própria prática pedagógica e perceber assim suas dificuldades e seus avanços na busca de possíveis soluções e intervenções, tanto por ele como pelo analista.

Em Nóvoa (1997), também encontramos sustentação para a troca de experiências como prática da formação continuada e da própria formação do professor.

> A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formado". (Nóvoa, 1997, pg. 26).
> Práticas de formação que tomem como referência as dimensões colectivas contribuem para a emancipação profissional e para a consolidação de uma profissão que é autônoma na produção dos seus saberes e dos seus valores. (Nóvoa, 1997, p. 27).

Assim, a troca de experiências e o diálogo entre os professores consolidam espaços de interação contínua entre saberes acumulados e saberes emergentes capazes de gerar experimentações e vivências que irão propiciar a esse professor condições de criar sua própria experiência estética e de fazer.

Os Modelos Organizativos devem servir de parâmetros para criar boas situações de aprendizagens. Além disso, constitui-se o modelo metodológico das formações continuadas, gerando referências para o professor no trabalho com os pressupostos metodológicos, constantes nos Referenciais Curriculares da entidade. Pretende-se que o professor alcance a autonomia do ensinar e aprender sem ser tão-somente depositário de conteúdos, mas também fecundador de novas formas de atuar em sala de aula nas práticas pedagógicas.

Ao final do ano de 2005, foi realizada junto aos professores da rede escolar SESI-SP uma Avaliação Interna da Diretoria de Educação Básica que permitiu elaborar as metas de trabalho a serem desenvolvidas na formação continuada dos professores.

Nesse sentido, algumas questões foram colocadas para que os professores identificassem os possíveis avanços e as possíveis dificuldades encontradas durante o ano, no intuito de serem trabalhadas como metas para o próximo ano de 2006.

Especificamente para os professores de Arte foram apresentadas algumas questões:

1- Aspectos pessoais (data de nascimento, tempo de docência no magistério e tempo de docência na Rede Escolar SESI-SP)

2-Formação Inicial e formação ao longo da vida profissional dos professores de Arte da Rede Escolar SESI-SP (graduação, pós-graduação, cursos complementares, entre outros).

3-Dentre as linguagens da Arte, qual é a que você mais experimenta, vivencia e aprecia?

4-Cite três expectativas de ensino-aprendizagem que você sente necessidade de aprofundar nos encontros de formação de 2006.

5-Indique três assuntos que você gostaria que fossem trabalhados na formação continuada de 2006.

6-Indique uma sugestão para o aprimoramento dos encontros de formação continuada.

Perfil dos Professores de Arte

O perfil dos professores de Arte da Rede Escolar SESI-SP apresenta-se da seguinte forma: a média de idade é de 35 anos; a média de tempo de docência na rede é de 17 anos. No que se refere à formação inicial, temos 90,5% formados (habilitados) em Artes Visuais; 0,6% formados (habilitados) em Música; 0,3% formados (habilitados)

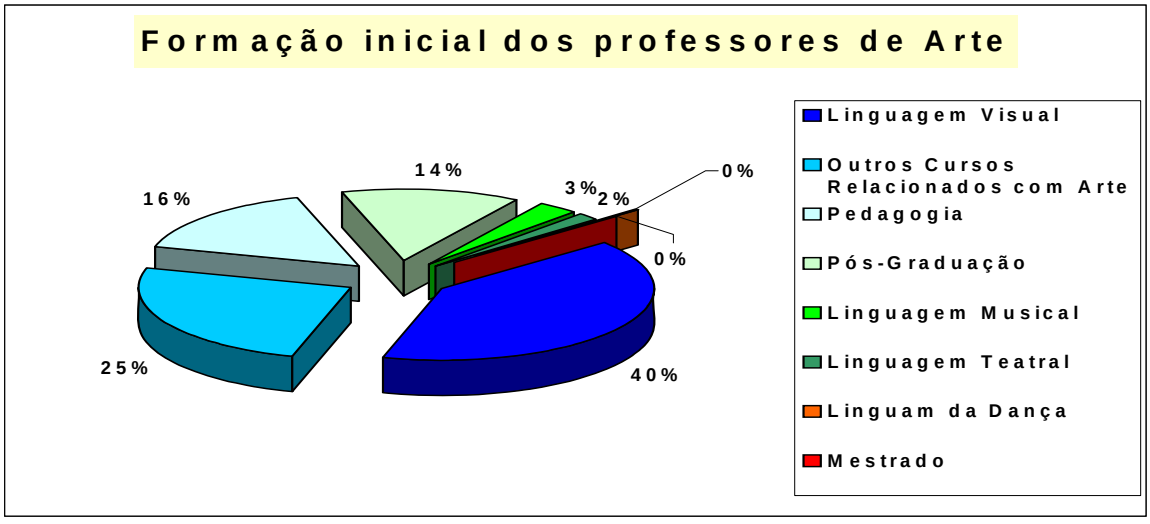
em Teatro e 0,5% formados (habilitados) em Dança, sendo que 8,1% dos professores não responderam.

Dentre as questões da avaliação, duas em especial descrevo:

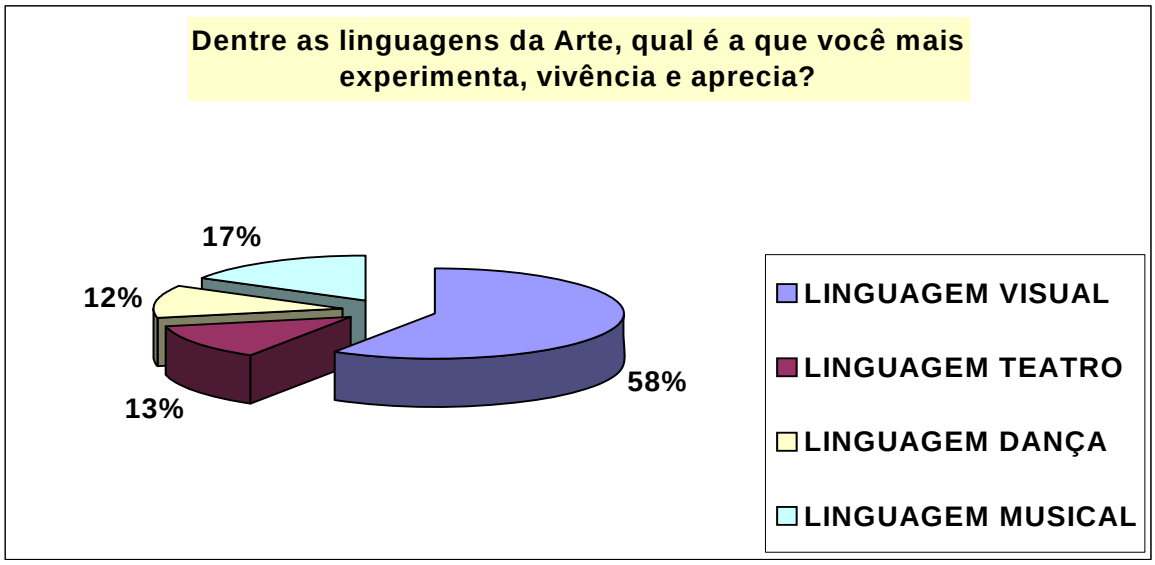
1- Formação inicial e formação ao longo da vida profissional dos professores de Arte da Rede Escolar SESI-SP (graduação, pós-graduação, cursos complementares, entre outros).

2- Dentre as linguagens da Arte, qual é a que você mais experimenta, vivencia e aprecia?

Apresentarei a seguir os resultados desta avaliação para compor o contexto de minha pesquisa e ajudar o leitor a compreender um pouco melhor como acontece o ensino de arte na rede em questão.



Fonte: Gráfico elaborado a partir da avaliação de 2005, realizada pelos professores de Arte da rede escolar SESI-SP.



Fonte: Gráfico elaborado a partir da avaliação de 2005, realizada pelos professores de Arte da rede escolar SESI-SP.

Sobre as dificuldades identificadas pelos professores nesta avaliação de 2005, destacam-se:

- Ampliar e desenvolver atividades corporais relativas à elevação do solo, aumentando a consciência do esforço e dos apoios como pulos e saltos, utilizando-os como elementos expressivos.
- Pesquisar a atividade artística dos profissionais da música, como intérpretes, regentes, compositores, arranjadores, etc., compreendendo a função desses profissionais no processo da criação musical, bem como seu papel social.
- Desenvolver o pensamento gestual, exercitando a elaboração mental dos movimentos, na criação de composições.
- Reconhecer os padrões rítmicos e melódicos presentes nos diversos estilos musicais e representá-los.

- Pesquisar e conhecer o universo profissional voltado para a música, compreendendo sua multiplicidade dentro dos diversos períodos históricos.
- Explorar e analisar os padrões rítmicos e melódicos presentes nos diversos estilos musicais.
- Desenvolver e explorar figuras e desenhos gestuais, utilizando diversas partes do corpo humano, bem como diferentes esforços.
- Incentivar análise comparativa de vários produtores da mesma época, contextualizando, reconhecendo e interpretando os elementos presentes nas obras (cinema, TV, etc).
- Atuar de forma criadora e transformadora em relação aos estilos musicais, procurando contextualizá-los dentro do universo sociocultural e do universo profissional voltado para a música, compreendendo sua multiplicidade dentro dos diversos períodos históricos.
- Explorar e conscientizar-se da importância do corpo e da gestualidade no trabalho teatral.
- Reconhecer a diversidade dos veículos artísticos e tecnológicos de que fazem uso as artes visuais e como as mesmas interferem na comunidade e no cotidiano, bem como seu papel social.

Além das dificuldades, os professores descrevem os avanços em:

- ✓ O trabalho com as linguagens da Arte apresenta maior tranqüilidade na prática do professor, uma vez que desconstrói aos poucos a idéia do “acerto e o erro” como processo e passam a compreender como “tentativas de acerto”.

- ✓ Os encontros de formação têm possibilitado a fala do professor e a escuta do analista no sentido de estar ampliando o universo de reflexões dos conceitos e das dificuldades práticas.
- ✓ A consciência do professor em reconhecer-se como pesquisador e autônomo de sua formação continuada.
- ✓ Clareza em desenvolver as habilidades e as competências que o referencial curricular propõe nas expectativas e nos pressupostos metodológicos da Rede.

Assim como todo sistema de ensino, a rede escolar SESI-SP, também proporciona uma flexibilidade de trabalho, necessária aos educadores que lidam com o movimento da escola, da sala de aula e dos próprios educadores, portanto um movimento nada linear.

Nóvoa (1997, p. 29), confirma essa forma de como acontece a flexibilidade e a participação dos professores no "pensar a formação continuada". "*Os professores têm de ser protagonistas activos nas diversas fases dos processos de formação: na concepção e no acompanhamento, na regulação e na avaliação."*

A formação dos professores passou durante esses anos, desde 2001, por processos de tentativas e acertos. Primeiramente os de ordem pedagógica: como ajudar o professor nas suas dificuldades, como ampliar seu repertório de conhecimento, tanto dos conteúdos como da sua metodologia em sala, de aula, ou seja, o "Conhecimento Pedagógico". Depois os de ordem estrutural: números de pólos de formação; cidades estratégicas para facilitar a locomoção dos professores; números de encontros por ano, dentre outros. Enfim, chegamos ao ano de 2007, com algumas certezas e outras tantas idéias.

Neste contexto educacional e profissional, esta pesquisa começou a surgir a partir da proposta de trabalho que aqui apresento, a qual foi elaborada com muitos questionamentos meus, dentre eles como os professores chegaram até aqui? Quais os caminhos percorridos e os “fatos” que acompanham suas trajetórias? Como percebiam minha ação nos encontros de formação? Como os professores eram mobilizados para esses encontros? O que permanecia e o que não permanecia de tudo que discutíamos? Os professores se transformavam em suas práticas pedagógicas? Qual o impacto dessa transformação no repertório de experiências de formação que carregam? O que sabem dos conteúdos e como ensinam esses conteúdos?

Assim, cheguei a uma pergunta de grande importância para que a formação continuada pudesse mobilizar os professores: como pensam os professores? Carlos Marcelo Garcia em seu texto “Contribuições da Investigação sobre o Pensamento do Professor: Da Procura do Professor Eficaz ao Estudo do Conhecimento Especializado”, no livro “Os Professores e a sua Formação coordenado por António Nóvoa, esclarece, citando Shulman:

> A investigação que Shulman e os seus colaboradores vêm desenvolvendo tem justamente como objetivo estudar o que sabem os professores sobre os conteúdos que ensinam, onde e quando adquiriram esses conteúdos, como e porquê se transformam esses conteúdos durante a formação de professores e como devem ser utilizados no ensino concreto na sala de aula. (Wilson & Shulman, 1987. Garcia In. Nóvoa, 1997, p. 56).

Quando o professor fala de sua experiência de vida com arte-educação, da formação continuada, ele está se expondo, revelando sua postura frente a todas as

mudanças decorrentes ao longo de sua vida - mudanças cognitivas, afetivas e comportamentais -, bem como as mudanças ocorridas na educação, tanto nos contextos socioculturais, como nas leis e nas instituições de ensino. Contudo, o professor revela-se principalmente no olhar que ele constrói de suas experiências formadoras, sobre o que é Arte e o que é ser professor de Arte?

Ainda segundo Shulman e Garcia:

> O conhecimento de conteúdo pedagógico compreende “as formas mais úteis de representação das idéias, as analogias mais importantes, ilustrações, exemplos, explicações e demonstrações, numa palavra, a forma de representar e formular a matéria para a tornar compreensível” (Shulman, 1986, p.9. In. Garcia. Nóvoa, 1997. p. 57).
> A importância dada a este tipo de conhecimento deve-se ao facto de não ser um conhecimento que possa ser adquirido de forma mecânica ou linear; nem sequer pode ser ensinado nas instituições de formação de professores, uma vez que representa uma elaboração pessoal do professor ao confrontar-se com o processo de transformar em ensino o conteúdo aprendido durante o seu percurso formativo. (Garcia In Nóvoa, 1997, p. 57).

Essas inquietações fizeram surgir um conjunto de perguntas que ao serem formuladas junto aos professores, poderiam oferecer parâmetros para refletirmos sobre os seus olhares, suas crenças, sua história de vida e formação e sua prática da sala de aula. Esta pesquisa deixaria revelar as trajetórias e as experiências formadoras dos professores sobre sua formação inicial na universidade, a formação de vida em arte-educação e a continuada, na ação, que a rede escolar SESI-SP oportuniza ao professor da rede.

A proposta dessa pesquisa é: **“**A partir das narrativas **História de vida com Arte-Educação**, tentar compreender as relações desse professor com a arte, suas

experiências formadoras e o que os encontros de formação continuada na rede escolar SESI-SP provocam e fazem pensar".

Para responder essa pergunta, usei o material que colhi durante o ano de 2005 e 2006. Foi solicitado que os professores construíssem narrativas para responder a duas grandes questões:

1- História de Vida e com Arte-Educação;

2- Imagens associadas à formação continuada com a analista.

3-Como vejo minha formação continuada no SESI com a analista?

- O que me provoca?
- O que me faz pensar?

Esse material, rico em informações, começou a ser analisado e questionado, durante meu processo de levantamento, tabulação e construção da pesquisa.

Nesse percurso participou da pesquisa 70 professores de Arte, sendo que 10 desses foram escolhidos para o diálogo com suas narrativas e imagens associadas à formação continuada da rede escolar SESI-SP.

CAPÍTULO III

HISTÓRIAS DE ARTE-EDUCADORES E PERCURSOS DE EDUCAÇÃO CONTINUADA.

> **Eu vos amei e respeitarei, pois os professores são os mais nobres dos homens e trabalham por pouco, apenas para realizarem o que desejam suas almas sem egoísmo. Em vosso nome, e lembrando-me de vós, farei o melhor que puder, e vos recordarei sempre.**
>
> **Taylor Caldwell (1990, p. 273)**

1- NARRATIVAS E PROPOSTA DE ABORDAGEM PARA O DIÁLOGO

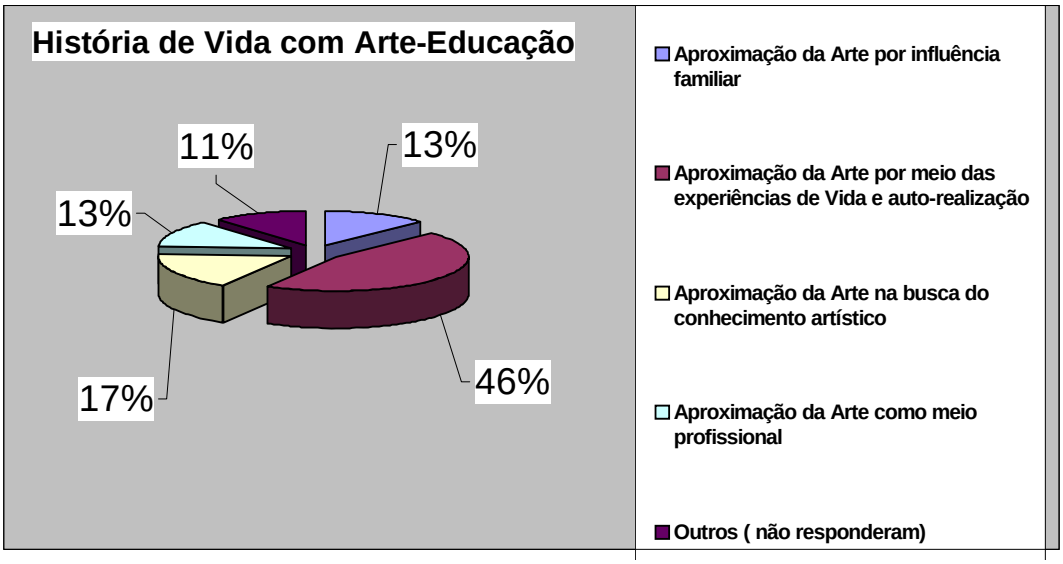
Se esta é sua Arte, quais são as suas histórias? Conte-me as suas histórias e entenderei a sua arte.

Metodologicamente, persigo as marcas nos registros e enunciações dos professores dos quais sou formadora, busco autores interessados em compreender os processos humanos de constituição da subjetividade.

Selecionei a história que, a meu ver, tem um maior significado. Contudo, essa seleção não tem como único critério àquilo que faz sentido apenas para mim, mas o que, a partir do encontro com o professor, produz sentidos mútuos na cadeia das interações nos encontros de formação continuada.

Portanto, não há juízo de valor a se fazer sobre os trabalhos aqui analisados no que se refere à verdade científica. A interpretação de cada um ao ler, será sempre renovada, porque em cada leitura ela se nos apresenta atualizada.

A partir de suas narrativas pude selecionar algumas categorias que darão sustentação aos argumentos que mais adiante farei. Categorias: 1) Aproximação da Arte por influência familiar; 2) Aproximação da Arte por meio das experiências de vida e auto-realização; 3) Aproximação da Arte na busca do conhecimento artístico; 4) Aproximação da Arte como meio profissional e 5) Outros, considerando os que não responderam.



Fonte: Narrativas de Histórias de Vida com Arte-Educação realizada em 2006 pelos professores de ARTE da rede escolar SESI/SP.

Contar a história da constituição da formação continuada e da formação de vida e experiências dos professores foi o modo encontrado por mim de se fazer com que a experiência não se perdesse. A partir da narrativa indiciam-se lições da experiência: 1) *Identidade; 2)Subjetividade; 3) Dúvidas e Certezas;* 4) *O que revela e o que esconde. Dessas experiências surge a prática da sala de aula.*

> "Se a aprendizagem experencial é um meio poderoso de elaboração e de integração do saber-fazer e dos acontecimentos, o seu domínio pode tornar-se um suporte eficaz de transformações" (...), "aprender pela experiência é ser capaz de resolver problemas dos quais se pode ignorar que tenham formulações e soluções teóricas. (JOSSO, 2004, p .41).

Josso nos mostra que pelas experiências vividas, tanto na vida e formação, quanto na formação continuada, pode-se produzir ciência a partir da experiência pessoal, na qual os professores registram suas histórias: seu pensar, sentir e agir e as transformações que percebem. Parto da possibilidade de que existe uma relação intrínseca entre suas trajetórias de vida, suas experiências na formação continuada e suas práticas pedagógicas.

Segundo Josso (2004, p. 60), a narrativa está intimamente ligada aos referencias interiorizados pelo professor ao longo de sua vida e deve ser um "*processo auto-reflexivo(...). "Numa palavra, é entrar em cena um sujeito que se torna autor ao pensar na sua existencialidade".*

Para tentar responder à pergunta desta dissertação usarei como base teórica os *"Três níveis de análise"* de Josso (2004, pp. 61-86).

- Nível 1 – evidência do processo de formação;
- Nível 2 - evidência do processo de conhecimento;
- Nível 3 - evidência dos processos de aprendizagem.

Por ser o "*nível 2 – evidência do processo de conhecimento"* o que mais se aproxima da minha pergunta de pesquisa, e por ser o nível que me permitiu

caracterizar as etapas do trabalho biográfico e das relações desse professor com a arte, suas experiências formadoras, entendo o que o encontro de formação continuada da Rede Escolar SESI-SP lhe provoca e faz pensar, estarei me aprofundando com maior propriedade nessa realidade.

Nível 2: Levantamento, por meio dos confrontos intersubjetivos, dos argumentos, das palavras-chave, das expressões estandardizadas que evidenciam os registros das ciências do humano nos quais se exprime a tomada de consciência sobre si e sobre o seu meio humano e natural, as auto-interpretações e intercompreensões do seu processo de formação. Levantamento de um itinerário de conhecimento e dos referenciais que o acompanharam em relação à formação em curso. (Josso, 2004, p. 69).

Algumas categorias foram selecionadas, a saber:

- Relação com a arte na História de vida e na vida escolar: processos de mudanças: fatos que provocaram mudanças
- Influência dos mestres ao longo da sua história de vida: são citados? São lembrados?
- Dificuldades no processo de formação profissional: como são narradas? Como foram superadas? Quais permanecem?
- Sentimentos que relacionam com a prática docente.
- Importância da formação continuada: relação com arte? Como aparece?

CATEGORIAS PARA O DIÁLOGO COM AS NARRATIVAS

1- Relação com a arte na história de vida e na vida escolar: processos de mudanças .	Na análise dessa categoria busco na narrativa do professor a sua aproximação com a arte e essa aproximação nas suas experiências e vivências ao longo de sua vida. Alguns professores revelam essa aproximação com a arte na infância, outros na adolescência, outros ainda somente na universidade a descobrem. Alguns professores narram a sua aproximação com a arte através e pela família, outros pela pesquisa e busca de conhecimento, outros se aproximam como fonte de trabalho. Analiso também como o professor vivencia a arte na sua formação profissional. Quando a narrativa oferece dados em relação a qual concepção de arte a educação escolar da época de estudante desse professor privilegiou, analiso como ele construiu seu conhecimento durante sua trajetória escolar e como esse conhecimento refletiu na sua formação e visão de mundo. Alguns professores vêem a arte como técnica e desenvolvem em suas práticas pedagógicas em sala de aula o que aprenderam nas escolas e universidades - linguagem plástica. Na

	rede escolar SESI-SP 90% dos professores da disciplina de arte cursaram Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas. A LDB 9394-96- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional prevê na disciplina de Arte o trabalho com as quatro linguagens artísticas: linguagem visual, linguagem musical, linguagem do teatro e linguagem da dança. Portanto, a formação continuada na rede escolar SESI-SP é um espaço de reflexão sobre a prática pedagógica dos professores em sala de aula. Entendendo essa experiência do professor como formadora, podemos comparar as narrativas numa situação de formação continuada.
2- Influência dos mestres ao longo da sua história de vida -	Algumas narrativas trazem a influência que os “mestres” tiveram na sua vida. Os mestres a que me referi na análise são todos os professores que tiveram ações de construção de conhecimento ao longo da vida do professor da análise: cursos que fizeram, escolas que freqüentaram, faculdade que cursaram, palestras a que assistiram. Às vezes, quando o professor da análise faz referência nominal, a influência do mestre fica clara na narrativa, outras vezes, essa influência

	não é mencionada. As narrativas são momentos de resgate, de contar a história com os sentimentos e conhecimentos de hoje, portanto são histórias que estão na lembrança do professor e que determinam sua identidade. Ao escrever o professor re-visita seu percurso e percebe-se enquanto pessoa e enquanto arte-educador. Ao analisar as narrativas percebe-se que o professor tem referências de situações reais de aprendizagem formadora, isto é, reconhece como e quando aprende.
3- Dificuldades no processo de formação profissional -	Nessa categoria, a análise é direcionada às dificuldades vividas e experimentadas durante o processo de formação do professor arte-educador. Durante sua trajetória de vida e formação o professor enfrenta alguns obstáculos financeiros, questionamentos sobre escolhas de cursos e identificação profissional, entre outros. Esses obstáculos geram percursos que revelam suas escolhas e o modo como o professor construiu seu conhecimento em arte-educação. Se transportarmos essa situação para a formação continuada dos professores de

	arte, poderíamos dizer que eles, em geral, reconhecem seus conteúdos a serem trabalhados com os alunos; o que lhes faltam são condições financeiras para adquirirem materiais de consulta e apoio, bem como tempo maior na preparação de suas aulas, entre outras dificuldades (número de alunos por sala, salários, etc.). Essas dificuldades só são reveladas por alguns, enquanto outros revelam somente dificuldades metodológicas para desenvolver conteúdos no processo de ensino-aprendizagem.
4- Sentimentos e conhecimentos relacionados com a prática docente -	Nessa categoria, são analisadas as ações da prática docente – metodológicas, filosóficas e conceituais- permeadas de princípios pedagógicos e valores que determinam o modo como esse professor ensina e faz suas construções pessoais. Revelam também como usa a metodologia na sua prática pedagógica com seus alunos, como produz, vê e sente a arte. Os sentimentos e conhecimentos do professor demonstram suas descobertas e nos fazem entender sua identidade profissional enquanto arte-educador. Analista e professores, ao dialogarem e refletirem sobre as práticas da sala de

	aula, situações e estratégias de ensino-aprendizagem abrem espaços para que aconteçam as trocas de experiências. Assim, as trocas de experiências e os conhecimentos compartilhados proporcionam espaços de formação mútua, desempenhando assim, papéis de formador e formado. O diálogo, a troca de experiências e as vivências que os encontros de formação proporcionam entre os professores são fundamentais para consolidar saberes da prática docente, envolvendo, para tanto, sentimentos e conhecimentos.
5- Importância da Formação Continuada e sua relação com a arte–	Nessa categoria, é possível analisar o quanto o professor da rede escolar SESI-SP valoriza a formação continuada quando em seu texto aponta um caminho possível de transformação da prática pedagógica em sala de aula. Aponta também que nos encontros de formação continuada as trocas de experiências, os diálogos e as reflexões sobre as dificuldades e os avanços na sala de aula são momentos de reflexão necessários para a transformação de postura e construção de saberes.

Todo processo de análise é produzido a partir dos fatos e acontecimentos narrado no gênero biográfico e nas respostas às questões relativas à formação continuada: O que a formação com a analista provoca e o que faz pensar? Posteriormente, tentarei a luz das teorias compreender as relações que existem nas experiências da história de vida com arte-educação e a formação continuada que participam. O objetivo é compreender os significados e sentidos postos em circulação e neles elaborados. Como nos diz Josso (2004, p. 43), *“As experiências, de que falam as recordações-referenciais constitutivas das narrativas de formação, contam não o que a vida lhe ensinou, mas o que se aprendeu experencialmente nas circunstâncias da vida”.*

Faço um convite para acompanhar as histórias de formação em Arte-Educação narradas pelos professores, sobre a constituição de suas experiências formadoras e trajetórias, aliadas aos encontros de formação continuada.

Segundo Nóvoa (1997, p. 26), *”os momentos de balanço retrospectivo sobre os percursos pessoais e profissionais são momentos em que cada um produz a “sua” vida, o que no caso dos professores é também produzir a ”sua“ profissão”.*

2- DIÁLOGO COM AS NARRATIVAS DOS PROFESSORES

NARRATIVA 01

HISTÓRIA DE VIDA COM A ARTE-EDUCAÇÃO

O meu percurso pessoal foi conseqüência das minhas vivências que fui construindo através de experiências com educadores maravilhosos ex: Regina Machado, Éster Soares (colméia), Rosangela Acciolli, Rubens Matuck entre outros...Vaneri Oliveira, Carla Menegheti e Maria José Castellar... Um curso, a discussão sobre oficinas, textos, orientações didáticas[1], uma professora afetiva como Karen (escola da vila). A presença da arte na minha vida foi semeada na família e cultivada na escola. As atividades artísticas eram constantes[2] e intuitivamente buscava amigos extremamente expressivos. Não repeti o que foi ensinado mas as abordagens, o processo de autoconhecimento, a afetividade construiu uma parte do mosaico que trago como lembrança[3].

DIÁLOGO COM A NARRATIVA 1:

1- Relação com a arte na história de vida e na vida escolar: processos de mudanças - a presença da arte nessa análise é relacionada tanto à família quanto à escola, onde "*as atividades artísticas eram constantes[2]"* e eram durante essas atividades que, por afinidades, havia a busca de novas amizades.

Para esse professor o conteúdo que lhe foi ensinado durante sua vida escolar não foi valorizado como repetição, mas como peças de um "*mosaico*" que envolve muitos conhecimentos que geraram a construção dos seus próprios saberes. Como diz Josso:

> Os contos e as histórias da nossa infância são os primeiros elementos de uma aprendizagem que sinalizam que ser humano é também criar as histórias que simbolizam a nossa compreensão das coisas da vida. As experiências, de que falam as recordações-referências constitutivas das narrativas de formação, contam não o que a vida lhes ensinou, mas o que se aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida (Josso. 2004, p. 42).

Portanto, percebe-se que durante a sua vida, as peças foram acoplando-se em forma de conhecimentos e provocando transformações capazes de compor novos *"mosaicos*".

2- Influência dos mestres ao longo da sua história de vida - são citados nominalmente diversos professores qualificados com adjetivos como: educadores maravilhosos, professores afetivos.

A influência desses professores aparece quando o professor se refere às vivências compartilhadas ao longo da sua história de vida com arte-educação que geram experiências formadoras.

Quando Josso (2004), no Capítulo X de seu livro "Experiências de Vida e Formação" descreve e nomeia pesquisadores/autores que a acompanharam na sua pesquisa - como nos subtítulos Afinidades e referências, O atributo sociocultural, e o Atributo psicossomático -, ela, entre tantos estudos formadores, revela: "(...) a natureza e as artes me permitiram desenvolver uma consciência poética". (Josso, 2004, p. 229). Assim esclarece:" *Cada pessoa procura, na vida, uma arte de viver que seja a sua arte de viver, procura um lugar que seja o seu lugar (...)" (Josso, 2004, p. 230).*

Nesse sentido o professor também buscou em seus mestres aprendizagens/ensinagens e referências, quando considera que eles influenciaram sua vida com arte-educação.

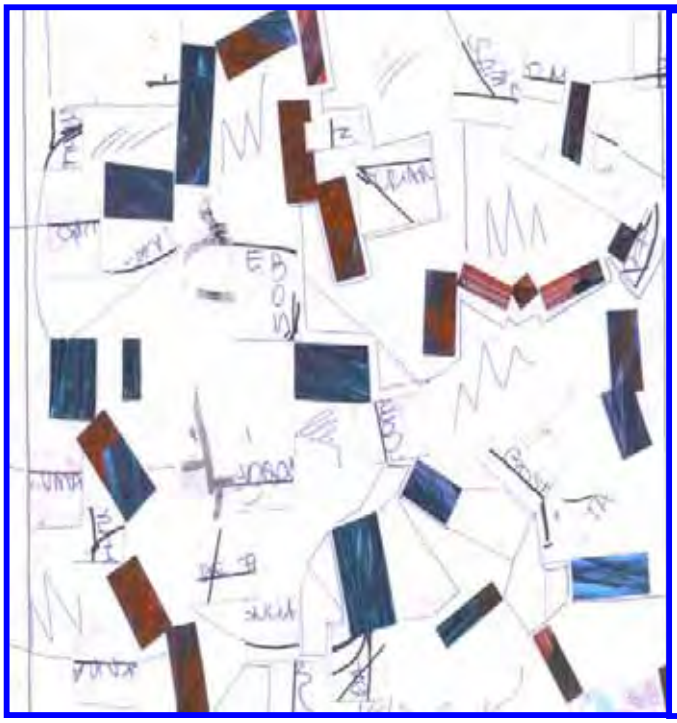
Podemos então entender que o professor em questão sofreu transformações ao se conscientizar da sua trajetória enquanto sujeito e ator de sua própria história.

3- Dificuldades no processo de formação profissional - o professor, em sua narrativa, não revela as suas dificuldades no processo de formação, mesmo tendo ou não ocorrido.

4- Sentimentos e conhecimentos relacionados com a prática docente - o único sentimento citado quando fala de suas experiências formadoras é a afetividade.

A narrativa revela que esse sentimento vivenciado na relação com seus professores tornou-se marcante a ponto de hoje, em sua própria prática pedagógica, ser valorizado e transcender na relação com seu aluno.

Sua forma de falar do autoconhecimento e da afetividade: "*o processo de autoconhecimento, a afetividade construiu uma parte do mosaico que trago como lembrança*[3]*"* - remete-me à imagem que ele faz da formação quando solicitado a criar uma imagem associada à formação continuada.



Colagem

Categorias Estéticas:
Linha : mistas
Cor: claro - escuro
Textura lisa
Luz:- natural
Forma: geométrica e fragmentada

Elementos que compõem a obra:
Cheio aberto

Composição:
Assimétrica Proporcional – repetida

Temática
Alegoria abstração

Como os olhos se movem em relação à obra:
Ritmado

FIGURA [A]

[A] Fonte: esse texto foi construído inspirado nas minhas representações reunidas e sistematizadas ao longo da minha formação, advindas de tantos processos de aprendizagens. Dentre esses processos destaco as idéias do prof° Dr° Ronaldo Alexandre de Oliveira (docente responsável Teia do Saber 2005).

Nessa imagem criada pelo professor ele rompe com a forma: assim como no mosaico os pedacinhos não têm regularidade em tamanhos, na criação desse professor isso também ocorre. Da mesma forma, o conhecimento e os saberes refletidos na formação continuada não acontecem de forma linear e em moldes estáticos. Os encontros de formação continuada são permeados de movimentos e peças que se ajustam e se completam, como o mosaico a que ele se refere e, ainda, como o desenho associado a essa formação criado pelo professor: As peças, sem tamanho ou cores padronizadas, dançam, movimentam-se no espaço do papel, encontram-se com traços e letras, como quando ele traz para o espaço da formação as suas idéias, suas experiências, suas realizações e suas angústias, pois a formação é esse espaço de discussão, de troca de experiências. Se fizermos uma analogia entre as letras, linhas e as formas de recortes que formam a composição criada pelo professor poderíamos dizer que as suas idéias na formação podem ser representadas pelo movimento das formas que compõem sua criação artística associada à formação? Poderíamos dizer também que suas experiências estariam representadas, na sua composição, pelos traços que ramificam e passeiam entre as formas e parecem dançar no espaço do papel? E esse conjunto poderia ser o mosaico que compõe sua narrativa? Essa imagem criada pelo professor remete-me a sentimentos, sensações e interpretações, ao que ele chama de "*afetividade".*

5- Importância da Formação Continuada e sua relação com a arte– a narrativa não apresenta de forma explicita essa categoria, porém subentende-se que o professor valoriza a formação continuada quando em seu texto cita "*um curso, a*

discussão sobre oficinas, textos, orientações didáticas[1]". Pode-se perceber que esses itens citados fazem parte de suas próprias experiências formadoras e de sua história de vida com arte-educação.

A importância da formação continuada fica clara ao analisarmos a segunda narrativa.

COMO VEJO A MINHA FORMAÇÃO NO SESI COM A ANALISTA?

- ✓ **O QUE PROVOCA?**
- ✓ **O QUE ME FAZ PENSAR?**

Amélia me faz repensar a prática, induz a investigação. Ela provoca o educador a buscar soluções para as dificuldades reconhecidas.

Trabalha com bastante argumentação e afetividade no sentido de reconhecer a marca pessoal de cada educador.

Eu procuro buscar a marca pessoal do meu aluno. Dou oportunidade para esta expressão em cada atividade!

Para esse professor, a formação continuada no SESI-SP está vinculada à ação da analista no que o provoca e no que o faz pensar quanto à sua prática pedagógica. Essa ação faz com que o professor investigue o seu fazer pedagógico a fim de reconhecer e solucionar suas dificuldades, além de compartilhar suas experiências..

Assim como sentia nos seus mestres a afetividade que o movia para novas experiências, o professor também destaca esse sentimento na ação da analista, quando dá valor à marca pessoal de cada participante do grupo dos professores em formação continuada.

Essa característica valorizada pelo professor é transportada para a sua própria ação na prática pedagógica junto aos seus alunos, comprovando o que pontua Nóvoa em relação a essa transposição dos sentimentos de formação:

> A teoria fornece-nos indicadores e grelhas de leitura, mas o que o adulto retém como saber de referência esta ligado à sua experiência e à sua identidade (...) A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando. (Nóvoa, 1997, pp. 25-26).

Assim, são as experiências significativas no processo de formação continuada e de vida com arte-educação que promovem as transformações, pois a formação não está desassociada das significações, das vivências e das experiências vividas enquanto sujeito de sua própria história formadora.

NARRATIVA 02

HISTÓRIA DE VIDA COM A ARTE-EDUCAÇÃO

Formação literária e familiar

Nasci na periferia da cidade de Osasco- Grande São Paulo. Venho de uma infância pobre, e comecei a estudar diretamente na 1ª série do ensino fundamental. Estudei em colégio estadual até a 7ª série.

Minha mãe estudou até 4ª série e meu pai até a 7ª série.

Quando eu tinha 10 anos, minha mãe precisou trabalhar fora, devido as condições financeiras. Começou a trabalhar como copeira no Banco Bradesco e foi à partir desse momento que eu amadureci, pois tinha que executar as tarefas de casa sozinha. Aos 14 anos consegui uma vaga no colégio da Fundação Bradesco, devido ao emprego de minha mãe e, no mesmo ano comecei a trabalhar como bancária no mesmo Banco.

Até então, a disciplina de Educação Artística, para mim, era sinônimo de desenho geométrico e, para meus pais, provavelmente significava "desenho livre" ou algo semelhante. Jamais havia visitado um museu ou um teatro, pois no colégio estadual onde estudei excursão era sinônimo de "Playcenter" e "Sesc Campestre[1] ".

Já na Fundação Bradesco tive uma enorme dificuldade de adaptação, pois estava literalmente "atrasada" como diziam alguns professores. Para mim, aquele era um mundo novo, onde falava-se de um tal de "Renascimento", trabalhos sobre máscaras indígenas, materiais como giz pastel, etc, fora o conteúdo de outras matérias[2]. Como eu iria compreender todo aquele universo novo, em conjunto com a minha insegurança, sem ter com quem desabafar, com minha mãe trabalhando 12 horas por dia, somando o fato de eu ser lembrada pelos "colegas" como a aluna que veio do "Estado".

Não tive dúvidas, voltei ao colégio estadual e pedi a minha vaga de volta. Uma semana depois minha mãe, indignada, me fez voltar para a Fundação Bradesco[3] . Fiquei noites em claro para me atualizar, entender e compreender aquele novo universo. Aos poucos, fui me adaptando[4].

Como eu já havia citado, comecei a trabalhar no mesmo ano, o que ampliou ainda mais meus horizontes. Comprava revistas e livros dos mais variados assuntos e já não me sentia tão insegura e desatualizada.

Me formei e, no ensino médio optei pelo curso Técnico em Redator Auxiliar. Tive Educação Artística somente no 1º ano, onde aprendi História da Arte, basicamente através de slides sobre Pré-História, Renascimento, etc., sempre de maneira superficial. Já não sentia dificuldades na aprendizagem, pois tudo era transmitido de forma clara e simples. Tínhamos diversos trabalhos extra-classe como visitas em teatros, entrevistas com atores, visitas a museus, sebos, etc. Visitávamos diversas bibliotecas, como a biblioteca da ECA-USP, Mário de Andrade, etc. Consegui conciliar com o emprego, pois trabalhava meio período[5].

Terminado o ensino médio e, com o incentivo dos colegas de classe e, do próprio colégio, prestei vestibular no ano seguinte.

Comecei a estudar na Universidade Mackenzie, curso de Desenho Industrial – Habilidade em Programação Visual[6], juntamente com minha melhor amiga do ensino médio.

Devo confessar que tanto eu como a minha amiga não sabíamos exatamente qual a finalidade do curso mas, para nós, no momento, o mais importante era que havíamos entrado na Faculdade. O que foi um grande equívoco.

A mensalidade era razoavelmente cara; a lista de materiais, infinita, trabalhos extra-classe diários; ônibus, lotado, demorava cerca de 1 hora e 30 minutos para fazer o percurso de Osasco até a Faculdade, dormia, em média, 6 horas por noite. Já no primeiro semestre pensei em desistir. Foi, quando com o apoio da minha amiga e de minha mãe, que passou a custear parte da mensalidade, decidi continuar. Aos poucos, fui me interessando pelo curso e entendendo a sua finalidade[7].

Foi então que decidi mudar para o curso de Artes Plásticas – Habilidade em Educação Artística. Tentei diversas vezes, mas primeiramente o curso estava em extinção, não havia mais turma compatível ao meu semestre, e em segundo lugar fui aconselhada por colegas e professores a continuar o curso, pois se eu optasse por Artes Plásticas, provavelmente seria professora de Educação Artística, e tendo o diploma de Programação Visual seria Designer, o que daria uma realização profissional maior. Pura ironia.

Optei por continuar cursando Programação Visual. No 3º ano casei e continuei estudando. Quando minha filha nasceu, tranquei matrícula por um semestre, retornando no ano seguinte.

Minha filha estava com 6 meses quando retornei ao trabalho e ao estudo ao mesmo tempo. Comecei a desenvolver o meu TGI- Trabalho de Graduação Interdisciplinar, com o projeto: "Programa de Identidade Visual: Confecção Infantil", que estava completamente de acordo com meu momento. Tinha que me dedicar integralmente a ele, pois as pesquisas eram diárias. Pedi minha demissão do Banco, após 9 anos de trabalho e, com a idenização, custeava a mensalidade e o material. Minha sogra cuidava de minha filha, enquanto eu estudava em cursos de Computação Gráfica, para desenvolver o projeto, e fazia visitas semanais a biblioteca da ECA-USP, para pesquisas teóricas[8].

Após 1 ano de pesquisa e desenvolvimento, apresentei o projeto e obtive a nota máxima[9"].

Finalmente estava formada e poderia conseguir um emprego na área do design gráfico. Fiz diversas entrevistas e enviei vários currículos, mas todos sem testes, sempre era barrada no mesmo item.

Comecei a trabalhar como documentadora em uma empresa de informática, onde se exigia somente o Ensino Médio. Após um ano de trabalho pedi demissão e decidi consertar o passado[10]. Comecei a me informar sobre quais eram os que a Faculdade de Belas Artes de São

Paulo estavam formando turmas para o curso de Formação de Professores/Licenciatura Plena, para pessoas formadas em Arquitetura, Programação Visual, Projeto de Produto e Engenharia.

Na mesma semana fiz matrícula no curso e lá pude vivenciar, através da teoria das aulas e da prática de ensino/estágio supervisionado, todo o universo do professor e da sala de aula. ***Fiquei maravilhada[11].***

Para mim, o curso foi fundamental e muito bem ministrado pelos professores e pela coordenação[12]. O curso teve duração de 6 meses, em caráter intensivo, pois estagiava e estudava todos os dias.

Terminado o curso, comecei a lecionar. Senti que ainda não estava totalmente preparada. Foi então que através de uma amiga, soube que ECA-USP oferecia cursos de extensão para professores de Arte[13]. Optei pelo curso de aperfeiçoamento em Arte-Educação, coordenado por Regina Machado e Ana Mãe Barbosa e ministrado por Ana Amália Barbosa – produzir, Rejane Coutinho – contextualizar e Carlos Fernando – apreciar [14]. Dispensa comentários[15].

Faz 6 anos que leciono em colégio estadual, exatamente na periferia de Osasco, mesmo lugar onde começa esse texto. E há uma semana e meia leciono no Sesi. Procuro ensinar a meus alunos tudo aquilo que eu não aprendi no ensino fundamental e, acima de tudo, mostro a eles o maravilhoso universo da Arte[16].

Acredito que, somente com a formação continuada de professores, podemos fazer do ensinar-aprender algo maravilhoso e encantador[17].

DIÁLOGO COM NARRATIVA 2

1- Relação com a arte na história de vida e na vida escolar: processos de mudanças – essa narrativa revela como o professor constrói suas vivências e como as transforma em experiências de formação enquanto arte-educador, hoje: "*Procuro ensinar a meus alunos tudo aquilo que eu não aprendi no ensino fundamental e, acima de tudo, mostro a eles o maravilhoso universo da Arte[16]".*

*A*o narrar, aponta criticamente o ensino da Arte no currículo da escola e os pressupostos do modelo das décadas de 70-80 que privilegiava tanto o "fazer por fazer" quanto à "geometria" e os "eventos". Equívocos que pautaram a história da arte-educação no Brasil, conforme já mencionado em outro capítulo desta pesquisa. "*Até então, a disciplina de Educação Artística, para mim, era sinônimo de desenho geométrico e, para meus pais, provavelmente significava 'desenho livre' ou algo semelhante.Jamais havia visitado um museu ou um teatro, pois no colégio estadual onde estudei excursão era sinônimo de "Playcenter" e "Sesc Campestre[1]".*

O professor em sua narrativa deixa transparecer suas descobertas quando muda de escola e percebe um novo modelo de ensino. Nesse novo contexto, depara-se com a urgência de aprender. Procura por informações e sente a dificuldade de entender, pois não fazia parte de suas referências esse universo que era ministrado na "nova" escola. *"Para mim, aquele era um mundo novo, onde falava-se de um tal de" Renascimento ", trabalhos sobre máscaras indígenas, materiais como giz pastel, etc, fora o conteúdo de outras matérias[2]".*

A insegurança de um "mundo novo", que nunca havia sido apresentado a esse professor-aluno, provoca a reflexão acerca de seu processo de formação e lhe dá a dimensão do quanto teria de superar-se para compreender e aprender esse desafio que se lhe apresentava. Junto a isso, o medo de não conseguir lhe dá a certeza de querer retornar ao lugar seguro que já conhecia: a escola estadual. *"Como eu iria compreender todo aquele universo novo, em conjunto com a minha insegurança" (...). (...) "Não tive dúvidas, voltei ao colégio estadual e pedi a minha vaga de volta. Uma semana depois minha mãe, indignada, me fez voltar para a Fundação Bradesco[3]".*

Quando sua mãe intervém na sua decisão de desistir do que ela considerava ideal em formação escolar, o professor em questão vai descobrindo ao longo de seu processo formador que ele é capaz e pode construir uma nova forma de experimentar o mundo, mesmo que para isso ele tenha de ter muito esforço e determinação ”*Fiquei noites em claro para me atualizar, entender e compreender aquele novo universo. Aos poucos, fui me adaptando*[4]*“.*

Percebemos que, ao tentar estudar em uma escola diferente, o professor dessa análise sentiu-se inseguro e quis desistir. No entanto, com a intervenção externa (sua mãe) ele volta e busca elementos que o ajudam a superar suas dificuldades de forma a adaptar-se àquele lugar antes desconhecido.

Entendendo essa experiência do professor como formadora, podemos comparar essa descrição com uma situação de formação continuada.

Ao transportarmos essa experiência de intervenção feita pela mãe do professor dessa análise para a formação continuada, a semelhança do processo de intervenção em ambos os casos se ajustam: de um lado a mãe, elemento externo à prática de ensino da escola, porém integrante na formação de vida-educação desse professor-aluno, e do outro a formação continuada, espaço privilegiado das descobertas pedagógicas, capaz de provocar reflexões sobre o como se ensina e o como se aprende no processo das práticas pedagógicas na sala de aula. Ambas representam intervenções necessárias que contribuem para a construção de situações de aprendizagem.

Podemos fazer uma analogia da trajetória de experiências vividas pelo professor - suas inseguranças, medo, desejo de desistir - com a prática pedagógica de um professor em sala de aula, com as vezes em que ele “tenta” ensinar e percebe que a

aprendizagem como ele supunha não aconteceu. Quando suas expectativas não são alcançadas, ele tende a culpar o outro: sistema, alunos, coordenação, recursos ou falta deles, dentre outros. Nem sempre sozinho consegue olhar para sua prática, repensar suas ações, seus valores, cultura, suas estratégias de formação, sua metodologia, enfim, um olhar para si.

A formação continuada nesse olhar propicia a "investigação em conjunto" de novas estratégias de ensino-aprendizagem como uma forma de intervenção que possibilita reflexão, isto é, um distanciamento da prática, um olhar para os saberes do professor, as representações dos alunos em relação ao ensinado, a dialética de aproximação e reflexão da teoria e da prática na intenção de modificar sua ação frente aos saberes dos alunos e acontecer o que Donald A. Schön (1997) chama de reflexão-na-ação: "(...) é possível olhar retrospectivamente e refletir *sobre* a reflexão-na-acção. (...) o professor pode pensar no que aconteceu (...) ". (Schön, In Nóvoa, 1997, p. 83). Ou como nos traz Angel Pérez Gómez:

> Um processo de *investigação na ação,* mediante o qual o professor submerge no mundo complexo da aula para a compreender de forma crítica e vital, implicando-se afectiva e cognitivamente nas interações da situação real, questionando as suas próprias crenças e explicações, propondo e experimentando alternativas, participando na reconstrução permanente da realidade escolar. A prática reflexiva exige um novo modelo de investigação, onde tenha lugar a complexidade do real (...) graças a uma reflexão conjunta (e recíproca) entre o aluno-mestre e o professor ou o tutor". (Gómez, In. Nóvoa, 1997, p. 112).

O aluno, em seu dia-a-dia na sala de aula sente inseguranças, desejos e medos. Isso pode provocar nele resistência à aprendizagem, isto é, não querer ter contato com aquele conteúdo no qual não encontra significado para sua vida e assim tornar-se

desmotivado. Faz-se necessário que o professor reflita e busque novas formas de ensinar para que possa intervir com diferentes estratégias e metodológicas, com situações que promovam significações ao ensinado, formas diferenciadas de elaborar as aulas, promover a pesquisa como fonte de propiciar autonomia aos alunos e criar situações reais de aprendizagem, levando em conta os referencias de vida e de saberes dos seus alunos. Assim, mediará a superação dos alunos na aprendizagem e os mobilizará a quererem cada vez mais experimentar os saberes escolares.

O professor, em seu dia-a-dia, vai confrontar-se com esse aluno que não aprende somente de forma meramente transmissiva, que exige dele uma postura flexível, de construtor de conhecimentos, mobilizador de práticas pedagógicas e que tenha o conhecimento da relação dialética entre teoria e realidade, para superar as dificuldades. Esse professor poderá sentir-se desmotivado e necessitará de “ajudas” que o possibilitem refletir. Assim, é a formação continuada, o espaço que possibilita o distanciamento necessário para a reflexão-da-ação, centrada no professor, na sala de aula e na suas experiências de formação enquanto prática pedagógica, possibilitando futuras intervenções no ensino-aprendizagem entre professor e aluno.

Nesse sentido, poderíamos pensar que as dificuldades que esse professor-aluno nos relata o ajudaram a aprender a superar obstáculos e a enfrentar situações novas, mesmo que os sentimentos a princípio fossem inseguros e o desejo fosse o de desistir. Precisamos de uma intervenção externa para poder tomar a distância necessária da ação e refletirmos a própria prática.

Essa narrativa não traduz uma simples descrição da realidade. Revela-se como um instrumento de aprendizagem ao descrever o processo de produção- construção da aprendizagem desse professor, que não esperou e lamentou-se por não conhecer, mas

tornou-se um pesquisador quando buscou descobrir e aprender tudo o que não entendia e por isso mesmo temia. Podemos dizer que esse professor-aluno foi construtor-ator de sua própria história de formação e sujeito aprendente, como nos apresenta Josso: (.) "*é entrar em cena um sujeito que se torna autor* (...)" *aprender pela experiência é ser capaz de resolver problemas dos quais se pode ignorar que tenham formulações e soluções teóricas'. (Josso, 2004, p. 39) ".*

Mais tarde, quando já terminado o ensino médio, o contato com a arte já tem voz: "(...) no ensino médio *optei pelo curso Técnico em Redator Auxiliar. Tive Educação Artística somente no 1º ano, onde aprendi História da Arte, basicamente através de slides sobre Pré-História, Renascimento, etc., sempre de maneira superficial. Já não sentia dificuldades na aprendizagem (...). Tínhamos diversos trabalhos extra-classe como visitas em teatros, entrevistas com atores, visitas a museus, sebos, etc. Visitávamos diversas bibliotecas (...). Consegui conciliar com o emprego, pois trabalhava meio período[5]".*

O contato com a arte se estabelece na relação com a escola que o promove e ganha força na aproximação que faz das produções artísticas de seu tempo-espaço. Porém a arte novamente é relatada pelo professor como trabalhada em sala de aula "sempre de maneira superficial", o que acentua de certa forma os moldes de educação ainda hoje nos currículos escolares do ensino médio no Brasil.

Ele conhece o lugar de onde fala, e muito investiu, no sentido de pesquisas e busca de saberes, por esse conhecimento.

2- Influência dos mestres ao longo da sua história de vida – o professor tem referências de situações reais de aprendizagem formadora, isto é, reconhece como e quando aprende quando menciona com muita segurança a competência dos seus professores e da coordenação pedagógica do local onde estudava: **"***Para mim, o curso foi fundamental e muito bem ministrado pelos professores e pela coordenação*[12]*".*

Quando o professor busca sua identidade e formação, ele demonstra o quanto conhece e tem referências didático-pedagógicas sobre a atuação dos seus professores arte-educadores. A sua formação durante o seu processo de vida enquanto arte-educador lhe assegurou reconhecer práticas pedagógicas que garantissem formações autônomas: aprender a aprender.

São citados nominalmente diversos professores qualificados e ele revela valorização quando enfatiza: "*Dispensa comentários*[15]*".*

Isso fica claro quando sua narrativa aponta suas escolhas: *"Optei pelo curso de aperfeiçoamento em Arte-Educação, coordenado por Regina Machado e Ana Mae Barbosa e ministrado por Ana Amália Barbosa – produzir, Rejane Coutinho – contextualizar e Carlos Fernando – apreciar*[14]*".*

3- Dificuldades no processo de formação profissional – a narrativa apresenta uma trajetória de muitas experimentações e dúvidas em relação à escolha profissional. Apresenta também um desejo constante de conseguir uma formação que lhe proporcionasse não tão somente um diploma, mas lhe trouxesse conhecimento. **"***Comecei a estudar na Universidade Mackenzie, curso de Desenho Industrial– Habilidade em Programação Visual(...)*[6] *".*

"A mensalidade era razoavelmente cara; a lista de materiais, infinita, trabalhos extra-classe diários; ônibus, lotado, demorava cerca de 1 hora e 30 minutos para fazer o percurso de Osasco até a Faculdade, dormia, em média, 6 horas por noite. Já no primeiro semestre pensei em desistir. Foi, quando com o apoio da minha amiga e de minha mãe, que passou a custear parte da mensalidade, decidi continuar. Aos poucos, fui me interessando pelo curso e entendendo a sua finalidade[7]".

A sua aproximação com a arte é constante no processo de formação profissional. O curso escolhido por esse professor requer habilidades artísticas quanto à criatividade e ao conhecimento em mídias. As dificuldades enfrentadas por ele não são de habilidades e competências do ato criador, mas sim de ordem financeira e de tempo para executar as tarefas.

Se transportarmos essa situação para a formação continuada dos professores, poderíamos dizer que os professores, em geral, reconhecem seus conteúdos a serem trabalhados com os alunos; o que lhes falta são, assim como a esse professor da análise, condições financeiras para adquirirem materiais de consulta e apoio, bem como tempo maior na preparação de suas aulas, entre outras dificuldades (número de alunos por sala, salários, etc.).

Esse professor em questão ao narrar sua história de arte-educador deixa claras sua experiência e valorização na pesquisa quando nos apresenta; *"Comecei a desenvolver o meu TGI- Trabalho de Graduação Interdisciplinar, com o projeto:' Programa de Identidade Visual: Confecção Infantil' que estava completamente de acordo com meu momento. Tinha que me dedicar integralmente a ele, pois as pesquisas eram diárias (...) enquanto eu estudava em cursos de Computação Gráfica,*

para desenvolver o projeto, e fazia visitas semanais a biblioteca da ECA-USP, para pesquisas teóricas[8]".

A formação continuada de um professor, conforme os autores dessa pesquisa defende acontece no percurso de toda a sua vida. Como aponta Dominicé (1990, pp. 149-150) *"Devolver à experiência o lugar que merece na aprendizagem dos conhecimentos necessários à existência (pessoal, social, profissional) passa pela constatação de que o sujeito constrói o seu saber activamente ao longo do seu percurso de vida. (In Nóvoa,1997. p. 25)*. No caso desse professor sua formação é constante e a cada etapa ele busca sua auto-realização; *"Após 1 ano de pesquisa e* desenvolvimento, apresentei o projeto e obtive a nota máxima[9]".

Porém, sua busca ainda não teve fim. Ao terminar seus estudos na universidade, percebe que há necessidade de retomar o que deixou no passado: seu desejo com a arte-educação. *(...) "decidi consertar o passado[10] "(...).*

Essa situação do professor da análise é uma retomada corajosa de identidade profissional nem sempre encontrada no primeiro curso estudado. Porém, seu inverso também é possível: muitos professores (com diplomas de licenciatura) ao entrarem em contato com a sala de aula e os alunos, descobriram que não se identificavam com situações de ensino-aprendizagem. Alguns continuam na educação somente pelo fato de ter uma profissão (13%), ou ainda por insistência da família (13%). (Veja dados no gráfico: "História de vida com arte-educação" , p. 59).

Na formação continuada esse universo clarifica-se ao ouvir o professor e ao estimular nele uma perspectiva crítico-reflexiva que Nóvoa (1997) chama de "desenvolvimento pessoal":

> A formação deve estimular uma perspectiva crítico –reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autonomo e que facilite as dinamicas de autoformação participada. estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional (...) Por isso é tão importante *investir a pessoa* e dar um estatuto ao *saber da experiencia*. (Nóvoa, 1997, p. 25).

4- Sentimentos e conhecimentos relacionados com a prática docente – os sentimentos e os conhecimentos que esse professor descreve demonstram suas descobertas e nos fazem entender que enfim havia encontrado sua identidade profissional enquanto arte-educador: "*Na mesma semana fiz matrícula no curso e lá pude vivenciar, através da teoria das aulas e da prática de ensino/estágio supervisionado, todo o universo do professor e da sala de aula.* ***Fiquei maravilhada[11].***

A formação continuada proporciona espaços de descobertas da prática como a narrada pelo professor da análise. Analista e professores ao dialogar e refletir sobre a prática da sala de aula, situações e estratégias de ensino-aprendizagem, abrem espaço para que aconteça a troca de experiências. Nóvoa (1997) discorre:

> A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formado.
> O diálogo entre os professores é fundamental para consolidar saberes emergentes da prática docente". (Nóvoa, 1997, p. 26).

Houve uma tomada de consciência da necessidade da busca dos saberes e da sua profissionalização enquanto arte-educador***: "****Terminado o curso, comecei a*

lecionar. Senti que ainda não estava totalmente preparada. Foi então que através de uma amiga, soube que ECA-USP oferecia cursos de extensão para professores de Arte[13]".

A prática pedagógica desse professor é de um pesquisador. A formação continuada favorece e abre espaços de reflexões e diálogos sobre essa forma de construir conhecimentos, necessários ao processo de formação de um sujeito autônomo.

Esse professor não busca no passado seu referencial de ensino-aprendizagem, pois o que lhe foi negado pelas escolas em que estudou, principalmente na primeira de origem, ele quer proporcionar ao seu aluno hoje, não repetindo nem perpetuando formas de "ensinagem" nas quais não acredita e que não condizem com sua postura de educador. Hoje, analisa com criticidade as práticas pedagógicas e tenta novas formas e estratégias de ensino, que não as que tivera enquanto aluno: *"Faz 6 anos que leciono em colégio estadual, exatamente na periferia de Osasco, mesmo lugar onde começa esse texto. E há uma semana e meia leciono no Sesi. Procuro ensinar a meus alunos tudo aquilo que eu não aprendi no ensino fundamental e, acima de tudo, mostro a eles o maravilhoso universo da Arte[16]".*

5- Importância da Formação Continuada e sua relação com a arte – o professor valoriza a formação continuada quando em seu texto aponta um caminho possível de transformação da prática pedagógica em algo prazeroso: **"***Acredito que, somente com a formação continuada de professores, podemos fazer do ensinar-aprender algo maravilhoso e encantador[17] ".*

A importância da formação continuada fica clara, também, quando olhamos para a imagem que esse professor fez associada à formação.

Colagem

Categorias Estéticas:
Linha : suaves
Cor: claro-escuro- fracas
Textura: lisa
Luz:- dia
Forma: sólido-fragmentado

Elementos que compõem a obra:
Longe- sobreposto

Composição:
Assimétrica Proporcional – Sobreposta

Temática:
Cena histórica e retrato

Como os olhos se movem em relação à obra:
Flutuante e salteado

FIGURA[B]

Nessa imagem, criada pelo professor em análise, ele faz uma colagem com vários elementos sobrepostos. Mostra a figura de uma menina sentada em uma carteira escolar e há várias palavras e frases - imaginação, idéias, formação continuada de professores, ampliar o universo cultural, ensinar as disciplinas como elas aparecem na

[B] Fonte: esse texto foi construído inspirado nas minhas representações reunidas e sistematizadas ao longo da minha formação, advindas de tantos processos de aprendizagens. Dentre esses processos destaco as idéias do prof° Dr° Ronaldo Alexandre de Oliveira (docente responsável Teia do Saber 2005).

vida, escola, SESI - coladas em num painel com imagem que pode ser um lugar urbano. Assim como a formação continuada é um espaço de reflexão dos saberes e das práticas pedagógicas, a imagem traz um espaço de ensino-aprendizagem quando propõe a imagem como uma lousa-escola. Na imagem, a criança tem diante de si um universo a aprender e está virada olhando para o apreciador da imagem. Na formação continuada, o professor tem um universo a refletir e dialogar voltado ao aluno. No caso, a arte, as imagens são partes das representações do Homem que contam sua história, suas crenças, seus desejos, suas conquistas, seus relacionamentos, enfim. As frases e as palavras nos encontros são vozes que surgem em meio aos diálogos, às reflexões, e são vozes que aparecem não de forma linear, mas exatamente como estão coladas as frases na criação do professor. Aparecem de todos os participantes, cada uma de um lado, de uma cor, de uma sonoridade, falando do que sabem, do que temem, do que conquistam. Os encontros de formação continuada, assim também como a imagem do professor, não são estruturados para que todos olhem o analista falando em uma palestra sem fim. São encontros de formação com movimentos de idéias, em que cada um tem a oportunidade de ouvir e falar, em um grande círculo onde circulam conhecimentos e troca de experiências. Na imagem do professor da análise, a criança olha para trás e sorri. No encontro de formação continuada o universo não é somente a discussão e a reflexão, mas o aluno: as estratégias de como ele aprende, quem ele é, o que ele precisa, o que e como ele sente, como ele pensa os conteúdos, seus desejos, seus sonhos(...). Podemos concluir que tanto à imagem associada à formação que o professor traz para esse diálogo, quanto os encontros de formação continuada que o analista media, ambos são espaços abertos, convidativos para que aconteçam o ensino-aprendizagem, o diálogo e a interação. A imagem representa a formação:

Imagem - quem olha (espectador), quem criou (artista-professor); Formação – quem participa (professor), quem media saberes (analista).

A importância da formação continuada fica clara ao analisarmos a segunda narrativa.

COMO VEJO A MINHA FORMAÇÃO NO SESI COM A ANALISTA?

- O QUE PROVOCA?

- O QUE ME FAZ PENSAR?

Provoca a sensação de um aprendizado constante e muito enriquecedor.

Me faz pensar que devemos estar sempre nos atualizando, buscando novas formas de ensinar[1], fazendo assim do ensinar –aprender algo encantador.

Para esse professor, a formação continuada na rede escolar SESI-SP está vinculada à ação do analista no que provoca e no que faz pensar quanto à sua "sensação" de que aprende continuamente. Essa ação faz com que o professor sinta que a aprendizagem acontece de forma a trazer para sua prática, saberes sobre os quais ele ainda não tinha refletido e faz com que seja enriquecedor refletir nos encontros de formação continuada. É a sensação de momentos de aprendizado de percursos pessoais e profissionais, como nos aponta Nóvoa (1997, p. 26), sobre a formação como "balanço retrospectivo": "*São momentos esses que cada um produz a*

*"sua" vida, o que no caso dos professores é também produzir a "sua" profissão".*Essa sensação de um aprendizado constante é transportada para a sua própria ação na prática pedagógica, tão presente na sua história de vida e formação enquanto arte-educador: a pesquisa.

Assim, a formação continuada possibilita e faz com que esse professor reforce a necessidade da pesquisa: "*Me faz pensar que devemos estar sempre nos atualizando, buscando novas formas de ensinar* [1](...)". A pesquisa para esse professor foi sempre constante em sua vida e foi através dela que ele superou suas dificuldades enquanto aluno. Por isso sente que com ela o ensino-aprendizagem é necessário e encantador, pois a formação não está desassociada das suas vivências e suas experiências como sujeito de sua própria história formadora.

NARRATIVA 03

HISTÓRIA DE VIDA COM A ARTE-EDUCAÇÃO

Na minha família todos gostavam de música, papai tocava violão "música sertaneja[1]" embora nunca tivesse aprendido em conservatórios ou escola de música a sua habilidade era natural digamos assim um "dom" dado por Deus!

Aos meus 10 anos comecei estudar "Piano", música erudita[2] me formei aos 19 anos onde já cursava a Faculdade "Teresa D'avila em Santo André – lógico Educação Artística – habilitação em Artes Plásticas[3]. Lecionei piano para crianças durante o curso de E.A porque precisa trabalhar[4] – Percebi ao longo dos anos que mesmo desenvolvido a técnica do desenho não tenho habilidade para Desenhar, mas mesmo assim me tornei Professora de Arte[5], Tenho outras habilidades adoro falar, cantar, sei tocar piano, adoro representar, e sou pé de valsa!

Tenho criatividade para fazer e motivar coreografias e cantar a arte me envolve, não consigo olhar ao redor pois tudo para mim é Arte[6]. Fiz Pedagogia na Faculdade Unoeste terminei em 1989 – e atualmente fiz 2004 fiz Pós Graduação em Gestão – Escolar com a tese indisciplina –
"DA VELHA GUARDA DISCIPLINADA Á JOVEM GUARDA INDISCIPLINADA- DE UM EXTREMO AO OUTRO [7]".

DIÁLOGO COM NARRATIVA 3

1- Relação com a arte na história de vida e na vida escolar: processos de mudanças – essa narrativa revela a aproximação do professor com a arte em suas vivências na infância e adolescência e como ele também traz a arte para sua formação profissional: **"***Aos meus 10 anos comecei estudar" Piano ", música erudita me formei aos 19 anos onde já cursava a Faculdade" Teresa D'avila em Santo André – lógico Educação Artística – habilitação em Artes Plásticas[3] ".* Durante toda a sua vida escolar, esse professor tem relação com a arte dentro e fora da escola. Em sua narrativa, ele não aproxima essa relação: escola e seus estudos de piano. Também não menciona em nenhum momento como era e o que se estudava na disciplina de Arte durante seus anos escolares. Ao descrever suas habilidades, o professor dessa análise faz referência à sua "falta" de habilidade para desenhar; porém, em contrapartida, sente-se capaz e adora cantar, falar, dançar, tocar piano coreografar..." *não tenho habilidade para Desenhar (...) Tenho outras habilidades. adoro falar, cantar, sei tocar piano, adoro representar, e sou pé de valsa! Tenho criatividade para fazer e motivar coreografias e*

cantar a arte me envolve, não consigo olhar ao redor, pois tudo para mim é Arte[6"]. Cabe aqui uma pergunta: qual concepção de arte a educação escolar da época de estudante desse professor privilegiou no momento da sua vida escolar? Percebe-se que a concepção de arte para esse professor é a da arte enquanto técnica, enquanto desenho. No entanto, as habilidades que ele afirma ter superam a de um simples reprodutor de formas. Suas habilidades dentro das linguagens artísticas fazem com que ele sinta-se capaz de envolver-se a todo momento com a arte.

2- Influência dos mestres ao longo da sua história de vida - a narrativa não apresenta de forma explicita essa categoria; porém, subentende-se que o professor valoriza a influência de seus professores quando em seu texto cita os lugares onde estudou e conseqüentemente aprendeu "*Faculdade Teresa D'avila em Santo André – lógico Educação Artística – habilitação em Artes Plásticas[1,] Fiz Pedagogia na Faculdade Unoeste terminei em 1989 – e atualmente fiz 2004 fiz Pós Graduação em Gestão – Escolar com a tese indisciplina – "DA VELHA GUARDA DISCIPLINADA Á JOVEM GUARDA INDISCIPLINADA- DE UM EXTREMO AO OUTRO[7]*". Pode-se perceber que esses itens citados fazem parte de suas próprias experiências formadoras e de sua história de vida com arte-educação.

3- Dificuldades no processo de formação profissional – a sua aproximação com a arte, acontece primeiramente na família, onde têm início suas experiências

formadoras em arte: *“Na minha família todos gostavam de música, papai tocava violão ”música sertaneja(.)[1]”.* Sempre em contato com a música as dificuldades enfrentadas por esse professor não são do ato criador, mas sim de ordem financeira. Então, começa a trabalhar desde muito cedo*: “Lecionei piano para crianças durante o curso de E.A porque precisa trabalhar(...)[4]”.* Quando o professor da análise relata que mesmo não tendo habilidade para desenhar, se torna professor de arte - “*Percebi ao longo dos anos que mesmo desenvolvido a técnica do desenho não tenho habilidade para Desenhar, mas mesmo assim me tornei Professora de Arte[5](...)” - f*az-se necessário refletir sobre como os professores conceituam arte. Podemos perceber que a narrativa sugere que para ser professor de arte existe a necessidade de dominar a técnica do desenho. Daí pode-se entender o quanto a arte no Brasil, até mesmo para o próprio arte-educador é vista como sinônimo de “desenho”. Talvez essa concepção faça sentido, se fizermos uma relação com a sua formação e a sua realidade. Basta pensarmos que os professores de hoje, assim como o professor da análise, foram alunos assim como eu, dos anos 70-80, quando se privilegiava as técnicas e o desenho (já discutido em texto dessa pesquisa). Assim como no senso comum, essa hipótese existe também entre os próprios professores da área. Nessa pesquisa, lendo as diversas narrativas e mesmo nos encontros de formação continuada, nos diálogos com os professores, a linguagem visual é sinônimo de arte. Esse equívoco fica visível no relato desse professor, quando complementa: “*(...) mas mesmo assim me tornei Professora de Arte*[5](...)”. Isso soa como se gostar e ter habilidades para música, teatro e dança não fosse suficiente para tornar-se um arte-educador. Essas habilidades, o professor narra que as tem e que além de tê-las adora se envolver, pois sua sensibilidade faz com que tudo se torne arte*: ”Tenho outras habilidades adoro falar, cantar, sei tocar piano, adoro representar, e sou*

pé de valsa! Tenho criatividade para fazer e motivar coreografias e cantar a arte me envolve, não consigo olhar ao redor, pois tudo para mim é Arte[6]".

Se transportarmos para a formação continuada, e focarmos na formação inicial dos professores da rede escolar SESI-SP, onde aproximadamente 90% têm formação na linguagem visual, podemos entender a tentativa desse professor em justificar o seu não-domínio na técnica do desenho, *"Percebi ao longo dos anos que mesmo desenvolvido a técnica do desenho não tenho habilidade para Desenhar[5]".* Podemos entender, diante disso que a concepção de arte que esse professor tem está pautada nas linguagens visuais. Como mudar o que está posto? Ao considerar somente a linguagem visual como arte, desconsidera-se o teatro, a música e a dança. Esse professor da análise se forma em educação artística "apesar de não saber técnicas de desenho", como se o desenho tão-somente desse conta de representar a arte. Nas instituições de ensino superior que formam professores, faz-se necessário, portanto, promover urgentes reformulações de currículos, concepções de ensino, práticas de estágios e políticas educacionais competentes nos cursos de formação de professores.

O fator que determina a maneira de ensinar de cada professor, suas construções pessoais, para Dewey *(1989, p.43),* não é tão-somente o método e a técnica, mas o desejo, o entusiasmo*: "O mero conhecimento dos métodos não basta, pois é preciso que exista o desejo e a vontade de os empregar".* (Garcia, In. Nóvoa, 1997, pp 62-63). Assim, o entusiasmo com que se trabalha na sala de aula, a curiosidade, o desejo de renovar, que no caso esse professor da análise apresenta também determinam suas escolhas e o modo se ensinar do professor: "*Tenho outras habilidades (...)Tenho criatividade para fazer e motivar (...) tudo para mim é Arte[6]*". Refletir sobre as linguagens artísticas e as metodologias que possibilitem diversas

estratégias de ensino aprendizagem que culminem em situações reais de aprendizagem é um dos objetivos da formação continuada dos professores.

4- Sentimentos e conhecimentos relacionados com a prática docente – os sentimentos com a prática pedagógica na narrativa do professor ficam claros quando em seu texto ele revela: "*Tenho criatividade para fazer e motivar coreografias e cantar a arte me envolve, não consigo olhar ao redor pois tudo para mim é Arte*[3] *".*

Essa sua asseveração é permeada de princípios pedagógicos e valores que determinam o modo como esse professor ensina e como faz suas construções pessoais. Quando admite em sua narrativa que tudo ao redor é arte, ele não fragmenta a arte e desconsidera as nomenclaturas impostas por regras do sistema educacional. Assim, ele não permite considerar-se somente um musicista, mas um arte-educador que ao estar em sala de aula, na sua prática pedagógica com seus alunos, produz, vê e sente a arte em toda sua plenitude.

5- Importância da Formação Continuada e sua relação com a arte – o professor valoriza a formação continuada quando em seu texto aponta a valorização dos estudos de formação*, "Fiz Pedagogia na Faculdade Unoeste terminei em 1989 – e atualmente fiz 2004 fiz Pós Graduação em Gestão – Escolar com a tese indisciplina – "DA VELHA GUARDA DISCIPLINADA Á JOVEM GUARDA INDISCIPLINADA- DE UM*

EXTREMO AO OUTRO [7]*".* A importância da formação continuada também se revela quando olhamos para a imagem que esse professor criou associada à formação continuada, e ao analisarmos a sua segunda narrativa abaixo.

Desenho

Categorias Estéticas:
Linha : curvas, finas e suaves
Cor: clara
Textura: lisa
Luz:- natural
Forma: orgânico

Elementos que compõem a obra:
central

Composição:
Equilibrada

Temática:
Alegoria

Como os olhos se movem em relação à obra:
Uniforme

FIGURA[C]

A imagem revela a importância e a vida que as mãos têm para esse professor, quando insere nas linhas em forma de mão, olhos, nariz e boca. As mãos no corpo humano têm a função de pegar, acarinhar, enlaçar, dar, receber, empurrar, bater, escrever, dedilhar, pintar, gestualizar, entre outras, e estão sempre prontas a se manifestarem. A mão que o professor desenhou, como se fosse um personagem vivo, possuidor de vida, com olhos, nariz, boca, pode ser afetiva ou não: as mãos tanto

[C] Fonte: esse texto foi construído inspirado nas minhas representações reunidas e sistematizadas ao longo da minha formação, advindas de tantos processos de aprendizagens. Dentre esses processos destaco as idéias do prof° Dr° Ronaldo Alexandre de Oliveira (docente responsável Teia do Saber 2005).

recebem como afastam. Com sua formação em música, piano, ele faz das suas mãos o seu instrumento de trabalho. Em suas experiências de vida e formação em arte-educação, o professor dessa análise se aproxima da linguagem da música pelas "mãos". Ao valorizar e dar vida às notas musicais, usando as mãos, ele percebe-se sensível, criativo enfim, um artista. Porém, não se sente preparado para ser arte-educador, pois não domina a "técnica do desenho", conforme sua narrativa*: "Percebi ao longo dos anos que mesmo desenvolvido a técnica do desenho não tenho habilidade para Desenhar, mas mesmo assim me tornei Professora de Arte*[5]*(...) ".* Na narrativa, o professor revela a preocupação e a concepção da arte como fazer-produzir, pois essa é uma característica pulsante em seu texto, superada por outras habilidades conquistadas ao longo de sua formação como arte-educador".

Se transportarmos essa idéia para a formação continuada, podemos perceber que as mãos estão em todas as atividades da prática pedagógica do professor e de sua aprendizagem. Quando dançam, colorem, dramatizam, encenam frases coreográficas, mímicas, produzem sons do corpo, e com materiais escrevem, brincam, elas são capazes de acolherem e por elas serem acolhidas. Estão presentes no construir ensino e aprendizagens em todas as linguagens artísticas, tanto do professor como do professor com seus alunos. O sentir e o fruir, o pensar e o refletir, o fazer produzir fazem parte dos pilares da arte. Suas vivências na formação continuada com a analista transformam-se em experiências de vida e formação, de forma a compor o sujeito-ator de sua própria formação ao longo de sua trajetória. Assim, as experiências na formação continuada podem possibilitar ao professor novas vivências e experiências na sua prática pedagógica com seus alunos.

COMO VEJO A MINHA FORMAÇÃO NO SESI COM A ANAISTA?

- ✓ ***O QUE PROVOCA?***
- ✓ ***O QUE ME FAZ PENSAR?***

Nos encontros com a analista fazemos uma reflexão do cotidiano em que vivemos na sala de aula a nossa prática pedagógica e momentos de auto avaliação[1].

Provoca; a atitude de que sou capaz de realizar tirando o medo e receio de que talvez não vai dar certo[2].

A analista prova que a Arte é capaz de mudar o cidadão e nos ajuda a realizar abrindo os olhos de universo novo, através de leituras e concepção artísticas com novos autores[3].

Me faz "pensar" quando "Leio" a Leitura e fonte do meu conhecimento! Adoro ler!

Para esse professor, na formação continuada com a analista acontece a analogia dos processos, quando refletem e vivenciam a prática pedagógica do professor inserido no cotidiano da sala de aula. Isso se revela quando em seu texto ele narra: "*Nos encontros com a analista fazemos uma reflexão do cotidiano em que vivemos na sala de aula a nossa prática pedagógica e momentos de auto avaliação[1]". A formação também* está vinculada à ação da analista no que provoca quanto a despertar nesse professor a certeza de que é capaz de ensinar e aprender arte. "*Provoca; a atitude de que sou capaz de realizar tirando o medo e receio de que talvez não vai dar certo[2]".*

Essa ação faz com que o professor sinta-se seguro para tentar novas estratégias metodológicas para que aconteça o ensino-aprendizagem na sua prática pedagógica em sala de aula.

No que faz pensar, a formação reflete as concepções da arte e fortalece as leituras de diversos autores, “(...) nos ajuda a realizar abrindo os olhos de universo novo, através de leituras e concepção artísticas com novos autores[3]”.

NARRATIVA 04

HISTÓRIA DE VIDA COM A ARTE-EDUCAÇÃO

Desde menina, sempre me interessei por imagens, principalmente de projetos residenciais (plantas baixas e perspectivas)[1]. Buscava essa informação em jornais[2]. No colegial fiz o técnico em decoração e trabalhei por algum tempo na área e pude conhecer outras imagens e técnicas através dessa área[3]. Quando fui para a faculdade de Arte, foi com o interesse de saber mais sobre Arte, como conhecimento e técnica[4]. Então me interessei e conheci as suas outras linguagens[5]. A partir de então passei a trabalhar como professora, mediando e trocando informações com os meus alunos[6].

DIÁLOGO COM NARRATIVA 04

1- Relação com a arte na história de vida e na vida escolar: processos de mudanças – Nessa narrativa a relação do professor com a arte na sua história de vida e na vida escolar é de proximidade desde a infância até hoje. O professor vivenciou experiências estéticas quando encontrou na leitura dos textos visuais arquitetônicos o prazer de ler e entender, a seu modo, aquilo que a imagem lhe oferecia e o quanto proporcionavam significados. Desde a infância, houve a proximidade com as imagens:

"*Desde menina, sempre me interessei por imagens, principalmente de projetos residenciais (plantas baixas e perspectivas)[1]".* Na vida escolar ele buscou o conhecimento em arte tanto pela pesquisa como pela sua curiosidade pessoal. "*Buscava essa informação em jornais[2]. No colegial fiz o técnico em decoração e trabalhei por algum tempo na área e pude conhecer outras imagens e técnicas através dessa área[3]".* Essa trajetória de busca do conhecimento e o contato com as técnicas artísticas despertaram cada vez mais seu desejo de aprender individualmente ou nos processos de formação, o que culminou na sua escolha profissional.

Como esse professor transitou por experiências com a arte desde a infância, e conseqüentemente com o aprender a aprender, podemos perceber que ele acredita ser possível construir conhecimento; assim reconhece a arte como meio de construção dos saberes.

Josso (2004, p. 240), diz que "o acto de aprender encontra-se assim sucessivamente contextualizado nas lógicas de partida e de chegada(...) das características bio-psico-socioculturais de determinado aprendente (...)".

Vigotski (2001, p. 343), afirma que "a vivência estética organiza nosso comportamento".

Dewey (1975, p. 167), diz que "pensar é o método de se aprender inteligentemente(...)".

Nesse sentido, a busca pelo conhecimento aliada às experiências de vida desse professor durante todo seu processo de formação e aprendizagem confirmam o que Josso chama de "lógicas de partidas e chegadas". Sua aproximação com a arte desde a infância e depois durante todo percurso confirma o que Vigotski diz da vivência estética enquanto organizadora do nosso pensamento. E, quando esse professor em

sua narrativa, nos conta que ele buscava as informações utilizando como fonte de pesquisa os jornais, podemos entender Dewey quando nos fala que o pensar é uma forma de aprender inteligentemente. Assim, esse professor durante toda sua história de vida e formação aprendeu a buscar, a se organizar e a pensar; conseqüentemente, pôde fazer as escolhas que o realizaram, como apontam suas próprias palavras: "*Quando fui para a faculdade de Arte, foi com o interesse de saber mais sobre Arte, como conhecimento e técnica*[4]*. Então me interessei e conheci as suas outras linguagens*[5].

Se transportarmos a análise para a formação continuada, a narrativa nos possibilita pensar que esse professor está constantemente em busca do conhecimento, seja pela experiência, seja pela pesquisa ou formação continuada. Assim, toda vez que na formação continuada ele relata suas experiências de sala de aula, ele interage com seu conhecimento, suas crenças e seus valores, podendo revelar-se um formando e um formador na coletividade do grupo, sendo possível, a mobilização de todos.

2- Influência dos mestres ao longo da sua história de vida – a narrativa não apresenta de forma explicita essa categoria; porém, subentende-se que o professor valoriza a influência de seus professores quando em seu texto cita os lugares onde estudou e, conseqüentemente aprendeu: *². No colegial fiz o técnico em decoração e trabalhei por algum tempo na área e pude conhecer outras imagens e técnicas através dessa área³. Quando fui para a faculdade de Arte, foi com o interesse de saber mais sobre Arte, como conhecimento e técnica*[4].

3- Dificuldades no processo de formação profissional – a aproximação com a arte na história de vida desse professor é uma constante: está centrada nos referenciais que constrói desde a sua infância, enquanto autor de sua própria história e de suas escolhas, já claras desde então.

Na narrativa, o professor não aborda as dificuldades no seu processo de formação**.** Suas certezas e suas escolhas por "Arte" ficam muitas claras, quando ele narra, "*Quando fui para a faculdade de Arte, foi com o interesse de saber mais sobre Arte, como conhecimento e técnica*[4]*. Então me interessei e conheci as suas outras linguagens*[5]*".*

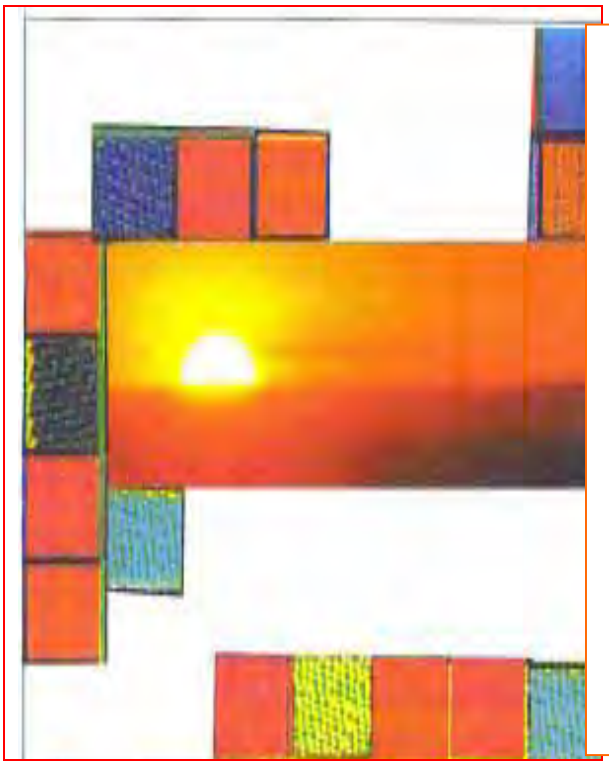
4- Sentimentos e conhecimentos relacionados com a prática docente – o professor dessa narrativa teve desde muito cedo, ainda criança, interesse pelo conhecimento. Passou a buscar esse conhecimento, primeiramente, no desenho arquitetônico e nas imagens, ou seja, nos textos visuais, *"Desde menina, sempre me interessei por imagens, principalmente de projetos residenciais (plantas baixas e perspectivas)*[1]. Buscou o conhecimento na Arte de muitas formas e em vários lugares: na pesquisa, no ensino profissionalizante em técnico em decoração e na Faculdade de Arte. Quando tem início sua escolha profissional, ele torna-se um professor mediador do conhecimento no processo de ensino e aprendizagem em sua prática pedagógica. Além de construir conhecimentos, também troca informações com seus alunos: "*A partir de então passei a trabalhar como professora, mediando e trocando informações com os meus alunos*[6] *".* Podemos perceber, a partir da sua narrativa, que sua prática

pedagógica revela a concepção de ensino voltada à construção do conhecimento, pautada na mediação dos saberes e na sua interação e relação com os alunos em sala de aula, ou seja, a concepção da Rede Escolar SESI-SP, que consta dos Referenciais curriculares da rede escolar SESI-SP (2003, p. 20): "(...) a concepção de educação que permeia o presente referencial curricular é aquela que engloba ensino, aprendizagem e pesquisa".

5- Importância da Formação Continuada e sua relação com a arte – na narrativa de história de vida com a arte-educação, o professor da análise não mencionou a formação continuada. Porém, na segunda narrativa (quadro abaixo), ele fala da formação continuada e da sua importância: "*É muito importante para mim a formação na Rede SESI. É um local em que posso trocar informações e experiências com os nossos pares*[1]*".* Podemos perceber que o professor encontra no espaço da formação continuada uma forma de vivenciar com o grupo as experiências formadoras e a troca de experiências entre os colegas da mesma área. Assim, valoriza e sente sua importância para sua prática em sala de aula junto aos seus alunos e também como forma de se formar enquanto profissional.

Quando olhamos a imagem que esse professor criou associando-a à formação continuada, podemos observar que a criação mantém figuras geométricas que se agrupam na construção das formas, onde também diversas são as cores, e as texturas. A luz que emana do sol nascendo ou se pondo traz o brilho à imagem criada. Pensando a imagem como sendo a própria formação continuada, onde diversas são as experiências de cada professor do grupo e diversas são as formações que cada um

vivenciou durante sua trajetória formadora, a luz nascendo ou se pondo permite a interpretação como sendo as novas aprendizagens e as concretas esperanças que se constroem na conquista pessoal, profissional e da prática pedagógica a cada encontro da formação continuada. Dessa forma, quando o professor relata que suas ações estão sempre em manutenção, entendemos que a imagem que ele criou associada à formação continuada é um espaço de manutenção das práticas pedagógicas, dos saberes construídos e das experiências vividas, pois a manutenção é necessária enquanto seres inacabados, ou seja em constante transformação promovida pelo conhecimento construído e reconstruído a todo o momento: "*Minhas ações no plano de aula e na sala de aula estão sempre em manutenção(...)*[3]*".*



Colagem

Categorias Estéticas:
Linha : horizontais e verticais fortes
Cor: brilhantes,fortes e quentes
Textura: lisa e acetinada
Luz: clara, focada brilhante
Forma: sólido, geométrico e fragmentado

Elementos que compõem a obra:
Cheio aberto

Composição:
Assimétrica Proporcional e equilibrada

Temática:
Cena Paisagem cotidiana

Como os olhos se movem em relação à obra:
pausadamente

FIGURA[D]

[D] *Fonte: esse texto foi construído inspirado nas minhas representações reunidas e sistematizadas ao longo da minha formação, advindas de tantos processos de aprendizagens. Dentre esses processos destaco as idéias do prof° Dr° Ronaldo Alexandre de Oliveira (docente responsável Teia do Saber 2005).*

COMO VEJO A MINHA FORMAÇÃO NO SESI COM A ANALISTA?

- ✓ ***O QUE PROVOCA?***
- ✓ ***QUE ME FAZ PENSAR?***

É muito importante para mim a formação na Rede SESI. É um local em que posso trocar informações e experiências com os nossos pares[1].

Sempre que tenho a formação faço reflexões sobre minhas aulas, meu plano, minhas avaliações[2].

Minhas ações no plano de aula e na sala de aula estão sempre em manutenção, porque estou sempre recebendo e trocando principalmente as experiências[3].

Para esse professor, a formação continuada com a analista tem importância no que se refere à troca de informações e experiências entre os pares: "*É muito importante para mim a formação na Rede SESI. É um local em que posso trocar informações e experiências com os nossos pares[1]".*

O professor também considera que o território da formação proporciona reflexões sobre a prática da sala de aula, a metodologia utilizada, as situações e estratégias de aprendizagem, suas avaliações, o plano de aulas, com procedimentos mobilizadores em que o aluno se torne capaz de interagir com o ensino e aprendizagem: "*Sempre que tenho a formação faço reflexões sobre minhas aulas, meu plano, minhas avaliações*[2]". A avaliação em Arte na rede escolar SESI-SP é pautada na avaliação formativa.

> Na prática pedagógica da sala de aula, o movimento da aprendizagem nos permite construir uma avaliação formativa, que nos aponta referenciais de como se desenvolveram as fases de elaboração, criação, fruição, reflexão, contextualização das unidades significativas desenvolvidas, fornecendo-nos

> subsídios reflexivos sobre as interferências que devemos realizar na nossa prática docente enquanto educador.
> Outro ponto de grande importância é envolver os alunos de forma ativa no processo de avaliação (...). Assim, os alunos poderão refletir sobre o seu próprio processo (...)
> Tanto a avaliação do professor como a do grupo, bem como a auto-avaliação, deverão ter critérios claros, previamente estabelecidos e discutidos em âmbito coletivo, facilitando, assim, que a aprendizagem aconteça numa estrutura aberta e flexível, de maneira que o aluno possa se perceber como parte integrante do grupo e do processo. (Referenciais Curriculares da Rede Escolar SESI-SP, p. 221).

Podemos entender que, quando o professor fala de refletir sobre sua avaliação, ele se refere a estar proporcionando a seus alunos diversas oportunidades de expressarem os seus conhecimentos durante todo o processo de ensino-aprendizagem.

As aulas desse professor são pautadas na flexibilidade do plano e nas constantes mudanças de estratégias que propiciem a organização dos saberes de modo a respeitar o tempo e a forma de aprender de cada aluno: "*Minhas ações no plano de aula e na sala de aula estão sempre em manutenção, porque estou sempre recebendo e trocando principalmente as experiências[3]".*

NARRATIVA 05

HISTÓRIA DE VIDA COM A ARTE-EDUCAÇÃO

Venho de uma família com várias gerações de artistas! Bisavô professor de Belas Artes, entre outros. Avô e avós paternos músicos, além da profissão oficial[1].

Cresci numa roda de choro. Meus pais se conheceram na Faculdade de música: ele é oboísta e ela pianista. Meu outro avô cantava ópera...[2]

Tive péssimos professores de Educação Artística![3] Fiz piano e resolvi fazer Educação Artística por trabalhar várias linguagens[4].

Fiz UNESP em São Paulo, no Instituto de Artes. Lá aprendi muito além do meu curso, com outros professores de cursos à tarde, projetos com a 15ª DE – Diagnóstico da Música no Ciclo Básico, Corais, etc. Agradeço Maria Helena Maestre Gios[5].

O contato com os professores, de todos os cursos, ofereceu-me muitas informações e participação em Projetos de Iniciação Científica. Tenho saudades e boas recordações![6]

Ah! Fiz especialização em música e decidi ser arte-educadora quando estava na 8ª série[7].

DIÁLOGO COM NARRATIVA 05

1- Relação com a arte na história de vida e na vida escolar: processos de mudanças - essa narrativa revela a aproximação do professor com arte em suas vivências na infância junto à família, nas experiências com a arte na vida escolar e como ele traz a arte para sua formação profissional: "*Venho de uma família com várias gerações de artistas! Bisavô professor de Belas Artes, entre outros. Avô e avós paternos músicos, além da profissão oficial[1].*

"Cresci numa roda de choro. Meus pais se conheceram na Faculdade de música: ele é oboísta e ela pianista. Meu outro avô cantava ópera[2]". As referências que ele traz de sua família para sua história de vida estão intimamente ligadas à música. O fato de seu universo estar cercado por histórias e pessoas diretamente relacionadas à arte, e mais diretamente à música, faz desse professor um apreciador e conhecedor das estéticas que permeiam os instrumentos musicais, a voz e os sons, o que de certa forma torna-o próximo a uma cultura artística que dificilmente será encontrada nos cursos escolares. Sua crítica em relação à sua fase escolar está voltada aos seus

referenciais e sua história de vida com música. Assim, sua referência à vida escolar traz um descontentamento com seus professores, e possivelmente a escolha por um curso de piano ocorreu para preencher aquilo que vivenciava na família e não vivenciava na escola: "*Tive péssimos professores de Educação Artística![3] Fiz piano e resolvi fazer Educação Artística por trabalhar várias linguagens[4]".* É importante lembrar que a narrativa do professor compõe suas posições de ator no decurso de sua vida e processo de conhecimento. A respeito dessa tomada de consciência ao narrar as histórias de vida e formação, Josso (2004) diz que

> (...) separar os materiais, compreendendo o que foi a formação para, em seguida, trabalhar na organização do sentido desses materiais ao construir uma história, a sua história, constitui uma prática de encenação do sujeito que torna-se autor ao pensar a sua vida na sua globalidade temporal, nas suas linhas de força, nos seus saberes adquiridos ou nas marcas do passado, assim como na perspectivação dos desafios do presente entre a memória revisitada e o futuro já atualizado, porque induzido por essa perspectiva temporal (Josso, 2004, p. 60).
>
> (...)sobre se tais acontecimentos ou situações são contadas em função do olhar de hoje ou tal como foram compreendidas na época em que ocorreram, e quais eram as pessoas com quem se relacionavam naquele período.(Josso, 2004, pp. 74-75).

Nota-se uma contradição em sua narrativa: mesmo com "*péssimos professores de Educação Artística*", ainda assim, já na 8ª série, em meio a esses desencontros de cultura - experiências de aprendizagem junto à família e experiências de aprendizagem junto à escola -, sua escolha, é a de ser arte-educador. Dessa forma, cursa a faculdade de Educação Artística e faz especialização em música: "*Ah! Fiz especialização em música e decidi ser arte-educadora quando estava na 8ª série[7]".*

O professor reconhece que, ao cursar a Universidade, descobre formas de aprendizagem, capazes de mobilizá-lo para o conhecimento*: "Fiz UNESP em São Paulo, no Instituto de Artes. Lá aprendi muito além do meu curso, com outros professores de cursos à tarde" (...)*[5.]

2 - Influência dos mestres ao longo da sua história de vida – o professor dessa narrativa vivenciou experiências de formação em relação à arte que não lhe trouxeram influências positivas em sua história de vida escolar: "*Tive péssimos professores de Educação Artística![3]".* Assim, não traz em sua história admiração pelos seus mestres do Ensino Fundamental e Médio. Somente em seu percurso universitário, ele vivencia experiências de formação capazes de provocar sua admiração: "*Fiz UNESP em São Paulo, no Instituto de Artes. Lá aprendi muito além do meu curso, com outros professores de cursos à tarde (...).Agradeço Maria Helena Maestre Gios*[5"]*.* Nesse período, ele não só admira seus professores como também agradece nominalmente um mestre em especial. Assim, seu ingresso na Universidade – UNESP- abriu-lhe possibilidades em aprender e facilitou sua participação em outros estudos, o que lhe provoca "saudades e boas recordações": *"O contato com os professores, de todos os cursos, ofereceu-me muitas informações e participação em Projetos de Iniciação Científica. Tenho saudades e boas recordações![6".]*

3- Dificuldades no processo de formação profissional - na narrativa de história de vida com a arte-educação, o professor da análise não mencionou essa

categoria. Porém, ao ler e analisar sua trajetória de vida enquanto arte-educador, pode-se perceber que as dificuldades encontradas por esse professor são relacionadas com a busca do conhecimento em Arte enquanto aluno de ensino fundamental e médio, o que não aconteceu em relação à universidade, uma vez que lá encontrou além do conhecimento, também informações e contatos que lhe possibilitaram participar em outros estudos, como projetos.

4- Sentimentos e conhecimentos relacionados com a prática docente –o professor em sua narrativa não explicita seus sentimentos e conhecimentos com a prática docente. Porém, de forma velada, deixa claros seus sentimentos e conhecimentos ao declarar sua decisão em fazer o curso de Educação Artística, uma vez que teve "péssimos professores". Essa dificuldade encontrada no ensino fundamental e médio, em relação ao do conhecimento em Arte, o faz desejar ser um arte-educador. Além disso, o curso de Educação Artística lhe proporcionou o trabalho com as quatro linguagens, o que lhe possibilitou entrar em contato com o conhecimento que o aproximasse da arte: "(...) *resolvi fazer Educação Artística por trabalhar várias linguagens*[4"]*.*

5- Importância da Formação Continuada e sua relação com a arte– na narrativa de história de vida com a arte-educação, o professor da análise não mencionou a formação continuada. Porém, na segunda narrativa (quadro abaixo), ele fala da formação continuada e da sua importância: *"A formação com a Analista proporciona "inspiração" para atividades a serem praticadas na sala de aula, como*

também um espaço para uma conversa intelectualizada, onde prática e teoria são confrontadas¹".

COMO VEJO A MINHA FORMAÇÃO NO SESI COM A ANALISTA?

- ✓ ***QUE PROVOCA?***
- ✓ ***QUE ME FAZ PENSAR?***

A formação com a Analista proporciona "inspiração" para atividades a serem praticadas na sala de aula, como também um espaço para uma conversa intelectualizada, onde prática e teoria são confrontadas¹.

Cria uma expectativa, uma vontade imensa de procurar, estudar, em saber mais.

Mais oportunidades de Bibliografias e vivências e experiências³.

Quando olhamos a imagem que esse professor criou associada à formação continuada, podemos observar que ele se utiliza de linhas, formas e palavras. As formas são: *escola, coração e notas musicais*. As palavras são: *Imagens não é tudo. Recordações ficam para sempre...na mente divina, música sempre, Infância com muitas brincadeiras, Amor maior pelo aprender, pela arte e gosto pela leitura.* Podemos entender que o professor associa seus prazeres, suas crenças, seus sentimentos e seu conhecimento de história de vida, com a sua aprendizagem formadora na formação continuada quando considera que a formação continuada proporciona "inspiração" para desenvolver sua prática em sala de aula e também quando narra que a formação cria expectativas para a busca dos saberes: "*Cria uma expectativa, uma vontade imensa de procurar, estudar, em saber mais²".*

A música, a linguagem artística mais próxima aos seus saberes construídos ao longo de sua vida, também está presente na imagem que ele associa à formação continuada, por ser a linguagem que ele experimentou e experenciou esteticamente,

primeiro junto à família e depois como opção pessoal. Além disso, é uma das quatro linguagens trabalhadas nos encontros de formação e desenvolvida em sua prática pedagógica com os alunos. Essa concepção de Arte está garantida nos Referenciais Curriculares da Rede Escolar SESI-SP (2003).

> (...) é preciso que a abordagem educacional no campo da Arte se dê de forma ampla, envolvendo as diferentes manifestações artísticas: música, arte visual, arte cênica, dança (...). Daí ser desejável o trabalho conjunto das diferentes linguagens que integram o campo das arte se, dessa perspectiva, sem dúvida, o tratamento curricular de área de conhecimento se mostra mais adequado(...) (Referenciais curriculares da rede escolar SESI-SP, 2003, p. 201).

Desenho

Categorias Estéticas:
Linha : traçadas finas
Cor: claras
Textura: lisa
Luz Natural
Forma: irregular

Elementos que compõem a obra:
Cheio aberto

Composição:
Assimétrica
Temática:
Alegorias

Como os olhos se movem e relação à obra:
Salteado

FIGURA[E]

[E] Fonte: esse texto foi construído inspirado nas minhas representações reunidas e sistematizadas ao longo da minha formação, advindas de tantos processos de aprendizagens. Dentre esses processos destaco as idéias do prof° Dr° Ronaldo Alexandre de Oliveira (docente responsável Teia do Saber 2005).

A formação continuada, segundo o professor, proporciona, além de "*inspiração*" para sua prática em sala de aula, "*espaços de conversas"*, experimentações e reflexões, onde "*prática e teoria são confrontadas[1]"*. Esse universo de vivências e experiências da formação continuada, cria no professor a busca pelo conhecimento em Arte, provocando o querer "*saber mais*": "*Cria uma expectativa, uma vontade imensa de procurar, estudar, em saber mais[2]". Ele também menciona o contato com bibliografias que a formação continuada proporciona no estudo das teorias e dos conceitos de Arte:* "*Mais oportunidades de Bibliografias e vivências e experiências[3].*

NARRATIVA 06

HISTÓRIA DE VIDA COM A ARTE-EDUCAÇÃO

Volto no tempo, e lembro do garoto de 5 anos que desenhava a sala da casa do avô, procurando observar detalhes do jogo de sofá vermelho[1].

E tendo a oportunidade de fazê-lo ao som de grandes clássicos como Madame Butterfly da coleção preferida do seu avô, que era barbeiro do Jânio Quadros[2].

O menino crescia curioso por imagens que eram devoradas avidamente e fazendo parte do seu aprendizado[3]. Antes da moda da reciclagem, já fazia seus brinquedos no quintal de 20 X 25, esculpia no Natal um presépio, pintando com pouco guache, porém bem colorido, e agindo da mesma forma na fase escolar e nas aulas de artes industriais pegava madeira do quintal e "catava" resto de couro no curtume perto de casa e fazia trabalhos com arte e alegria[4].

Chega a fase adulta, a faculdade difícil de pagar mas chegamos lá eu e todos os que me ajudaram em casa[5].

Hoje ainda estou aprendendo e muito com a arte de educar[6].

DIÁLOGO COM NARRATIVA 06

1 - Relação com a arte na história de vida e na vida escolar: processos de mudanças – o professor ao narrar seu percurso pessoal faz relação com a arte vivenciada na sua infância na casa de seu avô. Traz para a narrativa recordação de detalhes carregados de emoções: "*Volto no tempo, e lembro do garoto de 5 anos que desenhava a sala da casa do avô, procurando observar detalhes do jogo de sofá vermelho¹".*

A relação com a arte também acontece na música: sons e cores que o acompanharam nessas experiências estéticas que vivenciou: "*E tendo a oportunidade de fazê-lo ao som de grandes clássicos como Madame Butterfly da coleção preferida do seu avô (...)²".* Essa forma de o professor narrar sua história, como se estivesse falando de uma criança que já não mais vive, ou convive, com o adulto de hoje, pode ser uma forma de à distância re-olhar a construção de sua profissão.

Nóvoa (1997, p. 26), afirma que: "*os momentos de balanço retrospectivo sobre os percursos pessoais e profissionais são momentos em que cada um produz a" sua "vida (...) a" sua "profissão" .*

Em sua narrativa, também podemos entender que quanto mais o "tempo passa", maior o interesse do "menino" pela arte e pelo conhecimento: "*O menino crescia curioso por imagens que eram devoradas avidamente e fazendo parte do seu aprendizado³".*

Suas experiências estéticas compõem o cenário da trajetória e da curiosidade pela arte e pelos materiais que ia descobrindo nas festas tradicionais que vivenciava enquanto criança e na vida escolar que seguia paralelamente às aulas de "artes

industriais". Sempre com "sucatas" suas habilidades afloravam nas manifestações artísticas de sua infância na confecção de brinquedos e ou objetos: "(...) *já fazia seus brinquedos* (...) *esculpia no Natal um presépio, pintando com pouco guache, porém bem colorido, e agindo da mesma forma na fase escolar e nas aulas de artes industriais pegava madeira do quintal e" catava "resto de couro no curtume perto de casa e fazia trabalhos com arte e alegria*[4"].

O professor vivencia situações de aprendizagens individualmente no seu cotidiano quando sua habilidade, para esculpir, permite-lhe construir o "presépio para o Natal". E vivencia no coletivo, na fase escolar, junto às aulas de "artes industriais", trabalhos com diversos materiais, propiciando o "fazer/produzir" artístico. Nesse período de estudos do professor dessa narrativa, fazia parte do currículo escolar a disciplina "Artes Industriais" para os meninos e "Prendas Domésticas" para as meninas, ministradas por professores segundo o sexo correspondente, onde privilegiava somente o fazer/produzir com o uso de diferentes materiais.

2- Influência dos mestres ao longo da sua história de vida – apesar do professor não ter mencionado explicitamente a influência dos mestres em sua narrativa, fica clara a alegria das aulas e o comprometimento prazeroso com a mesma, conseqüentemente com seu mestre, pois "Artes Industriais" para os meninos era voltada à construção de objetos com materiais diversos: "*e agindo da mesma forma na fase escolar e nas aulas de artes industriais pegava madeira do quintal e" catava "resto de couro no curtume perto de casa e fazia trabalhos com arte e alegria*[4"].

3- Dificuldades no processo de formação profissional - as habilidades e o prazer encontrado nos materiais e nos objetos artísticos, produz nesse professor o desejo de cursar na sua vida adulta a faculdades de “Arte”. Apesar das dificuldades na busca de seus sonhos, ele se forma com a ajuda de sua família: “*Chega a fase adulta, a faculdade difícil de pagar mas chegamos lá eu e todos os que me ajudaram em casa*[5”].

4- Sentimentos e conhecimentos relacionados com a prática docente – o professor percebe que sua trajetória é um aprendizado constante e que o conhecimento e a arte de educar fazem parte desse aprendizado: “*Hoje ainda estou aprendendo e muito com a arte de educar*[6.]

Assim, suas experiências formadoras e sua prática docente são processos de aprendizagens que se construirão continuamente ao longo da sua vida e da “arte de educar”.

5- Importância da Formação Continuada e sua relação com a arte– a narrativa não apresenta de forma explícita essa categoria, porém subentende-se que ele valoriza a aprendizagem que acontece ao longo da sua vida. Podemos entender que isso inclui também aprender na formação continuada, que é um espaço de reflexão da própria prática da sala de aula, quando ele narra: “*Hoje ainda estou aprendendo e muito com a arte de educar*[6”].

A importância da formação continuada fica clara ao analisarmos a Segunda narrativa.

COMO VEJO A MINHA FORMAÇÃO NO SESI COM A ANALISTA?

- ✓ ***QUE PROVOCA?***
- ✓ ***QUE ME FAZ PENSAR?***

Provoca reflexões positivas que me fazem observar melhor as expectativas e a forma de como devo passá-las no processo educacional.

É um processo difícil para mim, pois ainda estou me acostumando com o Sistema do SESI. Nós não tínhamos o hábito de pensar em quatro linguagens, as vezes não dá tempo em bimestres curtos e com festas e feriados, o trabalho "quebra" um pouco.

É bom pensar que posso melhorar sempre com a ajuda dos colegas, da coordenação e principalmente da ANALISTA, que até agora tenho tido muito material escrito e vivido.

Para esse professor a formação continuada *"provoca reflexões positivas que me fazem observar melhor as expectativas e a forma de como devo passá-las no processo educacional[1]".*

Os professores em sua grande maioria tiveram sua formação desenvolvida na linguagem visual e a dificuldade em trabalhar as quatro linguagens da Arte (dança, música, teatro e visuais), é uma constante na prática pedagógica dos professores de arte. Aliado a isso ainda existe a dificuldade de desenvolver um plano onde contemple a integração das quatro linguagens, geralmente num prazo de dois meses que é o tempo de duração de um bimestre, onde existem feriados, festas, entre outros eventos que acabam por não deixar cumprir a carga horária da disciplina, que já é um número muito reduzido de aulas: "*É um processo difícil para mim, pois ainda estou me acostumando com o Sistema do SESI. Nós não tínhamos o hábito de pensar em quatro linguagens, às vezes não dá tempo em bimestres curtos e com festas e feriados, o trabalho" quebra "um pouco[2]".*

Porém, o professor reconhece que é possível “melhorar” sempre e tem claro a “ajuda” dos colegas que fazem parte do grupo de professores que participam com ele da formação continuada, da coordenação da escola onde atua e da analista, como parceira nas reflexões, nas experimentações de situações da prática pedagógica, na elaboração de materiais que norteiam a prática da sala de aula, “modelos organizativos” (Capítulo II dessa dissertação) e vivencias estética, além da troca de experiências entre os pares: “*É bom pensar que posso melhorar sempre com a ajuda dos colegas, da coordenação e principalmente da ANALISTA, que até agora tenho tido muito material escrito e vivido*[3]*”.* A formação continuada e a construção do processo de formação desse professor ficam claras se analisarmos a Imagem que ele criou associada à formação.

Desenho e Colagem

Categorias Estéticas
Linha: inclinadas e sinuosas
Cor: quentes e frias
Textura: lisa
Luz: natural
Forma: geométrico

Elementos que compõem a obra:
Cheio fechado

Composição:
Equilibrada assimétrica proporcional

Temática:
Cena cotidiana

Como os olhos se movem em relação à obra: Lento

FIGURA[F]

[F] *Fonte: esse texto foi construído inspirado nas minhas representações reunidas e sistematizadas ao longo da minha formação, advindas de tantos processos de aprendizagens. Dentre esses processos destaco as idéias do prof° Dr° Ronaldo Alexandre de Oliveira (docente responsável Teia do Saber 2005).*

Para esse professor a formação continuada e a escola são extensão de seu lar, lugar de pessoas que se ajudam, que promovem segurança e que conquistam mutuamente, como foi em sua formação na faculdade: "*Chega à fase adulta, a faculdade difícil de pagar mas chegamos lá eu e todos os que me ajudaram em casa[5"].* E na formação continuada: "*É bom pensar que posso melhorar sempre com a ajuda dos colegas, da coordenação e principalmente da ANALISTA, que até agora tenho tido muito material escrito e vivido[3"].*

Ao analisarmos a imagem podemos entender que *o* sentido de união e ajuda para esse professor tem relação com "lar" e com "escola" na medida em que cria a sua imagem associada à formação: lar/escola usando como teto um lápis e um pincel, como paredes, pautas e notas musicais, tendo dentro dessa estrutura as palavras "meu Lar".

Podemos interpretar que para esse professor tanto a formação continuada como sua casa, família, são lugares seguros de aprendizagens e aconchego.

NARRATIVA 07

HISTÓRIA DE VIDA COM A ARTE-EDUCAÇÃO

As mãos eram mínimas, mas os dedos rápidos, os olhos ávidos, folheavam revistas buscando imagens e questionando o significado das mesmas pois, eu não sabia decifrar as palavras, mas já lia com o pensamento, o olhar[1].

Os sons começavam a fazer sentido com o coração e o corpo que se movia, os ouvidos também descobriram que "liam" estes sons, estes sentimentos e se expressavam através da música[2]. O estudo desta começou, e os pés ficavam suspensos na banqueta, demorariam para alcançar o chão; antes de ler, eu já tocava, me expressava com a alma através dos dedinhos[3].

Encontrei na arte-música-a forma de me expressar, falar e, de uma criança tímida e insegura, descobri que, aos 9 anos, no meu primeiro recital, era mais segura que qualquer outra (o) adulto (a) ou criança na platéia, ao enfrentar os parabéns- o sorriso antes tímido, a fala baixinha, dá lugar a um ser confiante, seguro, extrovertido[4]. As artes fazem parte da minha vida e formação, o prazer que tenho em despertar este interesse aos outros, ou aos alunos, flui naturalmente, vem da alma, vem com luz[5]. Instigar este outro olhar, conhecer, este ouvir, sentir e expressar caleidoscópio é despertar a emoção, o questionamento, o conhecimento, o "conheça-te a ti mesmo" levar a este aluno, a curiosidade em buscar seu caminho, conquistar seu espaço, ter respostas a seus questionamentos e propiciar a ele parâmetros para definir seu caminho[6].

O cortar, rasgar, pintar, torcer, mover, juntar é necessário para desenvolver todas estas formações[7]. Cabe dizer, que é necessário para estas habilidades serem desenvolvidas, que haja nas escolas espaços específicos para que o aluno possa vivenciar na prática, e não em uma carteira escolar, este pintar, mexer com o pincel, fazer o traço, "amassar a massa", sujar a mão, o corpo, rolar, sentir-se parte deste processo de aprendizagem na prática[8]. O fazer e sentir é necessário![9.]

DIÁLOGO COM NARRATIVA 7

1 - Relação com a arte na história de vida e na vida escolar: processos de mudanças – podemos perceber que o professor dessa narrativa descreve sua história de vida e seu contato com a arte desde sua primeira infância, antes mesmo de aprender a ler e a escrever: "*As mãos eram mínimas, mas os dedos rápidos, os olhos ávidos, folheavam revistas buscando imagens e questionando o significado das mesmas pois, eu não sabia decifrar as palavras, mas já lia com o pensamento, o olhar[1]".* As imagens e os signos atraem sua atenção e sua primeira experiência estética e alfabetizadora tem início, acompanhada com a paixão pelos sons: "*Os sons começavam a fazer sentido com o coração e o corpo que se movia, os ouvidos também*

descobriram que" liam "estes sons, estes sentimentos e se expressavam através da música[2]". As habilidades artísticas desde muito cedo foram descobertas e desenvolvidas por esse professor. O prazer em se expressar com música, o diálogo estabelecido entre os sons e as expressões dos sentimentos dá origem à sensibilidade e tem início os seus primeiros estudos: "*O estudo desta começou, e os pés ficavam suspensos na banqueta, demorariam para alcançar o chão; antes de ler, eu já tocava, me expressava com a alma através dos dedinhos[3]".*

A *"arte-música",* como a própria professora denomina, a transforma e a fortalece, desenvolvendo sua fala, sua autoconfiança e sua identidade enquanto pessoa vivenciadora de experiências estéticas: "*Encontrei na arte-música-a forma de me expressar, falar e, de uma criança tímida e insegura (...) dá lugar a um ser confiante, seguro, extrovertido[4]".*

Esse universo artístico de vivências e experiências que esse professor viveu e se formou, trouxe para sua formação pessoal e artística o desejo que todas as pessoas despertem-se para o prazer da música: "*As artes fazem parte da minha vida e formação, o prazer que tenho em despertar este interesse aos outros, ou aos alunos, flui naturalmente, vem da alma, vem com luz[5]".*

A música e seus significados juntamente com a carga de emoções que acompanharam sua trajetória se desenvolveram paralelamente aos seus estudos e sua vida escolar, apesar desse professor não mencionar em sua narrativa sua formação escolar, ele relata suas emoções e percepções na idade escolar: "*descobri que, aos 9 anos, no meu primeiro recital, era mais segura que qualquer outra (o) adulta (a) ou criança na platéia (...)[4]*". O que o torna conhecedor, desde então, de sua identidade e de sua confiança em si mesmo.

2- Influência dos mestres ao longo da sua história de vida – o professor dessa narrativa não deixa explícito as influências dos seus mestres em sua história de vida, porém o prazer pelos estudos e recitais está bastante acentuado em sua narrativa. Pode-se pensar, nesse caso, que esse professor construiu uma relação de confiança e prazer junto aos mestres que teve, pois suas lembranças estão carregadas de emoção e prazer.

3- Dificuldades no processo de formação profissional – a narrativa não apresenta de forma explícita essa categoria, porém subentende-se que ele enquanto aluno e hoje professor sente as mesmas necessidades, ainda não resolvidas pela escola, dos espaços específicos para o desenvolvimento real das habilidades artísticas e estéticas: "*Cabe dizer, que é necessário para estas habilidades serem desenvolvidas, que haja nas escolas espaços específicos para que o aluno possa vivenciar na prática, e não em uma carteira escolar, este pintar, mexer com o pincel, fazer o traço," amassar a massa ", sujar a mão, o corpo, rolar, sentir-se parte deste processo de aprendizagem na prática*[8]*. O fazer e sentir é necessário!*[9]*".*

Podemos entender que isso inclui também aprender na formação continuada, que é um espaço de reflexão da própria prática da sala de aula, quando ele se posiciona em defender o desenvolvimento das habilidades artísticas em espaços específicos na vivência da prática pedagógica, para que seja possível gerar possibilidades de os alunos vivenciarem inúmeras experiências estéticas durante sua trajetória de formação.

4-Sentimentos e conhecimentos relacionados com a prática docente - a arte e em especial a música e a plástica trouxeram os questionamentos, a curiosidade, a busca do caminho de conhecer a si mesmo, como “Sócrates aconselhada às pessoas a saírem da caverna, da escuridão que havia em seus espíritos e alcançarem a luz”. Para isso deveriam buscá-la dentro de si mesmo – “conheça-te a ti mesmo” -. Esse professor mobiliza as pessoas e seus alunos a buscar sempre ampliar seus olhares para o ouvir, o sentir, o expressar-se, o despertar-se emocionalmente, deseja que seus alunos busquem o conhecimento e para isso devem ser curiosos, conquistadores de seus desejos e sonhos, assim proporciona a possibilidade de o aluno olhar pra dentro de si, em busca da sabedoria e do conhecimento, pois assim como Sócrates, um perguntador incansável, esse professor acredita que cada um de nós traz dentro de si um mundo e se conhecermos a nós mesmos, seremos senhores de nossa razão e sentimentos, não correremos o risco de termos os mesmos impulsos irracionais que dominam os animais, como defende Sócrates, pois temos que saber o que somos. Muito se assemelha o desejo desse professor para com seus alunos aos desejos para a liberdade na Filosofia socrática, quando ele narra: “I*nstigar este outro olhar, conhecer, este ouvir, sentir e expressar caleidoscópio é despertar a emoção, o questionamento, o conhecimento, o” conheça-te a ti mesmo “levar a este aluno, a curiosidade em buscar seu caminho, conquistar seu espaço, ter respostas a seus questionamentos e propiciar a ele parâmetros para definir seu caminho[6”].*

Podemos perceber também que na prática pedagógica desse professor ele cria estratégias para que o aluno se desenvolva e que aprenda a aprender para ter autonomia na busca de seus saberes, pois propicia que seu aluno, através de sua prática em sala de aula, desenvolva diversas habilidades e construa-se “curioso”, no

processo de ensino e aprendizagem. Para tanto, ele acredita que as atividades artísticas sejam o caminho que permitirá o aluno desenvolver-se e tornar-se autônomo para as aprendizagens contínuas nas diversas situações da sua vida: "*O cortar, rasgar, pintar, torcer, mover, juntar é necessário para desenvolver todas estas formações*[7"]*.*

O professor se posiciona a favor das escolas oferecerem "espaços" adequados à ação criadora, propiciando assim, a liberdade física necessária para desenvolver-se com autonomia: "*Cabe dizer, que é necessário para estas habilidades serem desenvolvidas, que haja nas escolas espaços específicos para que o aluno possa vivenciar na prática, e não em uma carteira escolar, este pintar, mexer com o pincel, fazer o traço", amassar a massa ", sujar a mão, o corpo, rolar, sentir-se parte deste processo de aprendizagem na prática*[8"]*.* Ainda acrescenta a importância do vivenciar esteticamente na prática cada etapa do processo formador*: "O fazer e sentir é necessário!* [9".]

Assim, o professor dessa narrativa no seu processo de vida e formação com as artes, constituiu-se enquanto pessoa e enquanto arte-educador: "*As artes fazem parte da minha vida e formação, o prazer que tenho em despertar este interesse aos outros, ou aos alunos, flui naturalmente, vem da alma, vem com luz*[5"]*.*

5-Importância da Formação Continuada e sua relação com a arte– o professor em sua narrativa descreve uma trajetória de vida e formação de constantes aprendizados, sem se prender ao lugar e ao tempo, além de sua infância, em que essa formação se constrói. Porém subentende-se que a formação continuada por ser um espaço de reflexão, discussão e ampliação das práticas pedagógicas, seja um dos

espaços em que ele constrói conhecimento e a sua história de vida como arte-educador.

A importância da formação continuada fica clara ao analisarmos a Segunda narrativa.

COMO VEJO A MINHA FORMAÇÃO NO SESI COM A ANALISTA?

O QUE PROVOCA?
O QUE ME FAZ PENSAR?

- Provoca reflexões e questionamentos de como faço parte deste construir do aluno, como contribuo para esta formação[1].
- Me faz pensar que o meu conhecimento ainda esta sendo construído e que preciso buscá-lo com mais critério perante o que tenho como expectativas para os ciclos[2].

A formação continuada para esse professor provoca questionamentos de como as suas estratégias e ações metodológicas, enquanto prática pedagógica cria situações reais de aprendizagens, proporcionando ao aluno o movimento cognitivo necessário para construção do seu conhecimento. Provoca também reflexões de como a Arte contribui para a formação dos saberes do aluno: "*Provoca reflexões e questionamentos de como faço parte deste construir do aluno, como contribuo para esta formação[1]".*

Nesse processo de questionar e refletir as suas ações metodológicas e a sua contribuição enquanto arte-educador na formação e na construção dos saberes do aluno, esse professor percebe que o seu próprio conhecimento ainda está sendo

construído no processo da formação continuada e sente a necessidade de aprofundá-lo para o trabalho com os alunos. Esse universo de vivências e experiências proporciona ao professor um olhar para si mesmo e para seu próprio conhecimento, tornando-o um pesquisador de sua prática pedagógica: "*Me faz pensar que o meu conhecimento ainda esta sendo construído e que preciso buscá-lo com mais critério perante o que tenho como expectativas para os ciclos*[2]*".*

Colagem de sobreposição

Categorias Estéticas
Linha: fortes
Cor: quentes e frias
Textura: sedosa
Luz: focado brilhante
Forma: fragmentado

Elementos que compõem a obra:
sobreposto

Composição:
Assimétrica e sobreposta

Temática:
Corpo e objetos

Como os olhos se movem em relação à obra:
lento e profundo

FIGURA[G]

A formação continuada e a construção do processo de formação desse professor ficam claras ao analisarmos a Imagem que ele criou associada à formação.

G *Fonte: esse texto foi construído inspirado nas minhas representações reunidas e sistematizadas ao longo da minha formação, advindas de tantos processos de aprendizagens. Dentre esses processos destaco as idéias do prof° Dr° Ronaldo Alexandre de Oliveira (docente responsável Teia do Saber 2005).*

Podemos entender a construção de vida e formação desse professor quando ele coloca a mão em primeiro plano na imagem: "*As mãos eram mínimas, mas os dedos rápidos (...)*[1] *(...) O cortar, rasgar, pintar, torcer, mover, juntar (...)*[7]*(...) este pintar, mexer com o pincel, fazer o traço ", amassar a massa", sujar a mão, o corpo, (...)*[8] *(...) O fazer e sentir é necessário!* [9] "".

Assim como em sua narrativa ele poetiza as mãos desde o início, na imagem ele valoriza as mãos sobrepondo-a as figuras que ele colou.

São várias imagens coladas e uma mão sobreposta a elas. A mão está solta por sobre as imagens coladas, determinando a liberdade dos objetos e da mão que protege, que abarca a tudo e a todos.

Como em sua história de vida com arte-educação, onde ele se expressa pela arte usando as mãos, o professor na formação continuada também busca construir seu conhecimento criteriosamente. Assim como ele acredita que o aluno desenvolve suas habilidades artísticas e aprende em espaços específicos e que para que isso ocorra o aluno precisa "(...) *mexer com o pincel, fazer o traço", amassar a massa ", sujar a mão, o corpo, rolar, sentir-se parte deste processo de aprendizagem na prática*[8"], ele também, professor sente a necessidade do fazer que a formação proporciona: *"O fazer e sentir é necessário!* [9"].

Assim, quando ele associa a formação como uma grande mão que abriga, acolhe e orienta, podemos entender a formação como sendo o espaço de construção do fazer, sentir e refletir, com o corpo, com a alma e com a cognição. A associação do professor com a mão representando a formação continuada, ela traz para esse professor a sensação de com a formação continuada ele sente-se protegido, cuidado, orientado. A formação continuada, assim como as mãos provocam movimentos. As

mãos provocam movimentos afetivos, corporais ao “provocar” os sons dos instrumentos musicais, a formação continuada orienta o conhecimento, media, tornando os professores capazes de produzirem seus próprios sons em sala de aula. A mão se apropria de todas as figuras.

NARRATIVA 08

HISTÓRIA DE VIDA COM A ARTE-EDUCAÇÃO

Pertenço a uma família de músicos, avós paternos e maternos, com isso a música foi apresentada desde cedo em minha vida[1]. Tive a oportunidade de estudar piano no Conservatório de Tatuí/SP por 4 anos[2]. Na adolescência participei de grupos teatrais aqui em Itapê e Campinas. Sempre fui muito ligada para o lado das artes[3].

Quando estava cursando o magistério, já tinha o objetivo centralizado de cursar uma faculdade de arte[4]. Foi um curso sem muita “direção”. Aprendi trabalhando, informando, pesquisando[5]...

O SESI foi uma entidade que me ensinou a pesquisar, estudar, refletir e ampliar conhecimentos; buscar um novo olhar para o ensino da arte[6].

Hoje sou realizada no que faço e o ensino da arte amadureceu muito o meu olhar, sentindo que, para os alunos, a arte está tendo significado[7]...

DIÁLOGO COM NARRATIVA 8

1 - Relação com a arte na história de vida e na vida escolar: processos de mudanças – podemos perceber que o professor dessa narrativa descreve sua história de vida e seu contato com a arte pautado, principalmente, na linguagem da música.

Isso se deve ao fato de ter convivido na sua infância com a presença da música na figura de seus avós, tanto paternos quanto maternos: "*Pertenço a uma família de músicos, avós paternos e maternos, com isso a música foi apresentada desde cedo em minha vida[1]".*

Ainda na infância dedicou-se ao estudo de piano e na adolescência passou por experiências com grupos de teatro: *"Tive a oportunidade de estudar piano no Conservatório de Tatuí/SP por 4 anos[2]. Na adolescência participei de grupos teatrais aqui em itapê e Campinas, sempre fui muito ligada para o lado das artes[3]".*

Decidiu cursar o magistério e, ainda durante o curso, percebeu que a arte, realmente, seria o caminho para atingir seus objetivos pessoais e profissionais. Diante desse universo artístico de vivências e experiências em música e teatro, surge o desejo de ser arte-educador: *"Quando estava cursando o magistério, já tinha o objetivo centralizado de cursar uma faculdade de arte[4]".*

Pôde-se notar que suas expectativas em relação à faculdade escolhida não foram totalmente atingidas, pois o curso, segundo ele, não lhe garantiu a aprendizagem desejada. Assim, considera que sua formação em arte-educação aconteceu segundo sua dedicação e paixão pela arte, de forma a se tornar um profissional pesquisador, construtor de seus próprios saberes: "*Foi um curso sem muita" direção ", aprendi trabalhando, informando, pesquisando[5...".*

Porém, apesar de ter convivido desde a infância, por meio da família, com a música, e na adolescência com o teatro, por meio de grupos teatrais de sua cidade e região, sua trajetória profissional percorre a linguagem visual - Educação Artística-.

2- Influência dos mestres ao longo da sua história de vida – o professor dessa narrativa não deixa explicitas as influências dos seus mestres em sua história de vida, porém percebe-se que tanto a faculdade cursada como os mestres com quem conviveu, não deixaram aprendizagens que lhe garantissem ser arte-educador como gostaria, pois foi seu esforço em buscar e construir conhecimentos e sua determinação que o formaram em arte. Isso fica claro quando ele narra sobre seu curso: "*Foi um curso sem muita "direção", aprendi trabalhando, informando, pesquisando*[5...]"

3- Dificuldades no processo de formação profissional – a narrativa apresenta como dificuldade no processo de formação as lacunas pedagógicas do curso escolhido pelo professor. Esse é um assunto debatido por muitos teóricos ainda hoje: como preparar o arte-educador para a prática didático-pedagógica da sala de aula. Isso fica explicito quando, em sua narrativa, o professor refere-se ao seu curso e acrescenta que aprendeu a ministrar aulas trabalhando, aprendeu os conteúdos de forma a trabalhar metodologicamente com os alunos, se informando e pesquisando: "*Foi um curso sem muita" direção ", aprendi trabalhando, informando, pesquisando*[5...".]

4-Sentimentos e conhecimentos relacionados com a prática docente -na narrativa, o professor menciona a entidade SESI como o espaço que proporcionou seu aprendizado no sentido de preencher ou até mesmo promover a aprendizagem que a princípio sua graduação não propiciou. O professor afirma que a rede escolar SESI-SP o ensinou a buscar 'um novo olhar', ou seja, buscar novas possibilidades para o ensino

da arte: "*O SESI foi uma entidade a qual me ensinou a pesquisar, estudar, refletir e ampliar conhecimentos, buscar um novo olhar para o ensino da arte*[6"]*.*

5-Importância da Formação Continuada e sua relação com a arte - o professor em sua narrativa descreve uma trajetória de vida e formação de constante aprendizado na rede escolar SESI-SP; com isso sente-se realizado enquanto arte-educador, pois se percebe um professor preparado tanto pedagogicamente como esteticamente para o ensino da arte, proporcionando aos seus alunos experiências significativas e reais aprendizagens em arte: "*Hoje sou realizada no que faço e o ensino da arte amadureceu muito no meu olhar, sentindo que para os alunos a arte está tendo significado*[7..."].

Esse processo de amadurecimento em relação aos saberes desse professor, reflete na sua prática pedagógica da sala de aula e na busca de novas estratégias metodológicas no ensino-aprendizagem da Arte. Assim, podemos pensar que a formação continuada é um espaço de construção dos saberes, assim como um espaço possível de amadurecimento profissional .

A formação continuada para esse professor provoca questionamentos e conflitos que geram inseguranças de como as suas estratégias e ações metodológicas estão sendo trabalhadas para o ensino-aprendizagem dos seus alunos. Isso pode tirar o professor do seu lugar de conforto e provocar reflexões, contribuindo para des-construção e re-construção de seus saberes, criando assim um deslocamento cognitivo necessário para as transformações necessárias de práticas pedagógicas, posturas profissionais e metodológicas de ensino e aprendizagem.

A importância da formação continuada fica clara ao analisarmos a segunda narrativa.

COMO VEJO A MINHA FORMAÇÃO NO SESI COM A ANALISTA?

- O QUE PROVOCA?-

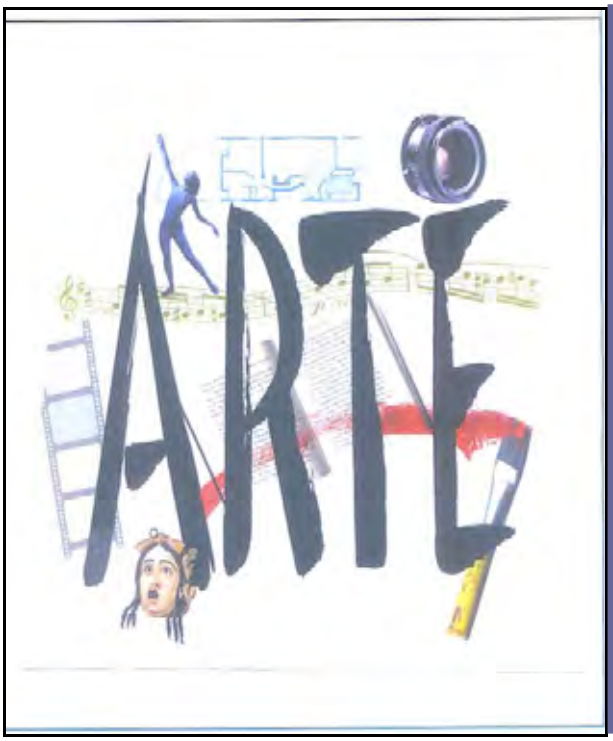
O QUE ME FAZ PENSAR?

*A primeira sensação é de insegurança quanto ao conteúdo abordado¹; durante o desenvolvimento da *formaprof a analista nos transmite segurança quanto ao trabalho que desenvolvemos e ampliação dos conhecimentos quando ao "novo olhar" que devemos desenvolver nos alunos².*

*FORMAPROF- Formação Continuada de Professores-

Para esse professor, a formação continuada provoca "espera e insegurança quanto ao desconhecido (conteúdos do encontro) e validação da sua prática pedagógica pela analista", porém no decorrer da formação continuada, como espaço de diálogo, o professor dessa narrativa sente-se seguro em seus saberes e em sua prática em sala de aula junto aos seus alunos: "*A primeira sensação é de insegurança quanto ao conteúdo abordado¹; durante o desenvolvimento da formaprof a analista nos transmite segurança quanto ao trabalho que desenvolvemos²(...).*

A formação continuada e a construção do processo de formação desse professor ficam claras ao analisarmos a Imagem que ele criou associada à formação.



Colagem

Categorias Estéticas
Linha: fortes
Cor: contrastante
Textura: lisa
Luz: forte
Forma: fragmentado

Elementos que compõem a obra:
Sobreposto e aberto

Composição:
Ritmada

Temática:
Linguagens artísticas

Como os olhos se movem em relação à obra:
Ritmado

FIGURA [H]

Podemos entender a importância da formação continuada para a construção de vida e formação desse professor em relação aos seus saberes quando ele faz associações da formação continuada com as linguagens artísticas. Quando destacam na imagem a arte sobreposta em primeiro plano e as linguagens artísticas como se estivessem sendo abraçadas pela palavra ARTE.

Assim, a imagem criada pelo professor revela a dimensão que a arte e suas linguagens artísticas têm na sua prática pedagógica e na sua trajetória de formação.

O movimento do corpo, na linguagem da dança; a fotografia, o cinema, a pintura, na linguagem visual; o pentagrama e as notas musicais, na linguagem musical; a poesia, no trabalho da língua materna; o teatro, na linguagem teatral; são linguagens

[H] Fonte: esse texto foi construído inspirado nas minhas representações reunidas e sistematizadas ao longo da minha formação, advindas de tantos processos de aprendizagens. Dentre esses processos destaco as idéias do prof° Dr° Ronaldo Alexandre de Oliveira (docente responsável Teia do Saber 2005).

presentes nos referenciais curriculares de Arte da rede escolar SESI-SP, na composição dessa imagem e conseqüentemente na prática docente desse professor.

A associação da imagem com a formação continuada revela a relevância e o significado da área na sua formação, pois o encontro de formação continuada é o espaço de diálogo dessas linguagens em interação umas com as outras:

> (...) é preciso que a abordagem educacional no campo da Arte se dê de forma ampla, envolvendo as diferentes manifestações artísticas: música, arte visual, arte cênica, dança, arquitetura, urbanismo, etc. Daí ser desejável o tratamento conjunto das diferentes linguagens que integram o campo das artes e, dessa perspectiva, sem dúvida o tratamento curricular na forma de área de conhecimento se mostra mais adequado, evitando assim, a fragmentação e a especialização precoce. (REFERENCIAIS CURRICULARES SESI-SP, 2003, P. 201).

Essa forma de trabalhar valoriza e integra as linguagens da arte como meio de ampliar os conhecimentos e desenvolver um "novo olhar" para o ensino da arte, ampliando sua concepção de mundo e sua prática pedagógica junto aos seus alunos. Essa valorização e integração ficam claras quando em dois momentos o professor faz menção e reforça essa prática na sua narrativa: 1- *HISTÓRIA DE VIDA COM A ARTE-EDUCAÇÃO*: "*O SESI foi uma entidade a qual me ensinou a pesquisar, estudar, refletir e ampliar conhecimentos, buscar um novo olhar para o ensino da arte*[6] *e 2- COMO VEJO A MINHA FORMAÇÃO NO SESI COM A ANALISTA? - O QUE PROVOCA? O QUE ME FAZ PENSAR?" (...) e ampliação dos conhecimentos quando ao "novo olhar" que devemos desenvolver nos alunos*[2].

NARRATIVA 09

HISTÓRIA DE VIDA COM A ARTE-EDUCAÇÃO

Desde que me conheço por gente, a arte faz parte da minha vida, sempre gostei de criar, desenhar, pintar e principalmente ver Arte, sempre gostei de ir a museus, exposições, ver filmes de arte, fotografia, etc[1].

Me achava uma verdadeira crítica, pois conseguia distinguir bons trabalhos de trabalhos medíocres ou infantis, quando resolvi fazer um curso de arte contemporânea[2].

Neste momento conheci um verdadeiro artista e o melhor professor de arte que já tive, ele me ensinou que podemos tirar coisas boas de todos os trabalhos, mesmo aqueles que para mim eram péssimos, ele sempre tinha uma visão positiva dos trabalhos dos alunos às vezes era uma boa sombra, uma textura interessante, ou até um bom desenho[3]. Ele me ensinou a ver Arte sob uma nova ótica, pois conseguia incentivar e dar esperanças a todos os alunos, por mais que

eu soubesse que não eramos essa ótica positiva, e de incentivar a continuar tentando é hoje a minha linha mestra com os meus alunos[4].

Acredito que essa forma de ensinar a arte, sem preconceitos, valorizar cada ser humano, seus trabalhos e ajuda a libertar cada aluno a encontrar sua melhor expressão artística[5].

DIÁLOGO COM NARRATIVA 9

1-Relação com a arte na história de vida e na vida escolar: processos de mudanças – nessa narrativa a relação do professor com a arte na sua história de vida e na vida escolar é de proximidade desde a infância. Podemos perceber que é a linguagem visual que tem maior ênfase em sua trajetória, tanto no produzir atividades

artísticas como no apreciar a arte em diversos espaços e formas: “*Desde que me conheço por gente, a arte faz parte da minha vida, sempre gostei de criar, desenhar, pintar e principalmente ver Arte, sempre gostei de ir a museus, exposições, ver filmes de arte, fotografia, etc*[1]*”.*

A busca cada vez mais acentuada por essa proximidade com a arte e o seu então “senso crítico” em relação à mesma faz com que esse professor dê início ao seu processo de formação com estudos em arte contemporânea: “*Me achava uma verdadeira crítica, pois conseguia distinguir bons trabalhos de trabalhos medíocres ou infantis, quando resolvi fazer um curso de arte contemporânea*[2]*”.*

A narrativa traz, mesmo que de forma implícita, as transformações conceituais e avaliativas que esse professor sofreu em seu processo de formação ao cursar arte contemporânea e conhecer um professor que lhe provocou um novo olhar para arte: ”*Neste momento conheci um verdadeiro artista e o melhor professor de arte que já tive, ele me ensinou que podemos tirar coisas boas de todos os trabalhos, mesmo aqueles que para mim eram péssimos (...)*[3]*”.*

.

2- Influência dos mestres ao longo da sua história de vida – o professor reconhece e valoriza a influência que um professor em particular teve em seu processo de formação quando em seu texto cita-o como o “*um verdadeiro artista e o melhor professor de arte que já teve”* e o nomeia como provocador e responsável por seu aprendizado e o quanto esse conhecimento transformou sua “ótica“ em relação à arte e a forma de avaliar e apreciar trabalhos. Aprendeu a olhar de forma a buscar em cada trabalho seu valor artístico e reconhecer a singularidade própria de todo ser humano na

expressão de suas idéias, de seus sentimentos, de suas crenças, de seus valores, enfim, de seu processo criador: ”(...) *conheci um verdadeiro artista e o melhor professor de arte que já tive, ele me ensinou que podemos tirar coisas boas de todos os trabalhos, mesmo aqueles que para mim eram péssimos, ele sempre tinha uma visão positiva dos trabalhos dos alunos às vezes era uma boa sombra, uma textura interessante, ou até um bom desenho³. Ele me ensinou a ver Arte sob uma nova ótica, pois conseguia incentivar e dar esperanças a todos os alunos (...)*[4”].

O professor de arte contemporânea tanto Influenciou a história de vida do professor dessa narrativa que ele o tem hoje como referência para sua prática pedagógica: “*Ele me ensinou (...) incentivar e dar esperanças a todos os alunos, (...) incentivar a continuar tentando é hoje a minha linha mestra com os meus alunos*[4”].

Se transportarmos a história de vida e formação do professor dessa análise para a formação continuada, a narrativa nos possibilita pensar que esse professor está constantemente em busca do conhecimento e encontra no seu professor a “forma”, ou seja, encontra o elemento mobilizador que provoca e norteia seu desenvolvimento e sua aprendizagem de forma significativa. Essa mesma “forma” é possível ser provocada na formação continuada, uma vez que esse espaço possibilita momentos disparadores , assim como o curso de arte contemporânea que ele fez, de reflexões e tomadas de consciência no diálogo com a prática docente, onde acontecem descobertas das possibilidades das ensinagens, tanto quanto das aprendizagens.

3- Dificuldades no processo de formação profissional – a aproximação com a arte na história de vida desse professor é uma constante, assim as dificuldades no seu

processo de formação profissional podem ter sido o próprio processo de desconstrução do “olhar” antigo e a reconstrução do novo olhar, para os trabalhos e as produções artísticas. O movimento de desconstrução e de reconstrução do conhecimento, nesse professor, segundo ele mesmo narra, se deu no curso de arte contemporânea, na forma de interagir com seu professor e com o novo conhecimento, provocando um alargamento dos saberes e transpondo as suas dificuldades de antes. Essa é uma das possibilidades da formação continuada, entre tantas outras, a de alargar os saberes para transpor os conhecimentos na busca de resoluções problemas da prática pedagógica e do processo de vida profissional.

4- Sentimentos e conhecimentos relacionados com a prática docente – o professor dessa narrativa teve, ainda criança, interesse pela arte, tanto o fazer arte (desenhar, pintar, entre outros), como pelo apreciar arte (exposições, museus, entre outros). Passou a buscar esse conhecimento no curso e na prática do seu professor, que hoje o inspira na sua própria metodologia: “*Ele me ensinou a ver Arte sob uma nova ótica, pois conseguia incentivar e dar esperanças a todos os alunos, por mais que eu soubesse que não éramos essa ótica positiva, e de incentivar a continuar tentando é hoje a minha linha mestra com os meus alunos*[4”]. Foi a partir do curso de arte contemporânea e da admiração e aproximação das práticas pedagógicas do seu professor de curso que o professor dessa narrativa despertou para uma nova forma de olhar a arte e suas produções artísticas, pois seus trabalhos, enquanto aluno do curso, era analisado pelo seu professor, com um olhar de leveza que buscava valorizar cada ato criador dos seus alunos, primando por cada detalhe criado e valorizando cada

expressão artística. Nasce assim, além da admiração por seu professor de curso, “uma forma de ensinar arte”, acompanhado por um olhar diferenciado do de antes. Passou a valorizar o ser humano e o acolher na busca de poder expressar-se nas linguagens artísticas de diferentes formas: ”*Acredito que essa forma de ensinar a arte, sem preconceitos, valorizar cada ser humano, seus trabalhos e ajuda a libertar cada aluno a encontrar sua melhor expressão artística*[5”].

Assim traz para sua sala de aula essa referência de prática pedagógica no trabalho com seus alunos, que se assemelha à concepção de educação em Arte que a formação continuada da rede escolar SESI-SP reflete:

> (...) entendemos que a educação em Arte propicia a integração da realidade individual do ser com seu meio cultural, desenvolvendo sua sensibilidade, sua percepção do universo circundante, sua imaginação e criatividade, integrando os processos do pensamento, os processos emocionais e os perceptuais.(REFERÊNCIAIS CURRICULARES DA REDE ESCOLAR SESI-SP, 2003, p. 2020).

Na segunda narrativa (quadro abaixo) –“Como vejo a minha formação no SESI com a analista?”-, podemos constatar essa semelhança e integração dos processos de aprendizagens da prática pedagógica do professor com a concepção de educação em Arte da rede escolar SESI-SP: “*pude perceber que a forma que eu preciso, faço e ensino a Arte é bem parecida da visão da Analista e conseqüentemente do Sesi, o que me deixou bastante satisfeita*[1].

5- Importância da Formação Continuada e sua relação com a arte – na narrativa de história de vida com a arte-educação, o professor da análise não mencionou a formação continuada. Porém, na segunda narrativa (quadro abaixo), ele já faz referência, reconhece sua importância e percebe-se como esse professor está satisfeito em trabalhar na entidade, pois vem ao encontro de suas crenças e sua prática: "*Como essa é minha 2ª formação ainda não tenho uma opinião muito bem definida, mas gostei muito da 1ª, pois pude perceber que a forma que eu preciso, faço e ensino a Arte é bem parecida da visão da Analista e conseqüentemente do Sesi, o que me deixou bastante satisfeita*[1]*".*

Para esse professor, a formação continuada com a analista tem importância no que se refere às "dicas", como forma de trabalhar a metodologia: o como ensinar?

O professor também considera que a formação proporciona reflexões sobre a prática da sala de aula, a metodologia utilizada na interação com os conteúdos, as situações e as estratégias de ensino e aprendizagem da área de conhecimento da Arte, uma vez que, supostamente, os conteúdos da arte na universidade, por ele cursada, garantiu: "*E gostei muito das dicas que são passadas, para que possamos repensar as aulas, pois muitas vezes sabemos o que ensinar, porém a forma de ensinar pode ser melhorada*[2]*".*

COMO VEJO A MINHA FORMAÇÃO NO SESI COM A ANALISTA?

- O QUE PROVOCA?

-O QUE ME FAZ PENSAR?

Como essa é minha 2ª formação ainda não tenho uma opinião muito bem definida, mas gostei muito da 1ª, pois pude perceber que a forma que eu preciso, faço e ensino a Arte é bem parecida da visão da Analista e conseqüentemente do Sesi, o que me deixou bastante satisfeita[1].

E gostei muito das dicas que são passadas, para que possamos repensar as aulas, pois muitas vezes sabemos o que ensinar, porém a forma de ensinar pode ser melhorada[2].

Quando olhamos a imagem que esse professor criou da formação continuada, podemos observar que a criação mantém figuras desorganizadas tidas como “antes da formação” e figuras organizadas tidas como “depois da formação”. Podemos perceber que esse professor ao citar que: “(...) *a forma de ensinar pode ser melhorada[2]”,* ele esta se referindo a organização dos saberes que os encontros de formação continuada proporciona, como meio metodológico de organizar as aprendizagens, tanto nos professores, pelo analista, quanto pelo professor com seus alunos.

A imagem que o professor criou nos remete às estruturas cognitivas do pensamento e as formas de aprender, organizando essas estruturas para que ocorra a aprendizagem significativa, pois as imagens das lâmpadas, podem representar a ‘luz do conhecimento’ e os balões em que essas lâmpadas estão dentro, nas histórias em quadrinhos tem o significado de ‘pensamentos’.

Desenho

Categorias Estéticas:
Linha : sinuosas fechadas
Cor: claras
Textura: lisa
Luz: focado fosco
Forma: sólido arredondada

Elementos que compõem a obra:
Acima, embaixo e cheio fechado.

Composição:
Equilibrada, repetida e ritmada

Temática:
Alegoria.

Como os olhos se movem em relação à obra:
Flutuante, ondulado e ritmado.

FIGURA[I]

NARRATIVA 10

HISTÓRIA DE VIDA COM A ARTE-EDUCAÇÃO

Desde muito cedo, sempre tive atração pela arte, iniciando-se por desenhos em quadrinhos[1]. Posteriormente através dos anos em que meu contato com outras formas artísticas

[I] Fonte: esse texto foi construído inspirado nas minhas representações reunidas e sistematizadas ao longo da minha formação, advindas de tantos processos de aprendizagens. Dentre esses processos destaco as idéias do prof° Dr° Ronaldo Alexandre de Oliveira (docente responsável Teia do Saber 2005).

foram aumentando, pude perceber a essência por traz do visual[2]. Talvez isso tornou-me uma pessoa mais sensível em vários aspectos, observadora, pois aprendemos a olhar e conseqüêntemente consigo filtrar alguns itens impostos pela sociedade e o que destilo, é o que eu acho que me faz bem[3].

DIÁLOGO COM NARRATIVA 10

1- Relação com a arte na história de vida e na vida escolar: processos de mudanças – nessa narrativa, a relação do professor com a arte na sua história e na vida escolar é de "atração" desde a infância por desenhos de histórias em quadrinhos. A linguagem visual dos quadrinhos proporcionou a leitura de mundo e seu entendimento pelos códigos e linguagens gráficas. Podemos perceber que ao entrar em contato com os elementos da linguagem gráfica, esse professor, enquanto criança, constrói conhecimentos no sentido de entender e fazer a leitura das imagens e dos sinais da gramática visual dos quadrinhos e, também de desenhá-las: "*Desde muito cedo, sempre tive atração pela arte, iniciando por desenhos em quadrinhos[1]".* Essa leitura das imagens e dos elementos da gramática visual das histórias em quadrinhos (onomatopéias, recursos gráficos, balões, as cores, o movimento), são leituras que provocam a sedução do olhar e ampliam a forma de interpretar o mundo circundante, como logotipos, propagandas visuais, entre outras e fazer uso delas para sua vida: "*Posteriormente através dos anos em que meu contato com outras formas artísticas foram aumentando, pude perceber a essência por traz do visual[2].*

As habilidades que esse professor desenvolveu desde a sua infância, com as histórias em quadrinhos, e posteriormente com outras linguagens artísticas, o torna

competente para outras habilidades como a da observação; importante para sua autonomia enquanto ser humano, seja no conhecimento, seja nas escolhas pessoais e profissionais ao longo de sua vida: "*Talvez isso tornou-me uma pessoa mais sensível em vários aspectos, observadora, pois aprendemos a olhar e conseqüentemente consigo filtrar alguns itens impostos pela sociedade e o que destilo, é o que eu acho que me faz bem*[3]*.*

2- Influência dos mestres ao longo da sua história de vida – a narrativa não apresenta de forma explícita essa categoria; porém, subentende-se que o professor valoriza em seu texto os contatos que teve com outras formas artísticas. Esses contatos podem ter sido na escola com seus professores, bem como fora dela, por interesse pessoal. Não há como afirmar onde esses contatos aconteceram. Percebe-se que no seu processo de aprendizagem, ele obteve contato com as linguagens artísticas o que gerou a construção do seu conhecimento: "(...) *meu contato com outras formas artísticas foram aumentando, pude perceber a essência por traz do visual*[2]*".*

3- Dificuldades no processo de formação profissional – a narrativa não apresenta essa categoria; porém, quando o professor relata que o aprofundamento dos seus conhecimentos foi sendo construído "através dos anos", ele está nos contando sobre seu processo de formação, das dificuldades que o próprio conhecimento traz; da dificuldade de busca e trajetória, pois no texto fica claro que houve um percurso longo de construção e de percepção das linguagens da arte: "*Posteriormente através dos*

anos em que meu contato com outras formas artísticas foram aumentando, pude perceber a essência por traz do visual[2]. Talvez isso tornou-me uma pessoa mais sensível em vários aspectos, observadora, pois aprendemos a olhar e conseqüentemente consigo filtrar alguns itens impostos pela sociedade e o que destilo, é o que eu acho que me faz bem[3]".

4-Sentimentos e conhecimentos relacionados com a prática docente – o professor dessa narrativa teve, ainda criança, interesse pelo conhecimento, iniciado nas histórias em quadrinhos. Passou a buscar esse conhecimento, primeiramente, nos desenhos-imagens, ou seja, nos textos visuais: "(...) *iniciando-se por desenhos em quadrinhos[1]".* Na primeira narrativa não menciona sua prática docente; porém, na segunda (quadro abaixo) escreve sobre o que considera importante em relação à formação continuada e traz para o diálogo situações consideradas por ele como "dicas", ou seja, sugestões de atividades de arte, troca de experiências entre os pares, vivências e experimentações do modelo organizativo a ser aplicado em sala de aula, entre outras... e de "pressupostos metodológicos", ou seja, forma de construir o conhecimento dentro de uma metodologia (levantando conhecimentos dos alunos, problematizando esses saberes, sistematizando, tomando decisões, avaliando a todo o momento de forma formativa, mobilizando para o conhecimento), ao narrar: "*Nos cursos há sempre dicas para transmissão de conceitos e até, de como se portar nestes momentos[4]".* A valorização sobre essas situações que considera importante na formação continuada revela sua prática docente, mesmo que não escrita de forma explicita no texto.

5- Importância da Formação Continuada e sua relação com a arte – na narrativa de história de vida com a arte-educação, o professor da análise não mencionou a formação continuada. Porém, na segunda narrativa (quadro abaixo), ele fala do quanto a formação continuada lhe proporciona novas idéias, novos olhares, novas reflexões, trazendo para sua prática "um novo gás", e atribui essa vontade de aprender a quem o espera na sala de aula: o aluno, a quem respeita e com quem interage com saberes: "*Gosto da* ***FORMAPROF***[1] *Me dá um gás novo, pois me estimula*[1]*. Afinal há quem espere um retorno meu*[2]*".*

O professor dessa narrativa coloca-se no texto de um lugar privilegiado da formação continuada, o de construtor de realidades, pois considera que aos poucos os profissionais da Arte na rede escolar SESI-SP, vêm transformando o olhar dos alunos para com a Arte e tocando suas sensibilidades: "*Penso que, gradativamente os profissionais da Arte no Sesi vem quebrando esteriótipos e cada vez mais tocando na sensibilidade dos nossos alunos*[5]*.*

[1] *FORMAPROF – significa Formação Continuada de Professores da Rede Escolar SESI-SP.*
É preciso esclarecer que na Rede Escolar SESI-SP, FORMAPROF é a sigla usada por todos para identificar a Formação de Professores, no caso esse professor faz essa referência à formação continuada.

COMO VEJO A MINHA FORMAÇÃO NO SESI COM A ANALISTA?

- O QUE PROVOCA?

-O QUE ME FAZ PENSAR?

Gosto da FORMAPROF. Me dá um gás novo, pois me estimula[1]. Afinal há quem espere um retorno meu[2]. Ensinar Arte não é fácil. Provar seu valor, é mais difícil ainda[3]. Nos cursos há sempre dicas para transmissão de conceitos e até, de como se portar nestes momentos[4]. Penso que, gradativamente os profissionais da Arte no Sesi vem quebrando esteriótipos e cada vez mais tocando na sensibilidade dos nossos alunos[5].

Quando olhamos a imagem que esse professor criou associando-a a formação continuada, entendemos que sua criação se aproxima de “caminhos de busca das aprendizagens”. Assim, como durante todo o seu processo de aprendizagem ao longo de sua vida, ele buscou aprofundar conhecimento, na imagem que ele associa à formação continuada. Podemos entender como sendo esse percurso realizado por ele durante os longos anos de sua trajetória de vida e de arte-educador. Assim, podemos entender que para esse professor a formação é um dos caminhos, onde ele busca o conhecimento.

Desenho e pintura

Categorias Estéticas:
Linha : suaves
Cor: claras brilhantes
Textura: aveludada
Luz: dia focado brilhante
Forma: regular

Elementos que compõem a obra:
Cheio aberto e infinito.

Composição:
Equilibrada.

Temática:
Paisagem – natureza.

Como os olhos se movem em relação à obra:
Uniforme profundo.

FIGURA [J]

3- IDÉIAS E AÇÕES

A intenção de abordar "Idéias e Ações" ao final do diálogo com as narrativas dos professores, é a de compartilhar o quanto o professor se apropria nos encontros de formação continuada das experiências vivenciadas, do diálogo com as teorias e os conceitos, dos modelos organizativos para sua prática docente e a importância que a

[J] Fonte: esse texto foi construído inspirado nas minhas representações reunidas e sistematizadas ao longo da minha formação, advindas de tantos processos de aprendizagens. Dentre esses processos destaco as idéias do prof° Dr° Ronaldo Alexandre de Oliveira (docente responsável Teia do Saber 2005).

formação continuada tem para os professores, além de o quanto à ação formativa intervém de forma a transformar a prática docente em sala de aula.

No terceiro encontro de formação de professores, nos meses de setembro e outubro de 2007, foi proposto que os professores discutissem e respondessem uma questão de avaliação, elaborada pela equipe da gerência de ensino de educação básica, aos professores da Rede Escolar. Cada grupo de professores, de cada “pólo de formação”: cidades estratégicas onde se reúnem os professores para a formação continuada com os analistas pedagógicos, responderam a pergunta: Que idéias/ações tratadas neste encontro, incluirei em minha prática docente a fim de aprimorar o processo de ensino e aprendizagem dos alunos?

Podemos perceber nas respostas de cada grupo de professores de Arte o quanto valorizam às idéias e às ações que são trabalhadas nos encontros de formação e o quanto se utiliza delas na sua prática docente, de forma a ampliarem o uso de novas estratégias em suas atividades de ensino e aprendizagem, assim como utiliza os pressupostos metodológicos na construção do conhecimento dos alunos nos processos formativos.

Abaixo, seguem alguns registros dos professores de arte.

Araçatuba

- Neste encontro discutimos a avaliação, meta de leitura, a importância da apresentação das expectativas aos alunos antes de iniciarmos qualquer plano de trabalho docente sendo retomado no final das atividades. Registros individuais e

informais sugestões para chamadas diversificadas, sugestões de livros para meta de leitura e que deverá ser combinada com a escola. Vivenciamos uma atividade do modelo organizativo, trocamos idéias e atividades, e vimos trabalhos realizados por alunos de outros pólos com outros modelos organizativos.

- Debatemos os assuntos transmitidos através dos materiais (CD com informações diversas, vídeos, imagens, textos, aulas, etc) Leitura do texto “Comunicação e Educação”; trocamos experiências e dúvidas do modelo organizativo, sendo que todos os conhecimentos construídos neste encontro serão utilizados em nossa prática pedagógica e nossa vida pessoal.

Araraquara

- Orientação quanto à rotina, sugestão de chamada, gestão de tempo e dinâmica de sala de aula, registro (caderno) do aluno e do professor (caderneta) – estético e organizativo.
- Socialização de experiência com apresentação desenvolvida pelos alunos.
- Mediante discussão realizadas houve reflexão e aproveitamento na sua aplicabilidade, com material trazido pela analista em professores.

A E Carvalho

- Utilização do modelo organizativo.
- Poetizar.
- Registro das etapas dos processos de trabalho e de avaliação.
- Uso de diversos recursos como: filmes, poesias, imagens, tecnologias.

- Trabalhar as quatro linguagens.

Americana

- As idéias/ações tratadas neste encontro contribuíram em todos os aspectos para que possamos incluí-las em nossa prática, pois fazem parte de nosso trabalho e com isso utilizaremos com algumas adaptações nos modelos organizativos, de acordo com o trabalho que já está sendo desenvolvido.

Bauru

- Iniciamos o encontro com a troca de informações, materiais e experiências, momento muito enriquecedor e ao mesmo tempo mobilizador. A dinâmica utilizada nos encontros, DVD, CD, Textos nos deixa motivado para enfrentarmos o dia-a-dia na escola.
- Discutimos nossa postura ao avaliarmos o nosso aluno, como registramos o processo e como este aluno percebe o processo. Vamos intensificar o registro do aluno com suas dificuldades, descobertas, o que aprendeu, o seu olhar. Registro que contribuirá para avaliação de nossa prática pedagógica.
- Muito esclarecedor o modelo organizativo proposto, um enfoque para a música integrada as outras linguagens.
- Lemos e comentamos o texto ”Emoções e sentimentos Polêmicos sobre o ensino de arte”, destacando a importância da arte na vida do indivíduo. Aproveitamos para refletir a importância do projeto de leitura, e como que nós professores devemos ser leitores para contagiar os nossos artistas, digo alunos.

Bebedouro

- Iniciamos o Encontro com uma leitura discutindo a idéia de arte como “expressão de sentimentos e emoções” (os estereótipos) – Irene Tourinho.
- Discutimos sobre a organização e estética do nosso material e dos alunos, importâncias do registro, limpeza da sala durante as nossas atividades.
- Sobre a meta de leitura foi esclarecido sobre as várias expectativas que podemos utilizar e o como utilizar. Trocamos idéias, experiências sobre materiais, atividades (modelos organizativos) que serão utilizados durante nosso trabalho no processo educativo (aulas).
- Os professores devem ser carismáticos para tornar crianças apaixonadas – refletimos sobre o papel da escola em fazer/ensinar os alunos a pensarem e a sentirem que também será levado para sala de aula.
- Foi importante e com certeza será muito bem-vindo na nossa prática diária a orientação de como trabalhar em grupo o aluno com dificuldade de participação em equipe (desenvolvendo outras habilidades participando de outras formas)
- O modelo organizativo vivenciado será utilizado e adaptado, se necessário. Encontro surpreendente!

Campinas

- Trabalhar com os conhecimentos prévios.
- Ética, organização, combinados.
- Utilizar diferentes registros e diferentes instrumentos de avaliação.
- Utilizar os modelos organizativos. Trabalhar com os conhecimentos prévios.
- Ética, organização, combinados.

- Utilizar diferentes registros e diferentes instrumentos de avaliação.
- Utilizar os modelos organizativos.

Catumbi

- Utilizar os modelos organizativos.Acreditamos que esse encontro possa nos subsidiar na nossa prática em sala de aula proporcionando novos olhares nas quatro linguagens. Ao utilizar o modelo organizativo, este nos propicia trabalhar a inter-relação e a organização da prática com as atividades sugeridas e desenvolvidas no encontro por ex: texto reflexivo sobre emoção, sentimento e expressão, conceitos esses que nos remeteu à leitura das relações entre música, artes visuais, dança e teatro.
- O filme e a discussão provocaram uma revisão para um novo conceito de arte levando-nos à construção de um móbile focado em tempo, movimento, cor, equilíbrio e desconstrução da sonoridade.

Itapetininga

- Trabalhar com os conhecimentos prévios.
- Ética profissional.
- Uso dos registros.
- Organização.
- Apresentação, reflexão das expectativas e aprendizagens junto aos alunos.
- Combinados.
- Avaliação.

Jundiaí

- .Trabalhar com a música.
- Usar a música em sala de aula trabalhando com os elementos fazendo paralelo com outras linguagens.
- Por em prática o modelo organizativo.
- Trabalhar com diferentes instrumentos de avaliação.

Mogi das Cruzes

- Sugestões de modelos organizativos.
- Música de forma lúdica.
- Soma de experiências.
- Indicações bibliográficas
- Idéias produzidas pela professora Luciana em interdisciplinaridade com História.

Marília

- Nessa formação vimos como a música está inserida no nosso cotidiano junto aos alunos proporcionando conhecimento em gêneros musicais despertando sentimentos, emoções vivenciadas no seu dia a dia.
- Podemos trabalhar com os alunos partindo das possibilidades de ouvir ritmos diferentes, seu mundo musical se ampliará e aí seu “gostar” ou não de determinados ritmos estará fundamentados.
- A vivência do modelo organizativo que tivemos com a música Aquarela resultou na elaboração plástica da interpretação da música, pintando o CD, foi diferenciada e atrativa. Essa atividade será desenvolvida em nossas aulas.

- Discutimos a avaliação novamente e chegamos a conclusão que esta acontece a todo o momento nos processos de aprendizagem e o instrumento é diferente do conteúdo para o registro.
- Quando refletimos sobre a meta de leitura percebemos que ela pode estar inserida neste conteúdo com sugestões de títulos.
- O acervo musical que a analista nos trouxe foi enriquecedor para o desenvolvimento de práticas de aprendizagem é lógico que aplicaremos em sala de aula obedecendo aos pressupostos metodológicos.

Porto Ferreira

- Iniciamos o encontro refletindo o texto Emoção e Expressão de Sentimento, onde usaremos em sala de aula.
- Foi apresentado pela analista materiais que serão aplicados no nosso dia-a-dia, seguido de orientações.
- Fizemos a análise do modelo organizativo, vivenciando atividades que serão aplicadas em sala de aula.
- Socializamos experiências já trabalhadas com os alunos, com apresentação trabalhos práticos realizados pelos (alunos) mesmo.

Presidente Prudente

- Começou o encontro observando atividades que outros professores propuseram a seus alunos utilizando CD's, disco de vinil utilizando Op Art para criar móbiles, tivemos a parte prática de como descaracterizar, desconstruir a função dos CD's

para trabalhá-los artisticamente. Observamos outras propostas para troca de experiência.

- Apreciamos alguns CD's e DV's, que aparecem os períodos da História da Arte, bem como as infinitas imagens, cenas de filmes como Caravagio, Da Vinci, Frida, CD's com imagens do corpo em diferentes períodos desde a Antiguidade até a atualidade, com imagens e comentários sobre as mesmas. Na troca de experiências, apresentação de uma aula preparada por uma professora para leitura de imagens, com algumas habilidades necessárias para a leitura de imagens, elementos da linguagem visual, memorização, análise e síntese, orientação espacial, etc; pensamento lógico, habilidades e expectativas do referencial, como trabalha-las no cotidiano da sala de aula, partir do referencial do aluno.
- Num outro momento apreciamos imagens do corpo humano e suas diferentes representações, máscaras africanas, comparando-as com cenas do cotidiano, comerciais e filmes.
- Analisamos os modelos organizativos que tem como foco principal à "música", mas integrando as outras linguagens, como artes visuais, teatro e dança.
- Vivenciamos as atividades propostas no modelo organizativo, como aplicá-la em sala de aula, adaptando a realização a nossa escola, habilidades, competências e conteúdos da expectativa apresentada. Vimos como avaliar nossos alunos em arte.
- Vimos à necessidade da troca de experiências, análise dos modelos organizativos apresentados nos encontros e como adapta-los a nossa realidade.
- Idéias de chamada, organização do caderno com margem, frases de artistas, organização e limpeza da sala de aula.

- A importância da recuperação contínua e paralela, fazer registro das atividades e avaliar no processo e produto, fazendo a auto-avaliação nas linguagens artísticas, avaliação do grupo e do professor.

Ribeirão Preto

- Usar modelo organizativo de acordo com a realidade da escola.
- Análise das expectativas.
- Trocas de experiências.
- Integração e troca de materiais didáticos.

Rio Claro

- Sugestões das atividades apresentadas sobre os modelos organizativos.
- Sugestões de filmes, livros.
- Retomada das expectativas de ensino e aprendizagem.
- Reflexão sobre avaliação.
- Registros das etapas dos processos de avaliação.

São José do Rio Preto

A primeiro momento foi discutida com a analista a história da Arte na Educação para a leitura do texto proposto “Emoções e Sentimentos”, onde relata a polêmica sobre o ensino da Arte.

- Vivenciamos troca de materiais e experiências com a analista com materiais de outros pólos.

- Comentou-se e discutiram-se pontos importantes para prática na aula de fazer registros, organização e limpeza.
- Houve um aprofundamento na discussão sobre a meta de leitura, método de avaliação, aplicação de modelos organizativos nos planos e concluímos com relatos de modelos organizativos já aplicados.
- Com o novo modelo organizativo em mãos, cantamos a música da Aquarela de Toquinho e Vinícius e pintamos para experimentar o que o aluno sente na prática pedagógica. Encerramos um belo encontro recheado de conteúdo.

São Bernardo do Campo

- Iniciamos nossa formação com uma conversa sobre a importância da Linguagem Musical – Conceito/Arte/Ciências desmistificando o trabalho com a linguagem musical.
- Os professores tiveram oportunidade para trocar suas experiências em sala de aula, com fotos, trabalhados dos alunos e a garantia de colocarmos em prática o modelo organizativo.
- Foi oferecida análise de uma letra de música, um filme para que se observasse na prática pedagógica garantindo à aplicação dos pressupostos.
- Point e fotografias de atividades em salas de aulas, através do computador.

Sorocaba

- Usos de planilhas.
- Combinados com os alunos/ organização.
- Troca de experiências
- Avaliação.

Taubaté

- Caricatura (nas quatro linguagens).
- Dinâmicas com o próprio nome.
- História- contextualização
- Pesquisa em sala com reflexão.
- Trabalhar com a organização.
- O conhecimento cognitivo do aluno.
- O modelo organizativo e avaliação.

Vila Leopoldina

- No 3.º Encontro de Formação Continuada de Professores – FORMAPROF (Arte), foram abordados vários assuntos, dentre eles: troca de experiências dos modelos organizativos, planos docentes, aplicados e vivenciados com os alunos; métodos avaliativos; apresentação de slides sobre expressão corporal; leitura; interpretação e debate sobre o texto “Comunicação e Expressão” . No segundo momento, cantamos a música “Aquarela” (Toquinho) e após realizamos um esboço com o decalque do CD em sulfite, onde registramos as impressões da música em forma de esboço. Na seqüência pegou-se o CD previamente limpo onde registramos em alto relevo (cola colorida) o esboço feito em desenho; parte integrante de uma mandala ou móbile.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo compreender as relações construídas por arte-educadores da rede escolar SESI-SP com a arte e com suas experiências de formação.

Contei para tanto com narrativas elaboradas por dez professores que participam da formação continuada de docentes da referida rede, bem como de imagens associadas à formação continuada que os professores criaram e que serviram como subsídio e ajudaram a compreender a importância por eles atribuídos ao processo de educação continuada, vivenciado na instituição SESI. Busquei, ao longo dos capítulos, apresentar e discutir os aspectos relevantes das narrativas, apresentando também os principais resultados deste estudo.

O presente trabalho procurou desenvolver um caminho de construção das trajetórias formadoras dos professores de Arte, a partir da relação entre história de vida e trajetórias de formação e de contato com arte. Analisei o essencial daquilo que foi exposto pelos professores, evidenciando temas relevantes para compreender as relações dos professores com a arte, com a profissão e com sua formação.

Um dos aspectos mais significativos dos relatos foi a percepção de como as habilidades artísticas foram construídas ao longo da vida dos professores e como os mesmos preservaram e recriaram essas habilidades na vida profissional, ao concluírem a faculdade de Arte.

O diálogo com as narrativas dos professores permite observar os motivos que os levaram a construir uma prática pedagógica diferenciada.

Pude diagnosticar como os mestres desses professores e as universidades que cursaram abriram caminhos para esse novo fazer pedagógico, aproximando-os das linguagens da arte nas suas dimensões, a arte como fazer, por meio da produção artística, a arte como um apreciar/fruir, compondo-se da leitura da obra de arte pela percepção e análise, dos elementos formais da obra e da interação. Tudo isto levará em conta o repertório de vida, as experiências estéticas e de formação do observador/fruidor, como apreciador e produtor de obra de arte e a arte como contextualização/reflexão, no conhecimento e do entendimento da produção artístico-estética da humanidade, compreendendo-a histórica-social e culturalmente, em detrimento tão somente do fazer pedagógico centrado no desenho geométrico, no desenho pelo desenho, na confecção de objetos e adornos meramente decorativos, entre outros.

Os equívocos e as representações quanto à função da Arte por ser um movimento dialético e de inter-relação entre as linguagens artísticas e seus elementos constituintes, permeou por anos o ensino da Arte no Brasil, conforme já anunciado em capítulos dessa dissertação.

Ao ler as narrativas e compreendê-las, percebi que os cursos realizados para além das universidades foram importantes na construção do papel e da prática desses arte-educadores e, ainda, que a influência da família mostrou-se fundamental em suas escolhas.

Percebi também, que os professores autores dessas narrativas mostraram ter posturas de educadores contemporâneos, pois levam em conta a intensidade e a

velocidade do nosso tempo que exige dele um educador-pesquisador: aquele que estuda, pesquisa, experimenta, vivencia artístico-estéticamente e valoriza seu processo de formação de vida enquanto arte-educador e valoriza a formação continuada como lugar de desafios, aprendizagens, diálogos, vivências, trocas de experiências, estando aberto para o novo olhar na construção de conhecimentos sobre eles mesmos e sobre sua própria vida.

Apesar da consciência acima descrita, os professores não fogem à regra em relação à sua formação e conhecimento. Trazem com eles vivências de sua formação escolar, enquanto alunos, arraigados culturalmente na livre expressão e depois sua formação universitária calcada no fazer/produzir, desconsiderando o frui/sentir e o contextualizar/refletir que é a proposta da rede escolar SESI-SP e defendida por muitos pesquisadores em arte educação.

Na formação escolar e universitária dos anos 70-80 até meados de 90, grande parte dos professores dessa pesquisa eram alunos. O contato com a arte ainda acontecia no fazer pelo fazer, sem levar em consideração o cenário a que esse fazer estava inserido nem os sentimentos de inter-relação presentes. Assim, é absolutamente compreensível um professor, aluno nesse período, desenvolver o que sabe, ou seja, que a prática na sala de aula seja pautada em tudo que ele traz como história de vida e formação e sobre isso temos os seguintes dados de realidade que os arte-educadores do SESI-SP não fogem à regra:

- 90% dos professores brasileiros, os do SESI-SP também, como já mencionado no capítulo II dessa dissertação, são formados em educação artística com habilitação em artes plásticas;

- a formação em educação artística não se mostrou capaz de preparar para a polivalência, logo, grande parte dos professores ensina a linguagem que mais conhece;
- uma grande porcentagem ensina Artes Visuais por ter um conhecimento maior nessa linguagem;
- Embora os PCNs recomendem as quatro linguagens (música, teatro, dança e visuais), as licenciaturas específicas datam de cinco anos e as redes não estão estruturadas para contar com o quatro profissional.
- Várias redes fazem o esforço de educação continuada com as quatros linguagens e nem sempre estes programas se mostram capazes de preparar os professores para ensinar bem tais linguagens.

Na tentativa de mudar esse cenário e dar início a uma educação de qualidade, a rede escolar SESI-SP, em 2001, contratou analistas pedagógicos, das áreas do conhecimento e iniciou a formação continuada de professores. Arte passou a ter sua formação voltada para o trabalho com as quatro linguagens artísticas, como os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Os PCNs (1998), propõem quatro modalidades artísticas: Música, Dança, Teatro e Visual.

O PCN-Arte, (1998, p.49), estabelecem três diretrizes básicas para a ação pedagógica. São diretrizes, que trazem "Proposta Triangular" defendida por Ana Mae Barbosa: o "conjunto de conteúdos está articulado dentro do processo de ensino e aprendizagem e explicitado por intermédio de ações em três eixos norteadores: produzir, apreciar e contextualizar"

Nos Referenciais curriculares da rede escolar SESI-SP, está posto de forma clara que trabalhar a Arte no tratamento conjunto das diferentes linguagens no currículo

escolar é um grande desafio ao educador que acredita ser o aluno uma totalidade e não tão somente partes.

> (...) a produção artística é parte do acervo cultural de um povo e, conseqüentemente, a presença da Arte no currículo escolar enseja ao estudante o acesso a esse patrimônio cultural, bem como a sua apreciação e constatação das variações nos critérios e nos estilos estéticos ao longo do tempo e de um tipo de sociedade para outra.
> Para que isso ocorra é preciso que a abordagem educacional no campo da Arte se dê de forma ampla, envolvendo as diferentes manifestações artísticas: música, arte visual, arte cênica, dança, arquitetura, urbanismo etc. Daí ser desejável o tratamento conjunto das diferentes linguagens que integram o campo das artes e, dessa perspectiva, sem dúvida, o tratamento curricular na forma de área de conhecimento se mostra mais adequado, evitando, assim, a fragmentação da especialização precoce. (Referênciais curriculares da rede escolar SESI-SP, 2003, p. 201).

Na busca de vencer esse desafio a formação continuada dos professores de Arte da rede em questão, reflete com os professores a concepção da área de Arte, os procedimentos metodológicos, as práticas de sala de aula, as estratégias de aprendizagens, os modelos organizativos, suas experiências e vivências em sala de aula, no sentido de os professores olharem os alunos como seres que interagem com o cotidiano e a tratar a arte não como parte isolada desse cotidiano nem de nossa história pessoal. Os modelos organizativos são trabalhados e vivenciados em cada encontro de formação continuada. Por modelos organizativos podemos entender: atividades sugeridas em que procuram garantir o desenvolvimento e o trabalho polivalente com as quarto linguagens da disciplina de Arte, os pressupostos metodológicos da Rede (levantamento de conhecimentos prévios, problematização, sistematização dos saberes, tomada de decisões, avaliação), aprofundamento nas três dimensões dos

conteúdos a serem abordados (conceitual, procedimental e atitudinal), os objetivos, as habilidades e as competências a serem desenvolvidas com aquele conteúdo.

Outro objetivo da formação continuada é oportunizar aos professores momentos de desenvolvimento de suas capacidades de apreciar, conhecer, pensar e fazer Arte e assim, ele poderá oferecer o mesmo aos seus alunos em sala de aula.

No Caderno de Pesquisa, número 114, de novembro de 2001, São Paulo, com o tema: Formação inicial e permanente do professor de arte na educação básica, Maria Emilia Sardelich, do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, discorre: "*A escola brasileira pode atuar para a democratização do acesso à Arte se trabalharmos para a familiarização, a intimidade para com as diferentes linguagens artísticas (...)".*

A rede escolar SESI-SP acredita na mesma possibilidade de Sardelich em vivenciar as linguagens da arte de forma que oportunize aos alunos modos de contato com a arte que não tão somente do fazer artístico manufaturado. Por fazer artístico se entende:

> O fazer artístico é um processo de manufatura de criação de produtos ou obras artísticas (...). A criação artística é um processo de construção, de elaboração técnica e inventiva, que permite dar significados a um conjunto de elementos pertencentes a cada uma das linguagens artísticas. (REFERÊNCIAIS CURRICULARES DA REDE ESCOLAR SESI-SP, 2003, p. 203).

> Seria ideal que o aluno pudesse, ao longo da sua escolaridade, vivenciar o maior número possível de linguagens artísticas, permitindo que cada linguagem trabalhada seja desenvolvida e aprofundada, de forma que o fazer e a leitura da obra de arte, ressignificados pela contextualização histórica, tornem o aluno apto para compreender a arte enquanto produção, apreciação e reflexão. (REFERENCIAIS CURRICULARES DA REDE ESCOLAR SESI-SP, 2003, p. 205).

De forma a favorecer para que o aluno vivencie o maior número possível de linguagens artísticas e os professores se formarem para desenvolver suas capacidades de apreciar, conhecer, pensar e fazer Arte, o SESI-SP faz a formação continuada de seus professores da rede escolar. Assim, a formação continuada dos professores deve trazer muito mais do que materiais e textos. Ela deve trazer uma concepção de educação em arte que propicie a integração da realidade individual do professor com seu meio natural e cultural, desenvolvendo sua sensibilidade, percepção, imaginação e criatividade, integrando os processos de pensamento, os processos emocionais e os perceptuais. Deve mostrar que a arte é uma forma de conhecimento, que tem suas próprias linguagens e códigos. Enfim, a formação continuada da rede escolar SESI-SP procura ampliar o trabalho com as linguagens da disciplina de Arte no sentido de romper com a visão de ser a Arte somente linguagem visual e procurar vivenciar o maior número possível de linguagens artísticas, permitindo que cada linguagem trabalhada seja desenvolvida e aprofundada em seus elementos gramaticais específicos, aproximando professores e alunos da compreensão de que o ensino da arte requer mediação para produção, apreciação e reflexão, no domínio do conhecimento artístico e estético.

No Brasil, a discussão da arte-educação e suas linguagens artísticas, está longe de terminar, cada sistema de ensino pensa Arte e faz Arte de acordo com sua concepção de ensino, o que torna essa discussão complexa de ser unificada em sua forma.

Esse trabalho de pesquisa me ensinou a entender os processos formadores dos professores de arte e a entendê-los como sujeitos e autores, aprendizes e formadores,

alunos e professores enquanto arte-educadores que transitam e movimentam-se em seus fazeres cotidianos e em suas práticas pedagógicas, tanto na vida como autores de sua própria história quanto em sala de aula com seus alunos como mediadores do conhecimento.

Mostrou-me também, o quanto à formação continuada na rede escolar SESI-SP já caminhou e o quanto ainda tem por caminhar. Foi iniciada com ações percebida necessária pela Instituição de Ensino e já adentrou para reflexões do fazer pedagógico e sobre a prática em sala de aula num processo de investigação conjunta com os professores.

E por fim, essa pesquisa também foi uma (trans) formação na medida que já não tenho o mesmo olhar que antes sobre os professores e sobre mim mesma, pois ao dialogar com as narrativas dos professores acoplei um pouco da história de cada um e meu olhar de agora está contagiado com os muitos olhares dos professores participantes .

Acredito que todos estamos em constantes movimentos, desde o planeta Terra quando gira em torno do seu próprio eixo até as ondas sonoras que não enxergamos nem sentimos, porém sabemos que existem. Assim, como as trajetórias de vida e formação dos professores é um movimento contínuo, a arte é um movimento dialético e a relação entre ambas é constante e mutuamente sentida, apreciada e aprendida a todo o momento, o tempo todo.

Aprendi a refletir no que acredito e a principalmente, no que não acredito, pois assim, poderei me transformar a qualquer momento.

Nas construções e trajetórias de vida dos professores e sua relação com a arte-educação, acredito ser interessante, nesse momento, adaptar o poema “Salvação”, do

livro Outubro (1975), de Nei Carvalho Duclós, a frase: *“Nenhuma pessoa é lugar de repouso”.* Somos seres em constantes transformações, que vivemos e que nos relacionamos da maneira as mais diversas possíveis e nessa relação/ação agimos uns sobre os outros e nos modificamos reciprocamente, a isso chamamos de *experiência,* que é o cerne deste trabalho: tentar compreender, a partir das narrativas **Histórias de vida com Arte-Educação**, as relações desse professor com a arte, suas experiências formadoras e o que os encontros de formação continuada na rede escolar SESI-SP provocam e fazem pensar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGAN, Giulio C. **Arte e crítica da arte.** Lisboa: Estampa, 1988.

ARNHEIM Rudolf. **Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora.** São Paulo: Pioneira,1995.

BARBOSA. Ana Mae. **A Imagem no ensino da Arte: anos oitenta e novos tempos.** São Paulo: Perspectiva; Porto Alegre: Fundação IOCHPE, 1991.:2;

_____. (org.).**Inquietações e mudanças no ensino da arte**, Editora Cortez, 2002.

_____. (org.).**Arte-Educação: leitura no subsolo.** São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil.** São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Relatório de preparação do 14º Festival de Inverno de Campos do Jordão, SP**. São Paulo, Secretaria de Estado da Educação, 1983.

_____. **Teoria e prática da educação artística.** São Paulo, Cultrix. 1975.

Brasil. Lei Federal 5.692 de 11 de agosto de 1971. **Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus.** Brasília, 1971.

Brasil. Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília, 1996.

Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. **Secretaria de Educação Fundamental. Desenvolvimento da educação no Brasil.** Brasília: Mec, 1996.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 5ª - 8ª série: Arte.** Brasília: Mec, 1998.

BUORO, Anamelia Bueno. **Olhos que pintam: a leitura da Imagem e o ensino da arte.** São Paulo: Educ/Fapesp/Cortez, 2002.

CALDWELL, Taylor. **Médico de homens e almas.** Trad. Aydano Arruda. 40.ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2006.

CANCLINI, N. **A socialização da arte.** São Paulo, Cultrix., 1980.

DEWEY, John. [1916]. **Democracia e educação: introdução à filosofia da educação.** Trad. de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 4.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979. (Atualidades Pedagógicas, 21).

_____. **Democracia e Educação.** São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

_____. **Tendo uma experiência.** In coleção Os pensadores, volume Dewey. São Paulo: Ed. Abril cultural, 1980.

_____. **Vida e Educação.** Tradução e estudo preliminar por Anísio S. Teixeira. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1975.

DUCLÓS, Nei Carvalho, **Outubro**. Porto Alegre: A Nação: Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul,1975.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte.** Trad. Leandro Konder. Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1979.

GARCIA, Amélia N. C. Experiência estética e formação de educadores: mais perguntas que respostas. In: CHRISTOV, Luiza H. da Silva, MATTOS, Simone Ap. R. de (org.). **Arte Educação: Experiências, Questões e Possibilidades**. São Paulo: Expressão & Arte Editora, 2006.

GARCIA, Carlos Marcelo. **Contribuições da Investigação sobre o Pensamento do Professor: Da Procura do Professor Eficaz ao Estudo do Conhecimento Especializado. In. Os professores e sua formação.** Portugal: Publicações Dom Quixote, 1997.

GATTI, Bernardete Angelina. **Formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação.** São Paulo, ed. Autores Associados, 2000.

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. São Paulo: Papirus Editora, 2003.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação.** São Paulo: Ed. Cortez, 2004.

LARROSA, Jorge, e LARA, Núria Perez de. **Imagens do Outro.** Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1998.

_____. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. **Linguagem e educação depois de Babel.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MERLEAU - PONTY, M. **O olho e o espírito.** São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

NÓVOA, António (coord). **Os professores e a sua Formação.** Instituto de Inovação educacional e autores. Portugal, Publicações Dom Quixote, 1997.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ramalho e. **Leitura de imagens para a educação.** Tese (doutorado em comunicação e Semiótica)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- São Paulo, 1998.

OSINSKI, D. **Arte, história e ensino: uma trajetória.** São Paulo, Cortez, 1988.

OTT, Robert William. **Texto distribuído no curso ministrado no museu de Arte Contemporânea da USP,** 1988. Publicado inicialmente em versão modificada no livro Museum Education: Theory and practice. Nancy Berry and Susan Mayer (org.) Virginia, NAEA, Trad. Maria Cristina C. Rizzi e Vera Filinto.1989. p. 172-193.

RAMOS, Graciliano, **Entrevista em 1948.** In:. Vidas Secas. 102.ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, contra-capa.

RATHS, Louis E. et al**. Ensinar a pensar.** 2. ed. São Paulo: EPU, 1977.

São Paulo (Estado). **Secretaria da Educação. Centro de Pesquisas para Educação e Cultura. Ensinar pra valer! Aprender pra valer!** São Paulo: Cenpec; EDE/Seespe, 1997. 4v. (material de apoio as Classes de Aceleração produzido para FDE/ Secretaria do Estado da Educação de São Paulo).

_____. **Proposta Curricular para o Ensino de Educação Artística: 1º grau.** São Paulo: Cenp, 1991.

São Paulo (Município). **Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação, Divisão de Orientação Técnica (DOT).** Organizadores de áreas: Currículos e Programas, 1995-1996.

_____. **Movimento de reorientação curricular: Educação Artística**, visão de área, documento 5. São Paulo: CO- DOT- PSG- As- 002/1992.

SARDELICH, Maria Emilia. **Formação inicial e permanente do professor de arte na educação básica**. Cadernos de pesquisa. No. 114. São Paulo. Nov. 2001.

SESI-SP, **Referenciais curriculares da rede escolar SESI-SP. SESI-SP**. – São Paulo: SESI, 2003.

SESI-SP, **Referenciais curriculares da rede escolar SESI-SP. Introdução ao fazer pedagógico da rede escolar SESI-SP**. – São Paulo: SESI, 2003.

SHÖN, Donald. **Formar professores como profissionais reflexivos. In. Os professores e sua formação.** Portugal: Publicações Dom Quixote, 1997.

TOURINHO, Irene. Emoções e sentimentos: polêmicas sobre o ensino de arte: In: **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, v.9, n. 25, 2002, p. 36-44.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, Série Psicologia e Pedagogia, 1991.

_____ **. Psicologia da Arte.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ANEXOS

I - Narrativas – Histórias de vida dos professores de Arte.

II - Questionamentos – Formação Continuada no SESI-SP.

III - Imagens associadas à Formação Continuada.

IV - Organograma estrutural da Diretoria da Educação Básica – SESI-SP.

ANEXO I

NARRATIVAS – HISTÓRIAS DE VIDA DOS PROFESSORES DE ARTE

Narrativa 01

unesp

Instituto de Artes
Campus de São Paulo

PESQUISA: FORMAÇÃO ARTICULADA COM AS HISTÓRIAS DE VIDA - ENSINO DE ARTE – MESTRADO
AMÉLIA NATALINA CONSTANTE GARCIA –
ORIENTADORA: DRA. LUIZA HELENA DA SILVA CHRISTOV
NOME DO PROFESSOR: Gisela Marques Pirandin
CENTRO EDUCACIONAL: Sesi 415 CIDADE: São Paulo DATA: 01/08/06

HISTÓRIA DE VIDA COM ARTE-EDUCAÇÃO

O meu percurso pessoal foi consequência das vivências que fui construindo através de experiências com educadores maravilhosos ex: Regina Machado, Ester Soares (Udesc), Rosangela Acciolli, Rubens Matuck entre outras: Vanei Oliveira, Carla Meneghetti e Maria José Castillan. Um curso, a discussão sobre oficinas, textos, orientações didáticas, uma professora afetiva como a Rosa (Verde da Vila). A presença da arte na minha vida foi semeada na família e cultivada na escola. As atividades artísticas eram constantes e intuitivamente buscava ampliar expressivas. Não repeti o que foi ensinado mas as absorvi, o processo de autoconhecimento, a afetividade construiu uma parte do mosaico que traço como lembrança.

EXTREMAMENTE

Narrativa 02

História de vida com Arte-Educação

Formação literária e familiar

Nasci na periferia da cidade de Osasco – Grande São Paulo. Venho de uma infância pobre, e comecei a estudar diretamente na 1ª série do ensino fundamental. Estudei em colégio estadual até a 7ª série.

Minha mãe estudou até a 4ª série e meu pai até a 6ª série primária.

Quando eu tinha 10 anos, minha mãe precisou trabalhar fora, devido as condições financeiras. Começou a trabalhar como copeira no Banco Bradesco e foi à partir desse momento que eu amadureci, pois tinha que executar as tarefas de casa sozinha. Aos 14 anos consegui uma vaga no colégio da Fundação Bradesco, devido ao emprego de minha mãe e, no mesmo ano comecei a trabalhar como bancária no mesmo Banco.

Até então, a disciplina de Educação Artística, para mim, era sinônimo de desenho geométrico e, para meus pais, provavelmente significava "desenho livre" ou algo semelhante. Jamais havia visitado um museu ou um teatro, pois no colégio estadual onde estudei excursão era sinônimo de "Playcenter" e "Sesc Campestre".

Já na Fundação Bradesco tive uma enorme dificuldade de adaptação, pois estava literalmente "atrasada" como diziam alguns professores. Para mim, aquele era um mundo novo, onde falava-se de um tal de "Renascimento", trabalhos sobre máscaras indígenas, materiais como giz pastel, etc, fora o conteúdo de outras matérias. Como eu iria compreender todo aquele universo novo, em conjunto com a minha insegurança, sem ter com quem desabafar, com a minha mãe trabalhando 12 horas por dia, somando o fato de eu ser lembrada pelos "colegas" como a aluna que veio do "Estado".

Não tive dúvidas, voltei ao colégio estadual e pedi a minha vaga de volta. Uma semana depois minha mãe, indignada, me fez voltar para a Fundação Bradesco. Fiquei noites em claro para me atualizar, entender e compreender aquele novo universo. Aos poucos, fui me adaptando.

Como eu já havia citado, comecei a trabalhar no mesmo ano, o que ampliou ainda mais meus horizontes. Comprava revistas e livros dos mais variados assuntos e já não me sentia tão insegura e desatualizada.

Me formei e, no ensino médio optei pelo curso Técnico em Redator Auxiliar. Tive Educação Artística somente no 1º ano, onde aprendi História da Arte , basicamente através de slides sobre a Pré-História, Renascimento, etc., sempre de maneira superficial. Já não sentia dificuldades na aprendizagem, pois tudo era transmitido de forma clara e simples. Tínhamos diversos trabalhos extra-classe como visitas em teatros, entrevistas com atores, visitas a museus, sebos, etc. Visitávamos diversas bibliotecas, como a biblioteca da ECA-USP, Mário de Andrade, etc. Conseguia conciliar com o emprego, pois trabalhava meio período.

Continuação da Narrativa 02

Terminado o ensino médio e, com o incentivo dos colegas de classe e, do próprio colégio, prestei vestibular no ano seguinte.

Comecei a estudar na Universidade Mackenzie, curso de Desenho Industrial – Habilidade em Programação Visual, juntamente com a minha melhor amiga do ensino médio. Devo confessar que tanto eu como a minha amiga não sabíamos *exatamente qual a finalidade do curso mas, para nós, no momento, o mais* importante era que havíamos entrado na Faculdade. O que foi um grande equívoco.

A mensalidade era razoavelmente cara; a lista de materiais, infinita; trabalhos extra-classe diários; ônibus, lotado, demorava cerca de 1 hora e 30 minutos para fazer o percurso de Osasco até a Faculdade; dormia, em média, 6 horas por noite. Já no primeiro semestre pensei em desistir. Foi, quando com o apoio da minha amiga e de minha mãe, que passou a custear parte da mensalidade, decidi continuar. Aos poucos, fui me interessando pelo curso e entendendo a sua finalidade.

Foi então que decidi mudar para o curso de Artes Plásticas – Habilidade em Educação Artística. Tentei diversas vezes, mas primeiramente o curso estava em extinção, não havia mais turma compatível ao meu semestre, e em segundo lugar fui aconselhada por colegas e professores a continuar o curso, pois se eu optasse por Artes Plásticas, provavelmente seria professora de Educação Artística, e tendo o diploma de Programação Visual seria Designer, o que daria uma realização profissional maior. Pura ironia.

Optei por continuar cursando Programação Visual. No 3º ano casei e continuei estudando. Quando minha filha nasceu, tranquei matrícula por um semestre, retornando no ano seguinte.

Minha filha estava com 6 meses quando retornei ao trabalho e ao estudo ao mesmo tempo. Comecei a desenvolver o meu TGI – Trabalho de Graduação Interdisciplinar, com o projeto: "Programa de Identidade Visual: Confecção Infantil", que estava completamente de acordo com o meu momento. Tinha que me dedicar integralmente a ele, pois as pesquisas eram diárias. Pedi minha demissão do Banco, após 9 anos de trabalho e, com a indenização, custeava a mensalidade e o material. Minha sogra cuidava de minha filha, enquanto eu estudava em cursos de Computação Gráfica, para desenvolver o projeto, e fazia visitas semanais a biblioteca da ECA-USP, para pesquisas teóricas.

Após 1 ano de pesquisa e desenvolvimento, apresentei o projeto e obtive a nota máxima.

Finalmente estava formada e poderia conseguir um emprego na área do design gráfico. Fiz diversas entrevistas e enviei vários currículos, mas todos sem sucesso, pois faltava um detalhe que eu não possuía: o Inglês. Em todos os testes, sempre era barrada no mesmo item.

Comecei a trabalhar como documentadora em uma empresa de informática, onde se exigia somente o Ensino Médio. Após um ano de trabalho pedi demissão e decidi consertar o passado. Comecei a me informar sobre quais eram os requisitos para que eu pudesse lecionar. Foi então que, através do jornal, soube que a Faculdade de Belas Artes de São Paulo estava formando turmas para o curso de Formação de Professores/Licenciatura Plena, para pessoas formadas em Arquitetura, Programação Visual, Projeto do Produto e Engenharia.

Continuação da Narrativa 02

Na mesma semana fiz matrícula no curso e lá pude vivenciar, através da teoria das aulas e da prática de ensino/estágio supervisionado, todo o universo do professor e da sala de aula. **Fiquei maravilhada**.

Para mim, o curso foi fundamental e muito bem ministrado pelos professores e pela coordenação. O curso teve duração de 6 meses, em caráter intensivo, pois estagiava e estudava todos os dias.

Terminado o curso, comecei a lecionar. Senti que ainda não estava totalmente preparada. Foi então que, através de uma amiga, soube que a ECA_USP oferecia cursos de extensão para professores de Arte. Optei pelo curso de aperfeiçoamento em Arte-Educação, coordenado por Regina Machado e Ana Mae Barbosa e ministrado por Ana Amália Barbosa – produzir , Rejane Coutinho - contextualizar e Carlos Fernando – apreciar. Dispensa comentários.

Faz 6 anos que leciono em colégio estadual, exatamente na periferia de Osasco, mesmo lugar onde começa esse texto. E há uma semana e meia leciono no Sesi. Procuro ensinar a meus alunos tudo aquilo que eu não aprendi no ensino fundamental e, acima de tudo, mostrar a eles o maravilhoso universo da Arte.

Acredito que, somente com a formação continuada de professores, podemos fazer do ensinar-aprender algo maravilhoso e encantador.

Ana Paula G. de P. Bonini
Arte - Educadora

Narrativa 03

unesp **Instituto de Artes**

Campus de São Paulo

PESQUISA- FORMAÇÃO ARTICULADA COM AS HISTÓRIAS DE VIDA -ENSINO DE ARTE – MESTRADO
AMÉLIA NATALINA CONSTANTE GARCIA –
ORIENTADORA : LUIZA
NOME DO PROFESSOR: Lenita Silveira Lico Rodrigues
CENTRO EDUCACIONAL: 423 CIDADE: Pres. Prudente DATA: 23/08/06

HISTÓRIA DE VIDA COM ARTE-EDUCAÇÃO

Na minha família todos gostavam de música, Papai tocava violão ("música sertaneja" embora nunca tivesse aprendido em conservatórios ou escola de música a sua habilidade era natural digamos assim um "dom" dado por Deus!

Aos meus 10 anos comecei estudar "Piano", música erudita me formei aos 19 anos onde já cursava a Faculdade "Teresa D'Avila em Sto André - Lógico Educação Artística - habilitação em Artes Plásticas lecionei piano p/ crianças durante o curso de E.A. porque precisa trabalhar - Percebi ao longo dos anos que mesmo desenvolvido a técnica do desenho não tenho habilidade para Desenhar, mas mesmo assim me tornei Professora de Arte, Tenho outras habilidades adoro falar, cantar, ou tocar piano, adoro representar, e sou pé de valsa! Tenho criatividade pedra fazer e motivar coreografias e cantar a arte me envolve, não consigo olhar ao redor pois tudo para mim é Arte. Fiz Pedagogia na Faculdade Unoeste formei em 1989 - e atualmente fiz 2004 fiz Pós Graduação em Gestão Escolar com a tese Indisciplina - "DA VELHA GUARDA DISCIPLINADA À JOVEM GUARDA INDISCIPLINADA DE UM EXTREMO AO OUTRO

Narrativa 04

unesp

Instituto de Artes
Campus de São Paulo

PESQUISA- FORMAÇÃO ARTICULADA COM AS HISTÓRIAS DE VIDA -ENSINO DE ARTE – MESTRADO
AMÉLIA NATALINA CONSTANTE GARCIA –
ORIENTADORA : DRA. LUIZA HELENA DA SILVA CHRISTOV
NOME DO PROFESSOR: CARMOSINA B. MONTEIRO FRANCISCO
CENTRO EDUCACIONAL 416 CIDADE SBO DATA 21/05/2006

HISTÓRIA DE VIDA COM ARTE-EDUCAÇÃO

Desde menina sempre me interessei por imagens, principalmente de projetos residenciais (plantas baixas e perspectiva. Buscava essa informação em jornais. No colegial fiz o técnico em Decoração e trabalhei por algum tempo na área e pude conhecer outros imagens e técnicos através dessa área. Quando fui para a faculdade de Arte, foi com o interesse de saber mais sobre Arte, como conhecimento e técnica. Então me interessei e conheci os seus outros linguagens. A partir de então passei a trabalhar como Professora, mediando e trocando informações com os meus alunos.

Narrativa 05

unesp

Instituto de Artes
Campus de São Paulo

PESQUISA: FORMAÇÃO ARTICULADA COM AS HISTÓRIAS DE VIDA -ENSINO DE ARTE – MESTRADO
AMÉLIA NATALINA CONSTANTE GARCIA –
ORIENTADORA : DRA. LUIZA HELENA DA SILVA CHRISTOV
NOME DO PROFESSOR: Angela Organo Possato
CENTRO EDUCACIONAL 185 CIDADE: Barretos DATA: 24 / X / 06

HISTÓRIA DE VIDA COM ARTE-EDUCAÇÃO

Venho de uma família com várias gerações de artistas! Bisavô professor de Belas Artes, entre outros. Avô e avós paternos músicos, além da profissão oficial.

Cresci numa roda de choro. Meus pais se conheceram na Faculdade de música: ele é ~~Maestro~~ oboísta e ela pianista. Meu outro avô cantava ópera...

Tive péssimos professores de Educação Artística! Fiz piano e resolvi fazer Educação Artística por trabalhar várias linguagens.

Fiz UNESP em São Paulo, no Instituto de Artes. Lá aprendi muito além do meu curso, com outros professores de cursos à tarde, projetos com a 15ª DE ~~Diagnóstico~~ Música no ciclo Básico, Corais, etc. Agradeço Maria Helena Maestrie Gios.

O contato com os professores, de todos os cursos ofereceu-me muitas informações e participação em Projetos de Iniciação Científica. Tenho saudades e boas recordações!

Ah! Fiz especialização em Música e decidi ser arte educadora quando estava na 8ª série.

Narrativa 06

unesp

Instituto de Artes
Campus de São Paulo

PESQUISA- FORMAÇÃO ARTICULADA COM AS HISTÓRIAS DE VIDA -ENSINO DE ARTE – MESTRADO
AMÉLIA NATALINA CONSTANTE GARDIA –
ORIENTADORA: DRA. LUCIA HELENA DA SILVA CHRISTOV
NOME DO PROFESSOR: Jorge Luiz Alves de Faria
CENTRO EDUCACIONAL: 398 CIDADE: Guarulhos DATA: 01/08/06

HISTÓRIA DE VIDA COM ARTE-EDUCAÇÃO

Volto no tempo, e lembro do garoto de 5 anos que desenhava a sala da casa do seu avô, mirando observar detalhes do jogo de sofá vermelho. E tendo a oportunidade de fazê-lo ao som de grandes clássicos como madame Butterfly da coleção preferida do seu avô, que era barbeiro do famoso Quadros. O menino crescia curioso por imagens que eram devoradas avidamente e fazendo parte do seu aprendizado. Antes da moda da reciclagem, já fazia seus brinquedos no quintal, um presépio de 20 x 25, esculpia no natal porem bem colorido, e agindo da mesma forma na fase escolar, nas aulas de artes industriais pegava madeira do quintal e "catava" resto de couro no curtume perto de casa e fazia trabalhos com arte e alegria. Chega a fase adulta, a faculdade difícil de pagar mas chegamos lá eu e todos que me ajudaram em casa.

Hoje ainda estou aprendendo e muito com a arte de Educar.

Narrativa 07

unesp

Instituto de Artes
Campus de São Paulo

PESQUISA- FORMAÇÃO ARTICULADA COM AS HISTÓRIAS DE VIDA -ENSINO DE ARTE – MESTRADO
AMÉLIA NATALINA CONSTANTE GARCIA –
ORIENTADORA : DRA. LUIZA HELENA DA SILVA CHRISTOV
NOME DO PROFESSOR: Valéria Rodrigues Santos
CENTRO EDUCACIONAL 303 CIDADE Arinos DATA 25 / 05 / 06

HISTÓRIA DE VIDA COM ARTE-EDUCAÇÃO

As mãos eram miúdinhas, mas os dedos rápidos, os olhos ávidos, folheavam revistas buscando imagens e questionando o significado das mesmas por, eu não sabia decifrar as palavras, mas já lia com o pensamento, o olhar.

Os sons começaram a fazer sentido com o coração e o corpo que se movia, os ouvidos também descobriram que "liam" estes sons, estes sentidos e se expressavam através da música. O estudo desta começou, e os pés ficaram suspensos na bancada, demoraram para alcançar o chão, antes de tudo, eu já tocava, me expressava com a alma através dos ouvidos.

Encontrei na arte - música - a forma de me expressar, falar e de uma criança tímida e insegura descobri que, aos 9 anos, no meu primeiro recital, era mais segura que qualquer outro(a) adulto(a) ou criança na platéia, ao ouvir os parabéns - o sorriso antes tímido, a fala sobrando, dá lugar a um ser confiante, seguro, extrovertido. As artes fazem parte da minha vida e formação; o prazer que tenho em despertar este interesse aos outros, ou aos alunos, flui naturalmente, vem da alma, vem com luz. Instigar este olhar, olhar, contemplar, este ouvir, sentir, expressar caleidoscópico é despertar a emoção, o questionamento, o conhecimento, o "conhece-te a ti mesmo" e ligar a este aluno, a curiosidade em buscar seu caminho, conquistar seu espaço, ter respeitar a seus questionamentos e propiciar a ele parâmetros para definir seu caminho.

O cantar, dançar, pintar, tocar, mexer, montar é necessário para desenvolver todas estas formações. Cabe dizer que é necessário para estas habilidades serem desenvolvidas, que haja nas escolas espaços específicos para que o aluno possa vivenciar na prática, e não em uma carteira escolar, este pintar, mexer com o pincel, fazer traços "amassar a massa", sujar a mão, o corpo, rolar, sentir-se parte deste processo de aprendizagem na prática. O fazer e sentir é necessário!

Narrativa 08

unesp

Instituto de Artes
Campus de São Paulo

PESQUISA- FORMAÇÃO ARTICULADA COM AS HISTÓRIAS DE VIDA -ENSINO DE ARTE – MESTRADO
AMÉLIA NATALINA CONSTANTE GARCIA –
ORIENTADORA : DRA. LUIZA HELENA DA SILVA CHRISTOV
NOME DO PROFESSOR: Adriana Ortiz de Camargo
CENTRO EDUCACIONAL: 124 CIDADE Itapetininga DATA: 12/05/2006

HISTÓRIA DE VIDA COM ARTE-EDUCAÇÃO

Pertenço a uma família de músicos, avós paternos e maternos, com isso a música foi apresentada desde cedo em minha vida. Tive a oportunidade de estudar piano no Conservatório de Tatuí/SP por 4 anos. Na adolescência participei de grupos teatrais aqui em Itapê e Campinas, sempre fui muito ligada para o lado das artes.

Quando estava cursando o magistério, já tinha o objetivo centralizado de cursar uma faculdade de arte. Foi um curso sem muita "direção", aprendi trabalhando, informando, pesquisando...

O SESI foi uma entidade a qual me ensinou a pesquisar, estudar, refletir e ampliar conhecimentos, buscar um novo olhar para o ensino da arte.

Hoje sou realizada no que faço e o ensino da arte amadureceu muito no meu olhar, sentindo que para os alunos a arte está tendo significado...

Narrativa 09

unesp

Instituto de Artes

Campus de São Paulo

PESQUISA- FORMAÇÃO ARTICULADA COM AS HISTÓRIAS DE VIDA -ENSINO DE ARTE – MESTRADO
AMÉLIA NATALINA CONSTANTE GARCIA –
ORIENTADORA : LUIZA HELENA CHRISTOV
NOME DO PROFESSOR: Ana Paula & LO' Angelo
CENTRO EDUCACIONAL: 221 CIDADE: Sto André DATA: 21/08/06

HISTÓRIA DE VIDA COM ARTE-EDUCAÇÃO

Desde que me conheço por gente, a arte faz parte da minha vida, sempre gostei de criar, desenhar, pintar e principalmente ver Arte, e Sempre gostei de ir a museus, exposições, ver filmes de arte, fotografias, etc.

Me achava uma verdadeira crítica, pois conseguia distinguir bons trabalhos de trabalhos medíocres ou infantis, quando resolvi fazer um curso de arte contemporânea.

Neste momento conheci um verdadeiro artista e o melhor professor de arte que já tive, ele me ensinou que podemos tirar coisas boas de todos os trabalhos, mesmo aqueles que pra mim eram pífimos, ele sempre tinha uma visão positiva dos trabalhos dos alunos, às vezes era uma boa sombra, uma textura interessante, ou até um bom desenho. Ele me ensinou a ver Arte sob uma nova ótica, pois conseguia incentivar e dar esperanças a todos os alunos, em sua aula nos sentíamos verdadeiros artistas, por mais que eu soubesse que não éramos, essa ótica positiva, e de incentivar a continuar tentando é hoje a minha linha mestra com meus alunos.

Acredito que essa forma de ensinar a arte, sem preconceitos, valoriza cada ser humano, seus trabalhos e ajuda a libertar cada aluno a encontrar sua melhor expressão artística.

Narrativa 10

unesp

Instituto de Artes
Campus de São Paulo

PESQUISA- FORMAÇÃO ARTICULADA COM AS HISTÓRIAS DE VIDA -ENSINO DE ARTE – MESTRADO
AMÉLIA NATALINA CONSTANTE GARCIA –
ORIENTADORA : DRA LUIZA HELENA DA SILVA CHRISTOV
NOME DO PROFESSOR: Claudia Marques P. de Campos
CENTRO EDUCACIONAL: 069 CIDADE: São Paulo DATA: 01/03/06

HISTÓRIA DE VIDA COM ARTE-EDUCAÇÃO

O gosto pela arte manifestou-se em mim desde a infância. Primeiramente o fazer desenhos, de todos os tipos e posteriormente pintando-os.

Neste período de infância-adolescência, tendo eu forte tendência à timidez, a arte foi certamente a melhor forma de expressividade que naturalmente encontrei p/ aliviar-me.

Atualmente, ciente da postura que devo tomar diante da minha desafiante profissão de professora, tenho certeza que contribuo (talvez não à todos – os que sabe – como arte-educadora e alfabetizadora de arte.

ANEXO II

QUESTIONAMENTOS – FORMAÇÃO CONTINUADA NO SESI-SP

Questionamento da Narrativa 01

unesp

Instituto de Artes
Campus de São Paulo

PESQUISA- FORMAÇÃO ARTICULADA COM AS HISTÓRIAS DE VIDA ENSINO DE ARTE – MESTRADO
AMÉLIA NATALINA CONSTANTE GARCIA
ORIENTADORA: PROA DRA HELENA DA SILVA CORDEIRO
NOME DO PROFESSOR: Gisela Marques Berandin
CENTRO EDUCACIONAL 2461 "115" CIDADE: São Paulo DATA: 1 / 05 / 06

COMO VEJO A MINHA FORMAÇÃO NO SESI COM A ANALISTA ?

- O QUE PROVOCA ?
- O QUE ME FAZ PENSAR ?

Amélia me faz repensar a prática, induz a investigação. Ela provoca o educador a buscar soluções p/ as dificuldades reconhecidas.
TRABALHA com bastante argumentação a atividade no sentido de reconhecer a marca pessoal de cada educador.
Eu procuro buscar a marca pessoal do meu aluno (dou oportunidade p/ ESTA EXPRESSÃO EM cada atividade!

Questionamento da Narrativa 02

unesp

Instituto de Artes
Campus de São Paulo

PESQUISA- FORMAÇÃO ARTICULADA COM AS HISTÓRIAS DE VIDA -ENSINO DE ARTE – MESTRADO
AMÉLIA NATALINA CONSTANTE GARCIA –
ORIENTADORA DRA. LUIZA HELENA DA SILVA CHRISTOV
NOME DO PROFESSOR Ana Paula Galvão de França Bracini
CENTRO EDUCACIONAL 077 CIDADE Caraguatatuba DATA 28/08/06

COMO VEJO A MINHA FORMAÇÃO NO SESI COM A ANALISTA ?

- O QUE PROVOCA ?
- O QUE ME FAZ PENSAR ?

Provoca a busca de um aprendizado constante e muito enriquecedor.

Me faz pensar que devemos estar sempre nos atualizando, buscando novas formas de ensinar, fazendo assim de ensinar-aprender algo encantador.

Questionamento da Narrativa 03

unesp

Instituto de Artes
Campus de São Paulo

PESQUISA- FORMAÇÃO ARTICULADA COM AS HISTÓRIAS DE VIDA -ENSINO DE ARTE – MESTRADO
AMÉLIA NATALINA CONSTANTE GARCIA –
ORIENTADORA : LUIZA
NOME DO PROFESSORA: Lenita Silveira Lico Rodrigues
CENTRO EDUCACIONAL 565.423 CIDADE: Pres. Prudente DATA: 23/08/06

COMO VEJO A MINHA FORMAÇÃO NO SESI COM A ANALISTA ?

- O QUE PROVOCA ?
- O QUE ME FAZ PENSAR ?

• Nos encontros com a analista fazemos uma reflexão do cotidiano em que vivemos na sala de aula a nossa prática pedagógica e momentos de auto avaliação.
Provoca; a atitude de que sou capaz de realizar tirando o medo e receio de que talvez não vai dar certo
A analista prova que a Arte é capaz de mudar o cidadão e nos ajuda a realizar abrindo os olhos de universo novo, através de leituras e concepções artísticas com novos autores.
Me fez "pensar" quando "LEIO" a Leitura é fonte do meu conhecimento! adoro ler!

Questionamento da Narrativa 04

unesp

Instituto de Artes
Campus de São Paulo

PESQUISA: FORMAÇÃO ARTICULADA COM AS HISTÓRIAS DE VIDA -ENSINO DE ARTE – MESTRADO
AMÉLIA NATALINA CONSTANTE GARCIA –
ORIENTADORA : DRA. LUIZA HELENA DA SILVA CHRISTOV
NOME DO PROFESSOR: FARMOSINA B.M. FRANCISCO
CENTRO EDUCACIONAL 416 CIDADE S.B.CAMPO DATA 21 / 8 /2006

COMO VEJO A MINHA FORMAÇÃO NO SESI COM A ANALISTA ?

- O QUE PROVOCA ?
- O QUE ME FAZ PENSAR ?

É muito importante para mim a formação na Rede SESI. É um local em que posso trocar informações e experiências com os nossos pares.

Sempre que tenho a formação faço reflexões sobre minhas aulas, meu plano, minhas avaliações.

Minhas ações no plano de aula e na sala de aula estão sempre em mutação, porque estou sempre recebendo e trocando principalmente as experiências.

Questionamento da Narrativa 05

unesp

Instituto de Artes
Campus de São Paulo

PESQUISA: FORMAÇÃO ARTICULADA COM AS HISTÓRIAS DE VIDA. ENSINO DE ARTE – MESTRADO
AMELIA NATALINA CONSTANTE GARCIA –
ORIENTADORA: DRA. LUIZA HELENA DA SILVA CHRISTOV
NOME DO PROFESSOR: Angela Crgano Tessato
CENTRO EDUCACIONAL: 185 CIDADE: Barretos DATA: 24/10/2006

COMO VEJO A MINHA FORMAÇÃO NO SESI COM A ANALISTA ?

- O QUE PROVOCA ?
- O QUE ME FAZ PENSAR ?

A formação com a Analista proporciona "inspiração" para atividades a serem praticadas na sala de aula, como também um espaço para uma conversa intelectualizada, onde prática e teoria são confrontadas.

Cria uma expectativa, uma vontade imensa de procurar, estudar, em saber mais.

Mais oportunidades de Bibliografias e vivências e experiências.

Questionamento da Narrativa 06

unesp

Instituto de Artes
Campus de São Paulo

PESQUISA-FORMAÇÃO ARTICULADA COM AS HISTÓRIAS DE VIDA -ENSINO DE ARTE – MESTRADO
AMÉLIA NATALINA CONSTANTE GARCIA
ORIENTADORA: DRA LUCIA HELENA DA SILVA COKLETOV
NOME DO PROFESSOR: Jorge L. A. Faria
CENTRO EDUCACIONAL: 393 CIDADE: Guaianases DATA: 01 / 08 / 06

COMO VEJO A MINHA FORMAÇÃO NO SESI COM A ANALISTA ?

- O QUE PROVOCA ?
- O QUE ME FAZ PENSAR ?

Provoca reflexões positivas que me fazem observar melhor as expectativas e a forma de como devo passá-las no processo educacional. É um pouco difícil para mim, pois ainda estou me acostumando com o sistema do SESI. Nós não tínhamos o hábito de pensar em 4 linguagens, às vezes não dá tempo em bimestres curtos e com festas e feriados, o trabalho "qualra" um pouco.

É bom pensar que posso melhorar sempre com a ajuda dos colegas, da coordenação e principalmente da ANALISTA, que até agora tenho tido muito material escrito e vivido.

Questionamento da Narrativa 07

unesp

Instituto de Artes
Campus de São Paulo

PESQUISA- FORMAÇÃO ARTICULADA COM AS HISTÓRIAS DE VIDA -ENSINO DE ARTE – MESTRADO
AMÉLIA NATALINA CONSTANTE GARCIA –
ORIENTADORA – DRA. LUIZA HELENA DA SILVA CHRISTOV
NOME DO PROFESSOR: Valeria Rodrigues Santos
CENTRO EDUCACIONAL: 303 CIDADE: Arcos DATA: 25/05/06

COMO VEJO A MINHA FORMAÇÃO NO SESI COM A ANALISTA ?

- O QUE PROVOCA ?
- O QUE ME FAZ PENSAR ?

- Provoca reflexões e questionamentos de como faço parte desta construção do aluno; como contribuo para esta formação.

– Me faz pensar que o meu conhecimento ainda está sendo construído e que preciso buscá-lo com mais critério quanto o que tenho como expectativas para os ciclos.

Questionamento da Narrativa 08

unesp

Instituto de Artes
Campus de São Paulo

PESQUISA: FORMAÇÃO ARTICULADA COM AS HISTÓRIAS DE VIDA -ENSINO DE ARTE – MESTRADO
AMÉLIA NATALINA CONSTANTE GARCIA –
ORIENTADORA : DRA. LIVIA HELENA DA SILVA CHRISTOV
NOME DO PROFESSOR Adriana Ortiz de Camargo
CENTRO EDUCACIONAL 124 CIDADE Itapetininga DATA 12/05/2006

COMO VEJO A MINHA FORMAÇÃO NO SESI COM A ANALISTA ?

- O QUE PROVOCA ?
- O QUE ME FAZ PENSAR ?

A primeira sensação é de insegurança quanto ao conteúdo abordado; durante o desenvolvimento da formaprof a analista nos transmite segurança quanto ao trabalho que desenvolvemos e ampliação dos conhecimentos quanto ao "novo olhar" que devemos desenvolver nos alunos.

Questionamento da Narrativa 09

unesp

Instituto de Artes
Campus de São Paulo

PESQUISA- FORMAÇÃO ARTICULADA COM AS HISTÓRIAS DE VIDA -ENSINO DE ARTE – MESTRADO
AMÉLIA NATALINA CONSTANTE GARCIA –
ORIENTADORA : LUIZA HELENA CHRISTOV
NOME DO PROFESSOR: Ana Paula Santana D'Angelo
CENTRO EDUCACIONAL: 231 CIDADE: Sto. André DATA: 21/08/06

COMO VEJO A MINHA FORMAÇÃO NO SESI COM A ANALISTA ?

- O QUE PROVOCA ?
- O QUE ME FAZ PENSAR ?

Como essa é minha 2ª formação ainda não tenho uma opinião muito bem definida, mas gosto muito da 1ª, pois pude perceber que a forma que eu penso e faço e ensino a arte é bem parecida da visão do analista e consequentemente do Sesi, o que me deixou bastante satisfeita.

E gostei muito das dicas que são passadas, para que possamos repensar ~~minhas~~ as aulas, pois muitas vezes sabemos o que ensinar, porém a forma de ensinar pode ser melhorada.

Questionamento da Narrativa 10

unesp

Instituto de Artes
Campus de São Paulo

PESQUISA- FORMAÇÃO ARTICULADA COM AS HISTÓRIAS DE VIDA -ENSINO DE ARTE – MESTRADO
AMÉLIA NATALINA CONSTANTE GARCIA –
ORIENTADORA : DRA. LUIZA HELENA DA SILVA CHRISTOV
NOME DO PROFESSOR: Claudia Marques Pereira de Campos
CENTRO EDUCACIONAL: C69 CIDADE: São Paulo DATA: 01/08/06

COMO VEJO A MINHA FORMAÇÃO NO SESI COM A ANALISTA ?

- O QUE PROVOCA ?
- O QUE ME FAZ PENSAR ?

Vejo minha formação com a analista como algo essencial que levanta-me o astral, a moral, surgindo novas idéias e conceitos. Saio do encontro feliz por ter escolhido a arte (ou ela me escolheu?) Como sendo o sustento inerente ao homem, em todos os sentidos, mesmo ele não estando ciente

ANEXO III

IMAGENS ASSOCIADAS À FORMAÇÃO CONTINUADA

Imagem A da Narrativa 01

Imagem B da Narrativa 02

unesp

Instituto de Artes
Campus de São Paulo

PESQUISA- FORMAÇÃO ARTICULADA COM AS HISTÓRIAS DE VIDA -ENSINO DE ARTE – MESTRADO
MESTRANDA :AMÉLIA NATALINA CONSTANTE GARCIA –
ORIENTADORA DRA. LUIZA HELENA DA SILVA CHRISTOV
NOME DO PROFESSOR Ana Paula Galvão de França Brachini
CENTRO EDUCACIONAL 077 CIDADE Caraguatatuba DATA 28/08/2016

IMAGENS ASSOCIADAS À FORMAÇÃO : Fotos, Colagens, Desenhos, Gravuras.

Imagem C da Narrativa 03

unesp Instituto de Artes

Campus de São Paulo

PESQUISA- FORMAÇÃO ARTICULADA COM AS HISTÓRIAS DE VIDA -ENSINO DE ARTE – MESTRADO
AMÉLIA NATALINA CONSTANTE GARCIA –
ORIENTADORA : LUIZA
NOME DO PROFESSOR: Lenita Silveira Dias Rodrigues
CENTRO EDUCACIONAL 423 CIDADE Pres. Prudente DATA 23/08/06

IMAGENS ASSOCIADAS À FORMAÇÃO : Fotos, Colagens, Desenhos, Gravuras.

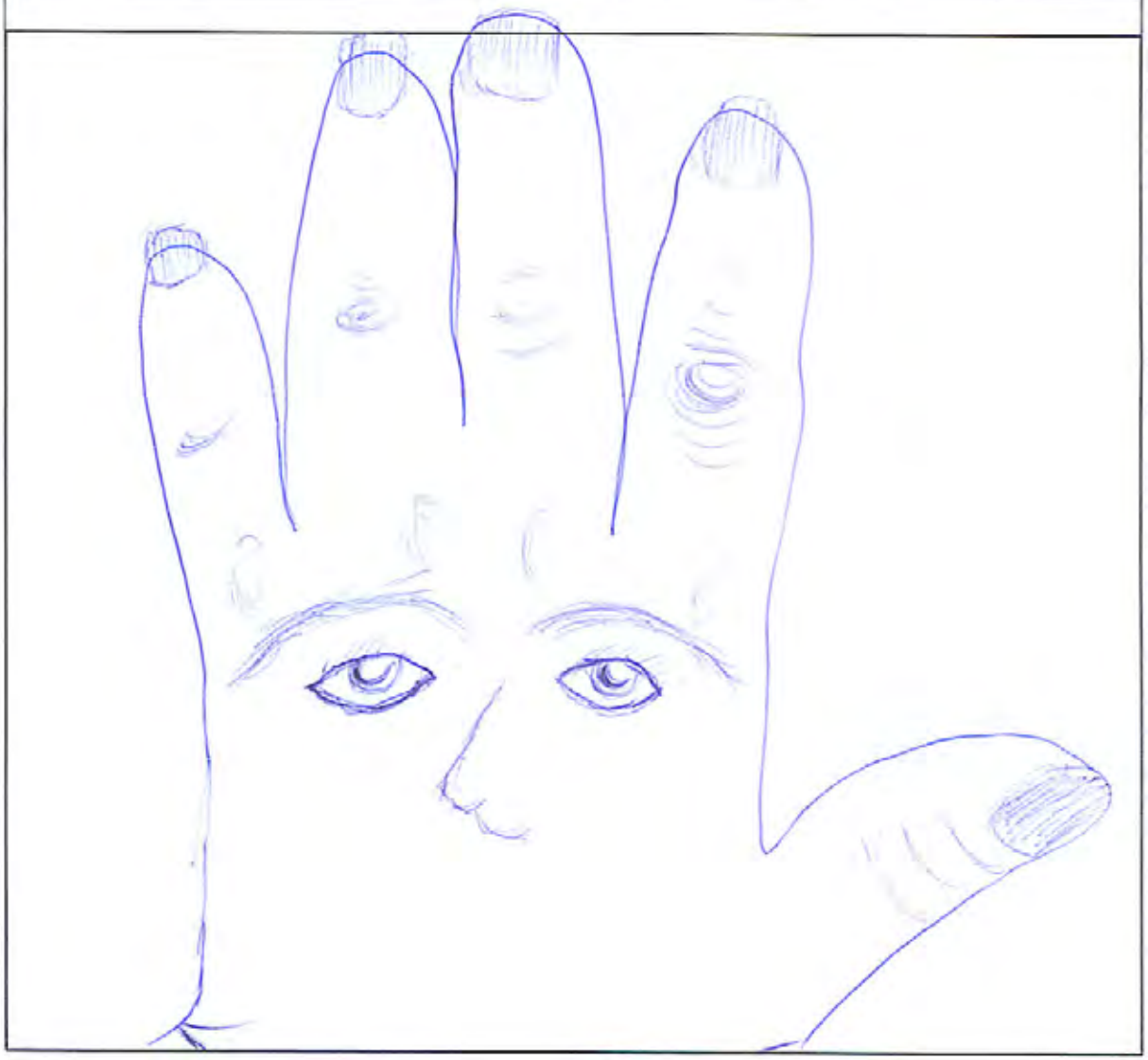


Imagem D da Narrativa 04

unesp

Instituto de Artes
Campus de São Paulo

PESQUISA- FORMAÇÃO ARTICULADA COM AS HISTÓRIAS DE VIDA -ENSINO DE ARTE – MESTRADO
MESTRANDA :AMÉLIA NATALINA CONSTANTE GARCIA –
ORIENTADORA : DRA. LUIZA HELENA DA SILVA CHRISTOV
NOME DO PROFESSOR:.....
CENTRO EDUCACIONAL:.....CIDADE.....DATA...../...../.....

IMAGENS ASSOCIADAS À FORMAÇÃO : Fotos, Colagens, Desenhos, Gravuras.

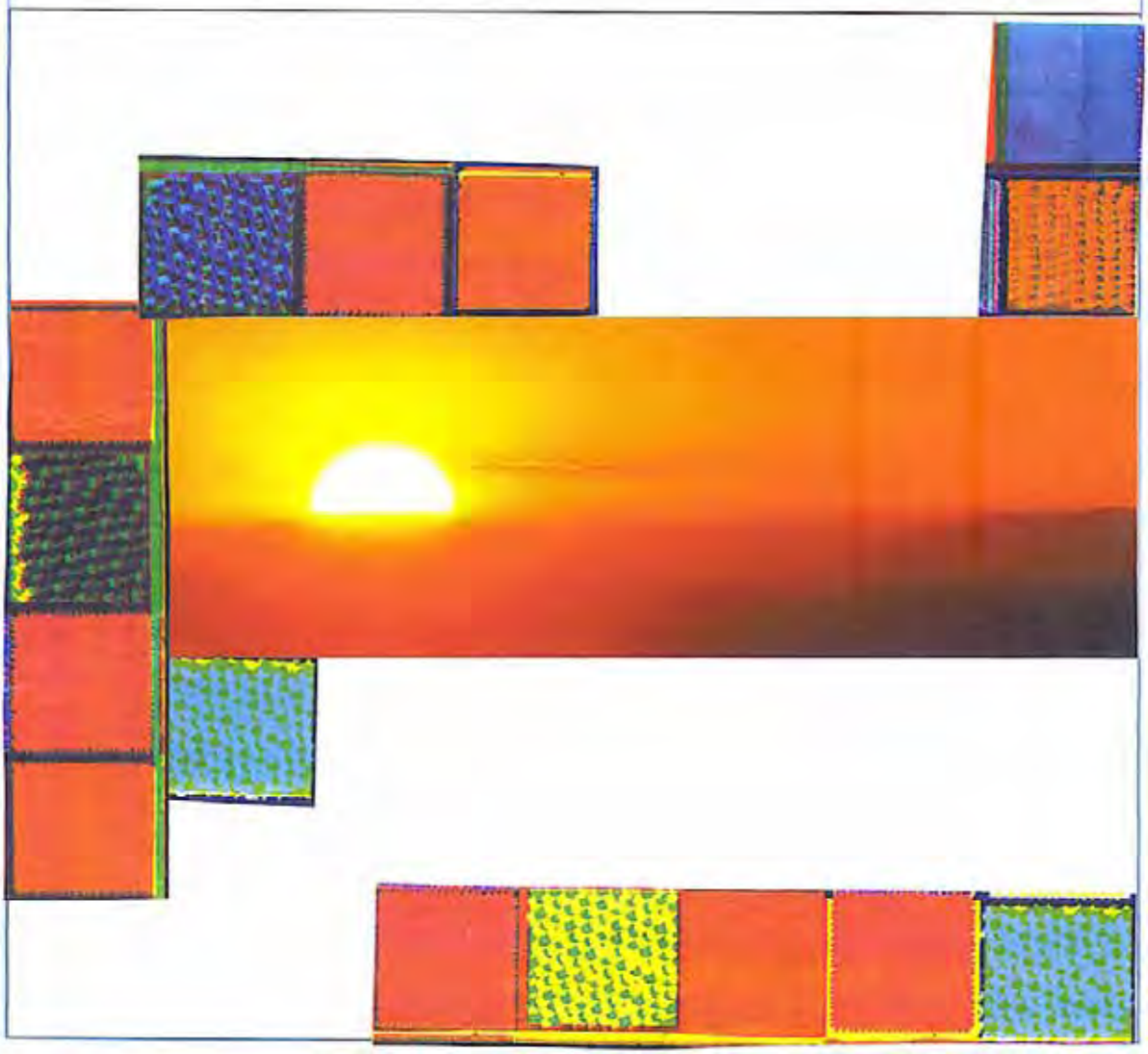


Imagem E da Narrativa 05

unesp

Instituto de Artes
Campus de São Paulo

PESQUISA- FORMAÇÃO ARTICULADA COM AS HISTÓRIAS DE VIDA -ENSINO DE ARTE – MESTRADO
MESTRANDA: AMÉLIA NATALINA CONSTANTE GARCIA –
ORIENTADORA: DRA. LUIZA HELENA DA SILVA CHRISTOV
NOME DO PROFESSOR: Angela Crespo Possato
CENTRO EDUCACIONAL: 189 CIDADE: Barretos DATA: 24/10/96

IMAGENS ASSOCIADAS À FORMAÇÃO : Fotos, Colagens, Desenhos, Gravuras.

Imagem F da Narrativa 06

unesp

Instituto de Artes
Campus de São Paulo

PESQUISA- FORMAÇÃO ARTICULADA COM AS HISTÓRIAS DE VIDA -ENSINO DE ARTE – MESTRADO
MESTRANDA: AMÉLIA NATALINA CONSTANTE GARCIA –
ORIENTADORA: DRA. LUIZA HELENA DA SILVA CHRISTOV
NOME DO PROFESSOR JORGE LUIZ ALVES DE FARIA
CENTRO EDUCACIONAL 398 CIDADE GUARULHOS DATA 01/08/06

IMAGENS ASSOCIADAS À FORMAÇÃO : Fotos, Colagens, Desenhos, Gravuras.

Imagem G da Narrativa 07

Imagem H da Narrativa 08

unesp

Instituto de Artes
Campus de São Paulo

PESQUISA- FORMAÇÃO ARTICULADA COM AS HISTÓRIAS DE VIDA -ENSINO DE ARTE – MESTRADO
MESTRANDA :AMÉLIA NATALINA CONSTANTE GARCIA –
ORIENTADORA : DRA. LUIZA HELENA DA SILVA CHRISTOV
NOME DO PROFESSOR: Adriana Ortiz de Camargo
CENTRO EDUCACIONAL: 124 CIDADE: Itapetininga DATA: 12/05/2006

IMAGENS ASSOCIADAS À FORMAÇÃO : Fotos, Colagens, Desenhos, Gravuras.

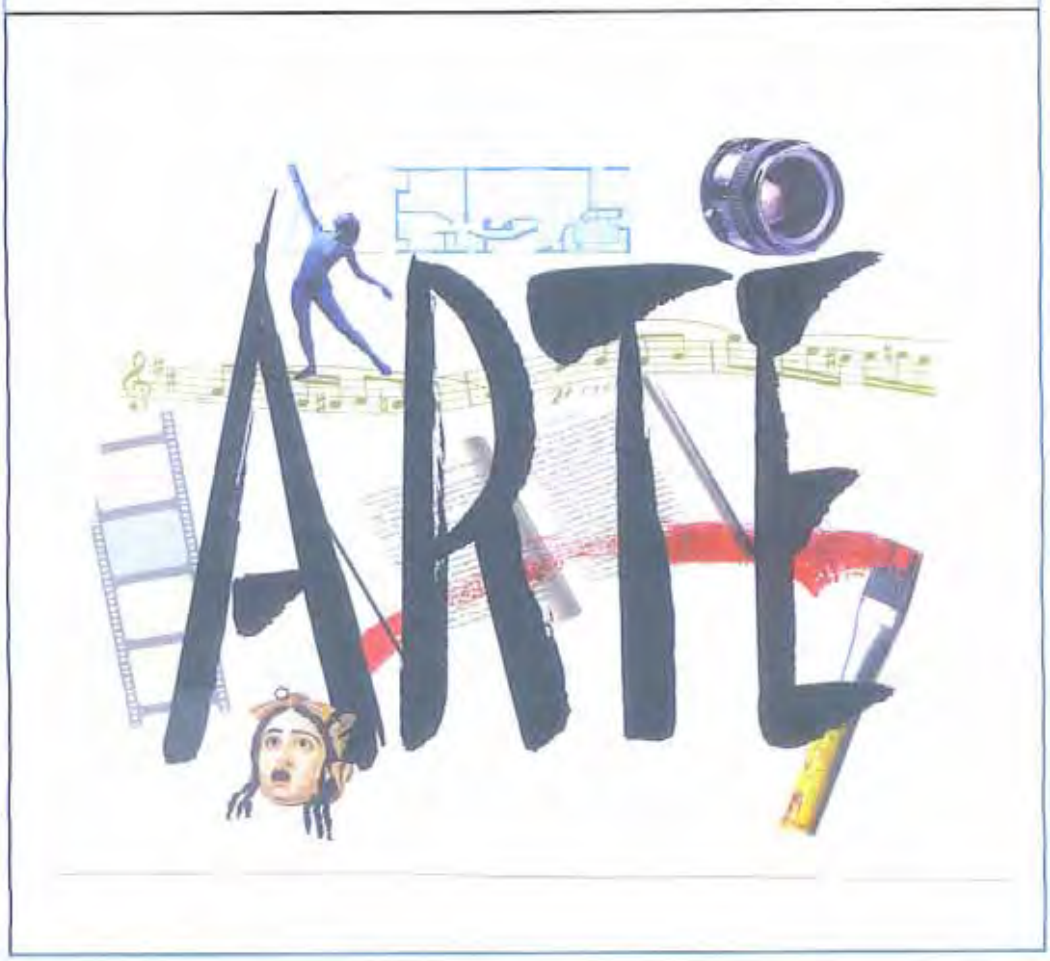


Imagem I da Narrativa 09

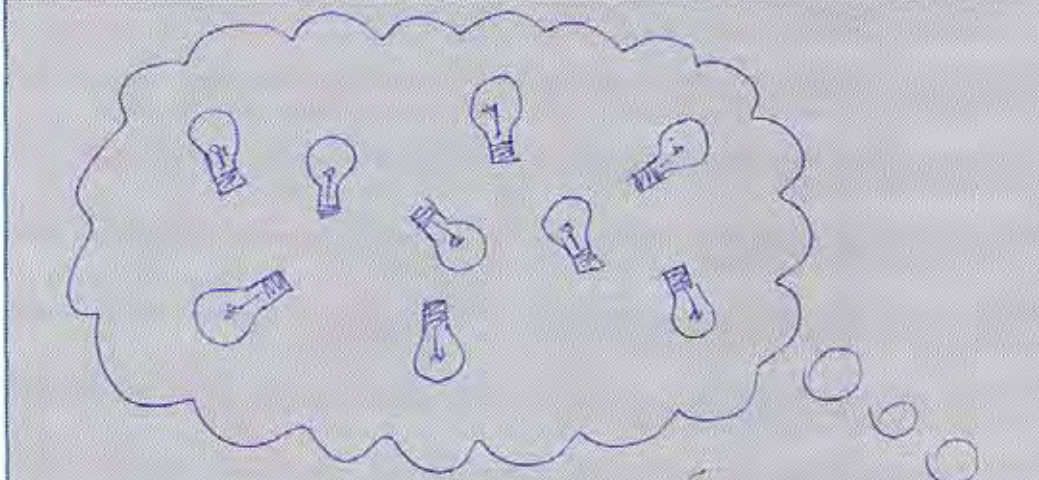
unesp

Instituto de Artes
Campus de São Paulo

Ana Paula Santana D'Angelo - 221 - 5th Audi - 21/08

PESQUISA- FORMAÇÃO ARTICULADA COM AS HISTÓRIAS DE VIDA -ENSINO DE ARTE – MESTRADO
MESTRANDA :AMÉLIA NATALINA CONSTANTE GARCIA –
ORIENTADORA - DRA. LUIZA HELENA DA SILVA CHRISTOV
NOME DO PROFESSOR.....
CENTRO EDUCACIONAL:..... CIDADE..... DATA: / /

IMAGENS ASSOCIADAS À FORMAÇÃO : Fotos, Colagens, Desenhos, Gravuras.



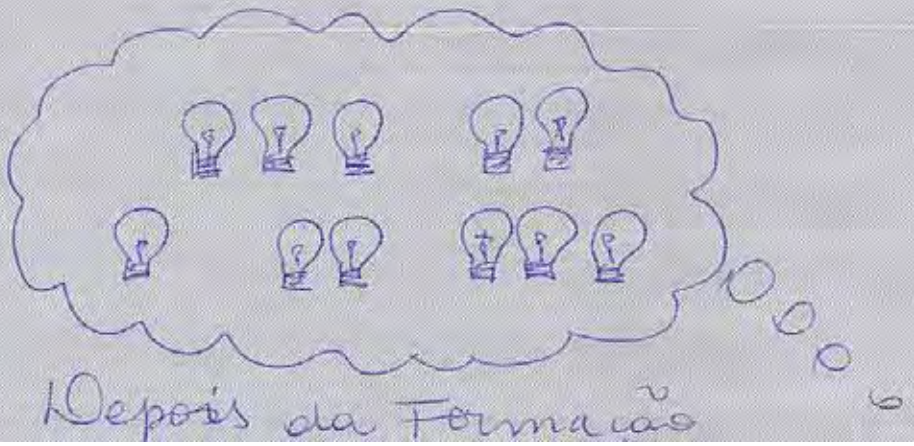


Imagem J da Narrativa 10

unesp

Instituto de Artes
Campus de São Paulo

PESQUISA- FORMAÇÃO ARTICULADA COM AS HISTÓRIAS DE VIDA -ENSINO DE ARTE – MESTRADO
MESTRANDA :AMÉLIA NATALINA CONSTANTE GARCIA –
ORIENTADORA : DRA. LUIZA HELENA DA SILVA CHRISTOV
NOME DO PROFESSOR Claudia H.P. Campos
CENTRO EDUCACIONAL: CEU ... CIDADE São Paulo DATA: 19/04/07

IMAGENS ASSOCIADAS À FORMAÇÃO : Fotos, Colagens, Desenhos, Gravuras.

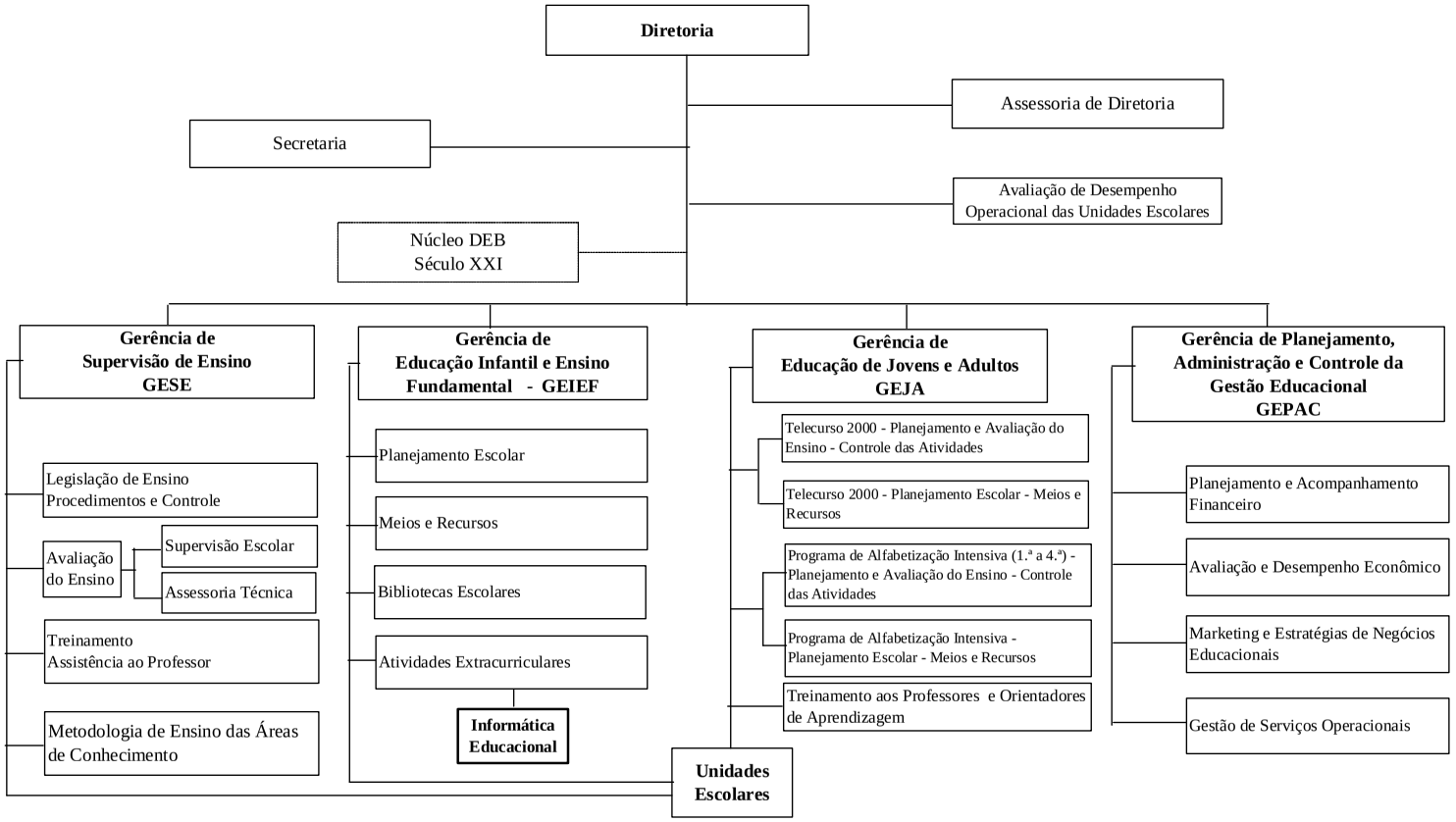
ANEXO IV

ORGANOGRAMA ESTRUTURAL DA DIRETORIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA – SESI-SP

QUADRO A

Quadro A

ORGANOGRAMA ESTRUTURAL - DEB 2000



Quadro A – Ogranograma da Diretoria de Educação Básica – SESI – SP. Fonte : Guia de normas técnicas administrativas para as unidades escolares do SESI-SP. Capítulo X – Estrutura Organizacional dos Departamentos do SESI-SP, siglas, telefones e e-mails, pág. 243 – ano: 2003.